DEZ HISTÓRIAS DE VIDA
DE MUITAS MAIS MULHERES
Açores

*Dez Histórias de Vida de Muitas Mais Mulheres*

Coordenação: Clarisse Canha, Maria Simões

Equipa editorial: Carla Veríssimo, Clarisse Canha, Maria Simões, Sandra Aguiar, Sara Furtado do Canto e Susana Silva

Revisão: Carla Veríssimo

Fotografias: Maria Simões

Design gráfico: Katarina Rodrigues

Paginação, impressão e acabamento: SEXTACOR, Soluções Gráficas, Lda.

Edição: UMAR - União de Mulheres Alternativa e Resposta - Projecto Memória e Feminismos - A desocultar quotidianos de mulheres
Rua da Cozinha Económica, Bloco D, Espaços 30M e 30N
Alcântara-Rio, 1300-149 Lisboa
Tel: 21 887 30 05
Email: umar.sede@sapo.pt
Páginas: www.umarfeminismos.org / www.cdocfeminista.org

Depósito legal: 395900/15
Tiragem: 200 exemplares
Junho de 2015

Os textos presentes nesta edição não seguem o novo acordo ortográfico.

Agradecemos às mulheres entrevistadas pelo testemunho, pela vida, pela aceitação a colaborar neste trabalho.

E também às famílias das entrevistadas que nos receberam em suas casas para a realização das entrevistas que culminaram nestas histórias.

E, ainda, dois agradecimentos muito especiais:

A Andrés Plaza, Mário Roberto Carvalho, Mateus Boga e Filipe Gomes pelo fundamental apoio técnico à realização do documentário;

À Maria José Raposo - UMAR-Açores, companheira de trabalho, que contribuiu em vários momentos com o seu incentivo e energia.

Este livro foi financiado pela Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG) no âmbito do projecto: "Memória e Feminismos - A Desocultar quotidianos de mulheres".

# Índice

História de Vida de Clara Queiroz ..... 14

História de Vida de Conceição Aguiar ..... 36

História de Vida de Conceição Chaves ..... 54

História de Vida de Fátima Madruga ..... 70

História de Vida de Fátima Sousa ..... 80

História de Vida de Gabriela Mota Vieira ..... 90

História de Vida de Lurdes Lindo ..... 106

História de Vida de Márcia Santos ..... 120

História de Vida de Maria do Espírito Santo Ferreira ..... 134

História de Vida de Virgínia Pereira ..... 146

## Prefácio
## por Clarisse Canha

Este livro é produto, entre outros, do projeto Memória e Feminismos: a desocultar quotidianos de mulheres, um projecto da UMAR coordenado por Teresa Sales. Foi desenvolvido em duas regiões: nos Açores (este livro) e no Sudoeste Alentejano (outro livro).

Nas histórias de vida destas mulheres, trazidas à luz do dia, podemos perceber memórias, caminhos e vivências de mulheres do nosso país, antes e após o 25 de Abril.

Todas na primeira pessoa, mas reflectindo histórias de tantas outras mulheres dos Açores e de outras partes do mundo.

Ao ouvir e, depois, ao ler, estas histórias, especiais, sentimos que nos revemos nelas. E porque uma ilha é o mundo, onde vivem pessoas, aqui ou ali, há sempre um ponto que nos lembra a nossa própria vida, ou a vida de outras mulheres que conhecemos, ou de quem ouvimos falar.

Partilhamos um pouco do nosso sentir no decorrer do trabalho de recolha, cuja experiência, também, passa a fazer parte da nossa própria história de vida.

A Maria Simões, com a sua sensível máquina de filmar, foi captando cada uma delas.

Uma última referência, lembrando palavras de Fina D'Armanda, ao falar das invisibilidades das mulheres: "É preciso meter o quotidiano na história em geral."

As notas que se seguem começaram a ser escritas no dia da realização da última entrevista.

Encerrou-se, assim, uma fase deste projeto, com chave de ouro.

Estavam cumpridas as entrevistas de recolha das DEZ HISTÓRIAS DE VIDA DE MUITAS MAIS MULHERES.

**Clara Queiroz**, nascida em Lisboa, escolheu viver aqui, nos Açores, na ilha de São Miguel. Aceitou a realização da entrevista com a maior sobriedade e simplicidade, na sua moradia, bem no centro de Ponta Delgada. Conversou da sua extensa vida, do hoje e do ontem, do antes do 25 de Abril, das suas vivências, em Lisboa, Edimburgo e São Miguel. Mulher do mundo que vive na ilha.

**Conceição Aguiar**, natural do Faial, onde desenvolveu sonhos e atividades. Mudou, há poucos anos, para Alcochete. É assim que se pode dizer? Ou antes dizer que arranjou casa no continente, onde vivem os filhos e os netos... Conceição, professora, falou com fluidez, solta e de forma corrida das suas vivências, da infância em que, filha única, "dava escola às bonecas". Falou da juventude, dos estudos, da profissão que não tinha escolhido.

**Conceição Chaves**, de Santa Maria, trouxe-nos o doce cheiro a pão, biscoitos de orelha e o colorido de tapeçarias expostas na sala dos teares. Foi na Cooperativa de Artesanato que nos brindou com a sua deliciosa entrevista, falando com entusiasmo e alegria do seu percurso, do sonho cooperativo realizado e dos projetos que mais marcaram a sua vida.

**Fátima Madruga**, nascida no Pico. Estando em Lisboa, vive entre laços, fios e telas. Entre o mundo e o Pico. Fátima partilhou connosco as suas histórias e palavras, feitas de muita emoção. Falou da sua vida e dos seus sonhos, da mulher e artista que "quer mudar o mundo", quer ser povo. Da mulher que gostaria de fazer uma escola, sem paredes, uma escola sem escola.

**Fátima Sousa**, de São Miguel. Numa das ruas de Ponta Delgada, fica a sua casa, em grande parte recuperada pelas suas mãos, articulando o seu novo projeto de vida com o seu novo espaço. Vivendo nova vida, também ela renovada. Para a filmagem, escolhemos um cantinho de conforto, que nos oferecia melhor luz, como aliás aconteceu em todas as entrevistas. Fátima abriu, desde logo, a sua alma, expondo com orgulho a sua caminhada na procura daquela liberdade que rejeita a prisão e as amarras de alguém que nos tentou trancar dentro da nossa casa. A sua experiência evidencia outras experiências e caminhadas coletivas, como a de mulheres contra a violência, chamada, doméstica.

**Gabriela Mota Vieira**, de São Miguel. Enfermeira de profissão e de personalidade. Recebeu-nos na sua casa. Escolheu-se a sala com mais luz para filmar. Gabriela, vida e vivências diversas. História especial, como todas as outras, fala de diferentes facetas da sua vida, em que o Clube Naval assume grande importância. Fala da sociedade, da revolução que já foi (74) e da revolução que faz falta. Agora!

**Lurdes Lindo**, de São Miguel. Chegamos a sua casa, rodeada de terrenos, onde se podia ver uma vaca a pastar. Lurdes recebeu-nos com a sua simpatia, acompanhada pelo seu marido. Vê-se que o artesanato é muito da sua vida, da sua alma. Na sala de tecelagem, num cantinho junto à janela que deixava entrar a luz, foi aí que decorreu a entrevista. Ficámos a saber que para além desta arte nata, na vida de Lurdes, a lavoura foi também atividade sua. Objectividade e simplicidade são uma imagem de marca desta mulher.

**Márcia Santos**, nascida no Faial e a viver em Santa Maria, para onde migrou e onde vive por opção. Márcia, mulher jovem, demonstrando, na sua conversa, uma coerência pessoal com um estilo de vida, onde integrou, desde há 6 anos, a presença do filho, a sua função de mãe. Partilhou connosco, tudo isso.

**Maria do Espírito Santo**, de São Miguel. Em Rabo de Peixe, a rua animada espelhava o ambiente da freguesia piscatória. Maria recebeu-nos com aquele entusiasmo muito peculiar. Na casa esmerada esperava-nos para a entrevista. O local escolhido foi um cantinho do quintal, onde a luz do dia garantia o ambiente da filmagem, desta mulher de coração grande, de mãos cheias, rica de trabalhos. Trabalhos da casa, em terra, pensando e actuando no mar. Trabalhos a que ela, como outras mulheres na pesca, chamam "ajuda". Maria, Mulher na pesca, contou como cresceu a par com o crescimento da visibilidade das mulheres e da igualdade no sector piscatório!

**Virgínia Pereira**, da Terceira. Quem tem uma vida grande, como a Virgínia, e se dispõe a falar-nos das suas experiências de vida, com empenho e cuidado, só podia presentear-nos com uma entrevista particularmente rica e marcante. Fomos a Ermesinde, porque é lá que vive agora. Esta foi a primeira das entrevistas que decorreu fora dos Açores, levando-nos a repetir o percurso de algumas mulheres que, tendo também deixado a ilha, se reencontram na viagem e na mudança por opção.

Açores, Junho 2015

## Na hora da SATA ou… O 'Fado das Cinco'!
## por Carla Veríssimo

As Mulheres destas Histórias são mais do que os seus nomes. São Cidadãs. Mães. Companheiras. Avós. São boas. São Mulheres.

Riram, falaram, cantaram, brincaram, deram escola às bonecas. Brincaram com pevides de alfarroba e pedras. Comeram favas de musgo! Foram crianças. E a sua infância foi muito especial.

Tocavam, jogavam às cartas. Faziam uma barulha danada, mas era tão bonito.

Não tinham água, nem luz eléctrica, frigorífico, micro-ondas ou cafeteira. Ficaram com os narizes cheios de fumo preto. Esperaram a vez para lavar a roupa. Lavaram roupa à mão, no tanque, na ribeira. Foram ao moinho. Foram à fonte buscar água. Criaram os irmãos. Estudaram. Tiveram boas notas.

Fizeram algumas tolices, dizem elas. Apaixonaram-se. Tiveram amores à primeira vista. Tiveram filhos, netos. Fizeram teatro. Fizeram, assim, coisas boas e bonitas.

Viveram em tempos de guerra, fome e miséria. Viveram ambientes reaccionários, repressões. Foram oprimidas. Tiveram medo. Foi a paranóia, o pandemónio. Foram acusadas. Foram "monstros" num regime fascista.

Ajudaram sogros, maridos e filhos. Trabalharam que se fartaram. Arduamente. Trabalharam a troco de nada ou a troco para todas. Sacrificaram-se, mas nunca esmoreceram. Fundaram cooperativas, fizeram lã, malha, bordados, costuraram, teceram. Fizeram biscoitos e pão caseiro. Amassaram o pão que o povo comeu!

Desde a ciência, à política, passando pelas questões sociais, sujaram as mãos com porcaria das vacas. Não tinham batatas ia com arroz, não tinham arroz ia com massa. Passaram muito, mas estão aqui e agora têm paz. Tiveram uma vida mais… Sabemos lá. Não sabemos.

Sejam técnicas, cozinheiras, cientistas, pintoras, padeiras, escritoras, enfermeiras, professoras, tecedeiras, pescadoras, biólogas ou marias-rapaz, foram mulheres.

Levaram muitos 'nãos' e baldes de água fria. Mas lutaram! Arranjaram alternativas. Ultrapassaram situações. Não ficaram fechadas em casa. Fizeram outros trabalhos, fizerem qualquer coisa!

Tiveram força suficiente para a luta. Dizem que não sabem. Eu sei!

Olharam sempre em frente. Não pararam no tempo. Nunca se pára, vai-se sempre em frente.

Apostaram na altura certa. Arriscaram muito, mas nunca deram a passada muito larga. Arriscaram com cabeça e pés. Ficaram ali, de pedra e cal. Foram ousadas e ingénuas. Foram aprendendo... Aprenderam muitas coisas. Engoliram muitos sapos. Perderam tempo com coisas que chegaram ao fim. Foram alienadas, tiveram os seus abalos de terra, os seus tremeliques emocionais.

Não desvaneceram, não desistiram, não desanimaram. Mesmo que estivesse tudo torto e retorto! Mesmo que o médico botasse tubo, tirasse tubo, carregasse mais um tubo. Foram e são como os gatos, têm 7 fôlegos. Estão muito mal, mas não morrem. Enfrentaram tudo com uma coragem especial. Acreditaram que dava. E deu. E esperamos que continue a dar. Sempre.

Foram mulheres pensadoras, importantes no mundo. Meteram as mãos na massa. Meteram as mãos na massa, a sério. Questionaram muito. São mulheres para isso e para mais do que isso. Não deixaram que lhes cortassem as asas e as formatassem. Saíram porta fora, correndo o risco de chegar a casa e levar um enxoto de moscas!

Não podiam andar, mas andavam. Mesmo com desgraças, foram alegres. Disseram coisas para rir que metia medo, mesmo quando não podiam falar.

Libertaram-se da cintura para baixo e da cintura para cima. Deu-se-lhes o imperativo categórico!

Seguiram o caminho do desenrascanço de vida, caminhos criativos, com consciência de se ser mulher. E com a sua criatividade, feminina, maternal, regional e até um bocado afatimada, construíram vidas especiais, diferentes, curiosas e interessantes. Viveram fases lindíssimas!

Passaram estes anos todos, a fazer anos [risos] e trazem-nos histórias de vida.

Trazem-nos um sorriso, uma gargalhada e uma lágrima, boa, de emoção. São poéticas. Enchem-nos o coração e a alma. Ficam connosco. Viajam connosco. E nós com elas.

Que, com as palavras delas, esta mensagem se espalhe a tantas mais mulheres do mundo!

Se é para pintar em preto e não se tem como, faça-se branco no branco. O importante é dar sempre a volta à coisa e quem sabe trabalhar dá a volta à história.

São Mulheres, com certeza!

São de um universo que não tem base. Mulheres com percursos notáveis, com dons. Fizeram e deixaram grandes obras. Foram, e são, umas privilegiadas!

E agora, estão a usufruir disto tudo! Faziam tudo (ou quase tudo) outra vez.

Deixam uma sugestão a todas as pessoas do mundo: conversar mais.

As suas palavras são qualquer coisa de muito significado. As suas histórias, e as de tantas outras mulheres, são como um parto. Mulheres que nunca tinham tido ocasião de dizer estas coisas, e tinham que as dizer!

Queriam salvar o mundo. Serão sempre açorianas.

Construam-se casas que sejam bocados de nós. Ponham-se flores à janela! E façamos o nosso jardim, lindo!

Espero bem que esta nossa conversa sirva para alguma coisa!

A vida vai rodando. Quem sabe, um dia, se nos vamos reunir de novo. É só esperar para ver. [risos].

Mulheres:

Queiram mudar o mundo, pensar o mais livre possível. Queiram muito fazer coisas! Queiram dar furos a estudantes, viver uma vida sem ficar à rasca. Ser pessoas com uma cabeça. Criem juízo! Não fiquem quietinhas para serem 'boas meninas'. Não. Não. Não sejam "Outro tijolo no muro", nem salsichas a sair num tapete. Façam escolas sem paredes, escolas sem escolas. Acreditem muito naquilo que querem. Façam dos sonhos realidades. Aceitem as decisões que tomam como as mais certas na altura. Sintam-se tão ridículas! Queiram continuar a mudar o mundo! E que tudo dê certo.

Não tenham cura. Sejam irremediavelmente libertárias. Não vão ter cura! É crónico. É uma doença. Podem crer. E, às vezes, pega-se! Isso tem ricochete.

Sofram por convicção ou por consequência. Quando não houver volta a dar, não fiquem paradas. Isso não! Tenham muito claro como é que devia ser o mundo. E se não tiverem muito claro é porque está nublado!

O mundo devia ser uma comunidade harmoniosa onde estivéssemos e falássemos à vontade. O mundo tem de ser toda uma casa, arrumada ou desarrumada, tanto faz. Ou mesmo 'não casa' e alguém chegar e falar connosco. Só. Assim. E nós ouvirmos e falarmos também. Só. Assim.

Fazer com que seja assim, porque senão nunca será.

Temos mesmo de fazer força. E muita. E toda. E mais do que força. Saber o que fomos, até aqui. Saber o devemos ser, daqui para a frente. Querer dar um salto, um pulo enorme. Nem para a frente, nem para trás. Para nós, para aquilo que somos

como universo.

Queiram ser marias-rapaz, ter o cabelo curto, subir às árvores, pescar, ir para o calhau. Ousem vestir calças, saias, mangas à cava, casacos de cabedal, vestidos ou blusões de motard. Ousem ser olhadas.

Adorem tanto a vossa caixa de costura como a de ferramentas! Façam tudo com muita paixão. Não se calem! Quando não quiserem uma coisa, digam todas sacudidas "Não quero!" Não deixem de ser mulheres. Vão, devagarinho, mas vão, de baixo para cima. Gostem do que façam. Sejam utópicas. Leiam poemas em voz alta, peçam muitas desculpas aos autores e rasguem o papel.

Olhem para trás e sintam-se felizes. Que se inventem novas maneiras de fazer política. Que os presidentes deixem de estar lá em cima, tipo reis. Que se ouçam mais as pessoas, para aprender, com elas, a fazer coisas simples e pequenas. Filosofe-se.

Que o povo não desapareça. Que nunca deixe de existir. Nunca. Que o povo nunca morra. Haja inspiração, alegria, sol, íntimo e muita felicidade. Queiramos ser povo. Ser povo porque se quer. Porque, se não for assim, não somos o nosso universo. Não somos. Queiramos ser povo. Queiramos. E vamos ser! Um novo. Se não pudermos dançar, esta não é a nossa revolução.

## ARQUIPÉLAGO DOS AÇORES

## Um livro e um filme sobre o baile da vida
## por Maria Simões

foto de Andreia Luís

Aceitei o desafio de filmar histórias de vida de dez mulheres açorianas. E eu, que sou meia-marinheira, mal sabia em que barco estava a entrar!

Quem é a mulher açoriana? Que histórias de vida queremos contar? Com quem me vou encontrar? Que dançaremos juntas? Como representar a mulher açoriana, dispersa em nove ilhas de culturas tão diferentes, em apenas dez histórias de vida?

Procurámos, na escolha das entrevistadas, a maior diversidade possível. Encontrei uma riqueza maior do que pensei poder suportar. Creio que, por isso, dia após dia, tive surpresas mascaradas de avarias técnicas a provar que era demasiado importante o que estávamos a fazer!

Descobri cartões de memória com vontade própria, gravadores de som com obsessão pelo silêncio, câmaras de filmar a ver muito mais para além do olhar, tripés com mais do que três patas.

Trouxe para casa pedaços de alma e estou grata por ter feito parte desta aventura de filmar retalhos de histórias da vida de umas poucas mulheres a representar/recordar muitas mais. Todas as mulheres açorianas?

Delas trago a vida toda, a de ontem e a de hoje, a da realidade e do sonho, o baile das cores num arquipélago que é muito mais do que paisagem: é humanidade, vulcão, profundidade, intensidade, alegria e festa. São as garras de quem venceu e lutou, são as mulheres que, de repente, passam a ser visíveis.

Açores. 9 ilhas. 10 histórias de vida roubadas (com permissão) para a minha câmara de filmar e outras tantas memórias. Um turbilhão de emoções contido em tudo o que é ser feminina, mulher, fêmea, arte e vida.

E, depois de filmar, nasce este livro que é também o mapa de uma região. Os Açores distinguem-se também pela insularidade, afastam-se do conhecido e desconhecem-se na história. E com este livro, a mulher açoriana e a história das vidas se desocultam ... E o mundo fica mais belo!

*Ilha - O mar com um pedaço de terra ao centro*

*Continente - Pedaço de terra não rodeado de mar. Nos Açores, diz-se de Portugal continental.*

Clara Queiroz, São Miguel, 81 anos

## História de Vida de Clara Queiroz

Chamo-me Clara Queiroz. Tenho um nome mais comprido, como a maioria dos portugueses e portuguesas, mas é este que uso.

Tenho 81 anos, o que não foi escolha minha. Aconteceu, não me orgulho.

A minha infância… É claro, nasço em pleno fascismo, num ambiente estranho, num país de medos, de conversinhas pequeninas, de medos do vizinho do lado, etc. Mas, pessoalmente, tenho a sorte de ter nascido numa família fortemente antifascista. Já vinha de trás, dos meus avós, que eram republicanos e anticlericais, ainda no tempo da monarquia. Devo dizer, eu não sou propriamente anticlerical, porque o problema nem se me põe. Sou agnóstica, esse problema não faz parte das minhas angústias. Lá em casa sempre se foi contra o fascismo, sempre se falou mal do Salazar diante de mim e da minha irmã.

Só tenho uma irmã, não éramos excluídas das conversas. Seríamos excluídas de algumas de que nem nos dávamos conta, mas as conversas políticas passavam-se à nossa frente. Diziam-nos constantemente "O que se ouve cá em casa não se pode dizer lá fora, nem à melhor amiga", o que é horrível, como princípio pedagógico. É terrível, mas foi um privilégio ter vivido numa família assim. Fora isso, a minha infância foi feliz, rodeada de avó, tios, tias, primos e primas. Havia sempre muito convívio lá em casa.

### *As mulheres para entrarem numa igreja tinham que pôr um véu*

Era tudo muito repressivo, os códigos sociais eram apertadíssimos.

A maneira como as pessoas se vestiam, por exemplo, as raparigas e as mulheres não usavam calças. Nem à minha família lhe passou pela cabeça comprar-me calças, mas se fosse de calças para a rua, seria olhada pelo mundo inteiro, parariam pessoas na rua. E não estou a falar do séc. XVI nem do séc. XVII. É um bocadinho mais recente.

Quando começaram, algumas mulheres, a ousar vestir calças, em vez de saias, eram olhadas. Nas escolas era proibido, tanto para as professoras como para as alunas. Era feio andar com mangas à cava. Quer dizer, eram coisas para a praia. Na cidade havia uns hábitos sociais de puritanismo, era um puritanismo muito influenciado

pela Igreja. De resto, lembro-me, as mulheres para entrarem numa igreja tinham que pôr um véu. Se não pusessem o véu estavam a ser insultuosas, no mínimo. De forma que quando, hoje, olhamos para as burcas, de que não gostamos, eu, pessoalmente, condeno porque sei o que está por detrás desse princípio. Penso que não sou do tempo do catolicismo com burca, mas deve ter havido.

Havia códigos muito rigorosos: uma mulher não ia sozinha ao café, não ia sozinha ao cinema. Não ia sozinha, praticamente a parte alguma, porque ficava mal. Claro que estou a falar de uma burguesia. Naturalmente, no campo, também havia códigos, mas eram outros. Eram diferentes. Estou a falar da cidade e de uma certa burguesia.

Isto era em Lisboa. Eu nasci em Lisboa, nos arredores de Lisboa, mas de facto sou de Lisboa, porque nasci na Amadora. Os meus pais tinham decidido viver nos arredores, talvez por ser mais barato, não sei, mas quando eu tinha oito meses mudaram-se para Lisboa e foi o que eu conheci. Foi onde cresci e vivi.

### *A infância, antes do 25 de Abril*

Há uma adolescência também, da parte da minha família que era uma família que posso dizer, progressista, com vistas largas, etc., mas apesar de tudo, bastante repressiva no que toca, como é que hei-de dizer... a defender a mulher, a defender as meninas, porque ser mulher, ser rapariga ou ser rapaz era completamente diferente. Havia códigos. Infelizmente ainda há muitos. Os meus pais não tiveram filhos, mas se tivessem, naturalmente, também os teriam protegido. Mas teria sido uma protecção de outro tipo, certamente. Mas pronto, éramos muito protegidas no sentido de afastar os rapazinhos que podiam potencialmente oferecer algum risco de macular a reputação das meninas e foi muito sentido por mim e pela minha irmã essa protecção/repressão. Foi muito sentida por nós e revoltávamo-nos um bocado. Embora deva dizer que há aqui uma certa ambiguidade, porque tínhamos as melhores relações com os nossos pais, com o meu pai e com a minha mãe. O meu pai era uma pessoa particularmente inteligente e divertida. Irónico e nós tivemos esse privilégio das conversas dele e da atenção que ele nos dava, mas quando tocava a questões de... eu nem quero chamar sexo porque não chega sequer a esse ponto, mas quando tocava a... bailes, por exemplo. Para o meu pai era como falar em levarem-nos para o pico de uma montanha perigosa. Lá conseguíamos com muita insistência, com muitos *chaperones*, a mãe desta, a tia daquela, a avó de não sei quem, que nos acompanhavam

e garantiam que ia correr tudo bem. Terrível.

[O meu pai] protegia a reputação das meninas, com certeza. E não sei se o Freud também tem alguma palavrinha a dizer sobre isto, mas havia um verdadeiro terror dos rapazes que se aproximavam. Isso teve depois um reverso da medalha quando já era impossível fazer uma separação de sexos completa e nós tínhamos amigas e amigos. Já tínhamos 18 e 19 anos e estávamos na universidade e então houve uma táctica que até era agradável para nós e nos agradava a mim e à minha irmã que era "Sim senhor, mas cá em casa." E a minha mãe e o meu pai estavam dispostos a aturar todos os nossos amigos a entrar pela casa dentro e a comer o que fosse preciso e a ficar até às tantas. Isso já eles aceitavam porque era debaixo de supervisão.

Eu nasci em 1933. Nasci no malfadado ano do Hitler, quando o homem sobe de facto ao poder. É um ano fatídico.

A parte da política sempre foi muito liberal e curiosamente o meu pai - que era mais repressivo do que a minha mãe, era muito liberal noutras coisas. Às vezes, eles discutiam porque a minha mãe achava que não fazia mal irmos aqui ou ali e ele achava muito mal.

Como ele gostava de teatro e de cinema, achava que nós devíamos ir - fazia parte da aprendizagem e da cultura e nós íamos mais do que quaisquer outras pessoas da nossa idade, do que os nossos amigos - a espectáculos de teatro e cinema. Muitas vezes que não eram propriamente para menores de 6 anos. Mas, por exemplo, se estivéssemos no cinema ou em qualquer sítio e houvesse um rapaz que olhasse muito, eu já ficava com vontade de matar o rapaz, não é? Porque o meu pai ia dar por isso e ia fazer qualquer coisa para demonstrar que eu era uma criança.

Sempre gostei de liberdade, o que não quer dizer que fosse muito livre.

***E depois ficava cheia de vergonha...***

Cheia de vergonha e fúria e raiva. Ele dizia-me, quando estávamos nos momentos serenos, que eu era uma pessoa ansiosa de liberdade teórica. Teórica, dizia ele, mas era prática também [risos]. Bem, sempre gostei de liberdade, o que não quer dizer que fosse muito livre, mas sempre fiz o que pude, embora as amarras que a gente arranja na vida, as amarras familiares, profissionais, acabam por não nos deixar totalmente livres.

Portanto, havia aqui umas contradições. Havia uma coisa que era o conhecimento, a arte e a cultura, em que a abertura era grande e depois havia a vida, o dia-a-dia,

o quotidiano lá em casa, em que a protecção era tal que nos asfixiava bastante, que nos fazia desejar vermo-nos livres daquilo.

De resto, penso que as pessoas muito mais novas do que eu, tiveram uma repressão deste tipo e era muito vulgar as *teenagers* quererem casar-se, terem pressa em casar-se com o primeiro que lhes aparecia. Não estou a dizer que seja tão cru como isso, não estou a dizer que não houvesse sentimentos pelo meio. Mas pensava-se muito pouco antes de casar, porque era muito bom sair do jugo paterno, os pais eram uma repressão. Havia repressão em muitas famílias.

***Havia incentivo dos pais para que as filhas casassem cedo***

Ah, claro! Embora na minha família não houvesse pressa de que nos casássemos. Mas claro que fazia parte do esquema: as meninas deviam casar e deviam casar com certas pessoas. Não era com toda e qualquer pessoa.

***Escolhi Económicas e detestei. Não gostei e então tive outra ideia***

A minha vida foi sempre muito pouco certinha. Eu fiz o 6º e o 7º anos (correspondentes ao 11º e 12º actuais), que eram muito específicos, já dirigidos para a área que queríamos seguir na universidade, que só me permitiam a matrícula em Económicas. Vejo isso hoje, e também naquela altura, como uma maneira de contrariar o meu pai. Porquê? Qual era o curso certinho para meninas? Letras. Se possível, Línguas. A Faculdade de Letras, já naquela altura, era maioritariamente frequentada por alunas. Mais alunas do que alunos. Eram cursos que davam acesso como primeira hipótese a ser professor ou professora. A termos que ter uma profissão, seria a que o meu pai favoreceria. E, talvez como rebelião, eu escolhi Económicas, que era francamente um curso de homens. Escolhi Económicas e detestei. Era também um ambiente reaccionário, do regime, e como vocês sabem, os professores também eram escrutinados. Não estou a querer meter todos no mesmo saco, mas não podiam fazer muitas ondas. Económicas, Direito, o corpo docente dessas escolas era gente muito ligada ao regime e posso dizer muito reacionário, de um modo geral, com as honrosas excepções que terá havido. Não gostei e então tive outra ideia, fazer o curso de Ciências Pedagógicas, na Faculdade de Letras, onde me era permitido entrar, independentemente do 7º ano que tivesse escolhido. Isso foi muito bom para mim... Parece-me justo mencionar a influência que o Prof. Delfim Santos teve em mim ao abrir portas e áreas de interesse, que me acompanharam vida fora.

### *A Associação foi mais forte e, a meio do ano, desisti e então tive outras ideias*

Depois desse Curso em Letras, que durava um ano, matriculei-me em Biologia, na Faculdade de Ciências, na altura, na Rua da Escola Politécnica.

Na Associação Académica, fazia muita coisa. Resultado: chegou-se ao fim do ano, 4 disciplinas pesadas e eu só passei a duas. Não foi muito bem visto lá em casa, mas nesse aspecto a repressão não foi muito grande, embora achassem que uma pessoa que vai para qualquer curso para estudar, deve estudar. E eu própria também achava.

No ano seguinte matriculei-me outra vez, mas a Associação foi mais forte e então deu-me um rebate de consciência e a meio do ano desisti. Desisti porque achei que ia chumbar outra vez e então tive outras ideias. Havia um curso do Jardim-Escola João de Deus, de Pedagogia e eu quis inscrever-me, mas não podia porque o curso já tinha começado. Assisti a algumas aulas, mas consegui outra coisa, que foi ir para o Instituto Aurélio da Costa Ferreira...

Fez-me bem, gostei imenso, aprendi muita coisa. O meu pai era uma pessoa muito interessada em psicologia e principalmente em psicanálise. Tinha os livros todos do Freud. Lia-os todos, falava imenso connosco sobre esses assuntos. Aí tenho que fazer justiça, devo-lhe muito.

### *O casamento com um açoriano*

Conheci o Bruno e gostámos um do outro. Comecei a dar explicações e a pensar como é que ia orientar a minha vida e resolvi orientar daquela maneira que muitas mulheres orientam... Casei-me.

O Bruno é açoriano, estava na tropa nos Açores, mas vivia em Lisboa e tinha feito lá a parte de instrução militar. A tropa era obrigatória. Foi colocado nos Açores. Estava nos Açores quando nos casámos. Conseguiu uma licença e foi uma semanita a Lisboa. Depois de casados vim para cá viver e vivi cá seis meses e então foi outro balde de água fria. Porque São Miguel, naquela altura, - isto passa-se em 1956 - era como ter recuado um século em relação a Lisboa... e Lisboa já era um recuo no tempo, em relação ao resto da Europa. Talvez o Estado Espanhol fosse também, com o Franco, que era horrível. Mas tinha outras características, era outra gente, ou uma mistura de outras gentes. Foi um horror ir à rua sozinha, fazia parar as pessoas todas porque era diferente, tinha o cabelo nessa altura curtinho, um bocado à rapaz, tinha um casaco de cabedal curto, tipo blusão de motard, bem... Paravam na rua. Era um horror. Só me apetecia voltar para casa outra vez. Não tinha nada que fazer, escrevia

cartas, lia e fazia tricot, não sabia o que fazer da minha vida. Mas sabia que aquilo era temporário e foi.

### *Aquela maternidade. Andei ali a brincar às casinhas e às mãezinhas, mas queria fazer outra coisa*

Depois voltámos para Lisboa. Eu já estava grávida, mas ainda arranjei uma escola onde fui professora durante uns meses. A gravidez já estava avançada e o trabalho na escola era um bocadinho violento porque era uma escola para crianças com problemas de comportamento e tudo era feito ao contrário do que devia ser - como eu era novata e inexperiente deram-me os mais difíceis. Tinha crianças dos 7 aos 15, 16 anos. Tinha de gerir de qualquer maneira aquela confusão: um bocadinho de conhecimento que tinha, um bocadinho de intuição, ternura por essas crianças e a coisa lá ia. Até que o meu filho mais velho estava para nascer e acabei com aquilo, que era violento, até pontapés na barriga apanhei dos meninos. Aquelas crianças precisavam de alguém com muita sabedoria na área. Dei-me bem com elas e esses pontapés não eram agressões, eram um modo de expressão. E aí estive dedicada à maternidade. Tive um filho e pouco depois tive outro. Eles têm um ano e meio de diferença. Estávamos no Continente.

Tinha-me divertido muito com aquela maternidade. Andei ali a brincar às casinhas e às mãezinhas, mas queria fazer outra coisa. E pensei "O mais fácil para mim é voltar para a Biologia." Voltei para a Biologia. Porque, de facto, não me tinha dedicado muito à Biologia, antes. Gostei imenso, fui então boa aluna. Dediquei-me à Genética, uma disciplina que, como tal, não havia. Havia professores que ensinavam aspectos da Genética, mas não havia cadeiras específicas da Genética, mas foi a parte de que eu gostei mais. E entretanto tive conhecimento de um laboratório de Genética na Escola de Medicina Veterinária. A Fundação Gulbenkian era muito recente, naquela altura, mas davam bolsas e esse tal laboratório, dirigido pelo Prof. José Manuel Rosado, era subsidiado pela Gulbenkian. Bati à porta e, apesar da resistência do Prof. Rosado, pois não tinha dinheiro para me pagar, acabei por trabalhar lá vários anos. Dois anos sem receber nada e depois a Gulbenkian reviu a situação e deu-me um subsídio, que não era muito.

### *Comecei a dar aulas. Naquele tempo, é um bocado parecido com o que está a acontecer hoje*

Ainda era aluna em Ciências, tinha dois filhos e o laboratório. Trabalhava que me fartava, mas era o que gostava de fazer. Houve concurso para assistente na Faculdade de Ciências e eu concorri, até porque precisavam de uma pessoa que soubesse de Genética. Concorri e fiquei.

Entrei em Setembro, dei aulas que me fartei, tinha um horário carregado. Para os assistentes, os horários eram muito mais carregados do que são hoje. E assim estive até Maio, sem assinar contracto. Ganhava pouquíssimo, porque as minhas horas de trabalho eram oficialmente atribuídas a uma colega e, imagine-se, as horas extraordinárias eram mais mal pagas do que as horas de um salário normal. Um pouco parecido com o que, hoje, se está a passar: as pessoas fazem estágios gratuitos com a promessa de, depois, ficarem nos sítios e nunca ficam. Sei isso porque tenho gente nova muito próxima que tem passado por essa situação.

Em Maio, soube, por alguém que disse ao meu pai, que eu tinha uma má informação da PIDE (Polícia de Informação e Defesa do Estado) e que jamais iria assinar o contrato. A promiscuidade na sociedade portuguesa era muito grande. O meu pai, que era anti-salazarista, conhecia salazaristas de quem era amigo... ao nível da mesma classe social. Esses encontros e essas relações improváveis davam-se num meio pequeno. E muito pequeno mesmo, porque a classe média, era uma percentagem pequeníssima da população.

Lá informei o professor com quem trabalhava directamente, o Prof. Flávio Resende e ele ficou aterrado, até pela situação em que se via metido. Foi dizer ao director da escola, que simpatizava também muito comigo. Disseram-me "Não dá nem mais uma aula." E eu disse "Mas tenho os alunos à porta."

"Não dá, não dá nem mais uma aula."

"Então desculpe, mas tenho de ir pelo menos dizer aos alunos que não há aula."

Entretanto, o Prof. Sacarrão [o director] telefonou para o Ministério e confirmaram-lhe que sim, era verdade, eu não podia lá continuar a dar aulas.

Ficaram aterrados porque tinham lá tido um monstro durante meses a trabalhar, a assinar. Assinava o livro de ponto, escrevia sumários, assinava sumários, os testes dos alunos, assinava, assinava, assinava... Ficaram doidos de medo. Medo, medo, medo. Vi pessoas que, ainda hoje, olhando para trás, estimo e que eram estimáveis, aterradas com aquele monstro. Que era eu...

### *A PIDE tinha dito "Não contrata!"*

A mim, directamente, ninguém me disse nada. Ainda fui à porta da aula, porta fechada, porque quem abria eram os contínuos e o contínuo tinha ordem para não me abrir a porta.

Disse aos alunos "Lamento muito, íamos ter aula agora, mas não tenho permissão para dar mais aula nenhuma."

"Porquê? Porque não?", começaram os alunos.

"Bem, isso agora... Vocês devem perguntar para cima. Eu sei que não posso dar aulas, foi-me dito que não posso mais dar aulas aqui."

E então, mais tarde, até o Prof. Sacarrão, que costumava ter lá grupos de alunos que iam queixar-se de professores, me disse que, pela primeira vez, tinha lá tido um grupo de alunos que iam implorar-lhe que eu continuasse a dar aulas. Mas não estava nas mãos dele, disse ele aos alunos...

Não tiveram uma palavra de conforto. Só ficaram aterrados.

Fiquei pior que estragada com aquele desfecho. Não ter havido uma reacção.

Fiquei furiosa, nunca mais lá pus os pés. Não tinham uma palavra de simpatia, não me disseram nada. Só ficaram aterrados.

Mais tarde, soube pela colega que me substituiu que se deu o maior dos alvoroços.

A minha colega, a Maria José Viana (mãe da poetisa Adília Lopes), tinha que continuar uma matéria para a qual não estava preparada e pediu-me que a ajudasse. Ajudei-a o mais possível. Gostava muito dela. Dei-lhe os meus caderninhos de notas, os registos, e depois ela contou-me, muitos anos depois...

Vou fazer um salto de Maio de 1966 a Janeiro ou Fevereiro de 1975, portanto nove anos passados, a minha colega contou-me o que tinha sido o rebuliço naquela Faculdade.

O Conselho Escolar, que eram as corujas, os catedráticos, que opinavam sobre as várias directrizes para a Escola, tinham perguntado se havia assinaturas minhas.

Ora, havia-as em barda, porque eu era muito cumpridora, e então os contínuos começaram, com lixívia, a apagar o meu nome. Foi um trabalho horrível, imagino.

Um dia, ela deixou na sua secretária aqueles cadernos de notas que eu lhe tinha deixado. E chegou lá e não os encontrava. Começou à procura, até que pergunta a um dos funcionários, e ele "Ah, dizia Maria Clara Barros Queiroz e eu rasguei."

"Onde é que puseste?"

Ela foi ao caixote do lixo, colou aquilo tudo com fita-cola, como se fosse um

puzzle.

E mais tarde ofereceu-mo. Ainda o tenho.

Para ela foi um pesadelo. Ficou doida, porque ela orientava-se por aquele caderninho para levar aqueles meninos até ao fim do ano.

Vejam a que ponto vai a paranóia. Eu, oficialmente, não era acusada, que se soubesse, de ter posto bombas em parte nenhuma, de ter feito nada de muito escabroso ou muito escandaloso. Mas era um nome de que a PIDE não gostava, e como a PIDE não gostava, o senhor director, o conselho escolar, o senhor director da secção, professores, tudo isso, estava tudo de gatas, aterrado e alguns nem sequer eram fascistas nem apoiantes do Governo.

Isto dá bem a medida da mentalidade e do ar que se respirava.

### *Ida para Edimburgo*

Ainda tinha o tal laboratório a que continuava a ir. E o Prof. Resende manda-me um recado para que concorresse a uma bolsa da Gulbenkian e que podia dar o nome dele como referência. Foi como ele se redimiu. Isso não era uma cunha, era uma referência profissional, porque eu trabalhara para ele. Ainda hoje se faz isso.

Aí, tive a bolsa e fui parar a Edimburgo com as crianças. O Bruno, o meu marido, tinha a vida dele em Lisboa. Foi outra vez um embate e uma vida dura. Eu lia inglês, mas inglês falado era outra coisa...

Concorri para fazer o doutoramento. Quando viram qual era o meu currículo não me aceitaram porque só aceitavam pessoas com licenciatura em Genética. Ora isso era uma coisa que nem sequer existia em Portugal. Mas eu tinha uma alternativa, que era fazer um pós-graduado intenso, de um ano, tipo emprego, das nove às cinco, em Genética. Comuniquei isto à Gulbenkian, que aceitou.

Foi muito pesado para mim porque era de manhã à noite a ouvir pessoas com as mais variadas pronúncias. Aquilo, o Instituto da Universidade, era muito cosmopolita.

Nós é que tínhamos uma sala e os nossos lugares. Éramos 15 alunos. Os professores passavam. Uns eram suecos, outros indianos, americanos, dos mais variados sítios. Claro que também havia britânicos. Isto para quem não domina muito bem o inglês... Eu copiava tudo. Nem que fosse um rabisco que os professores fizessem no quadro. E mal acabava a aula, ia a correr, directa a eles, pedir a bibliografia para estudar. Era a minha técnica. Porque, no princípio, houve muitas aulas que acabavam sem que eu soubesse muito bem de que é que tinham estado a falar. De modo que,

depois, compensava assim: ia da aula, direita para a biblioteca.

Foi um ano difícil, mas acabou bem.

### *Para as crianças foi muito duro. O Bruno tinha a tal editora em Lisboa*

A Maria da Luz, a certa altura, não tinha grandes ocupações muito específicas em casa da minha sogra, que me perguntou se eu queria que ela viesse ajudar-me. E a Maria da Luz queria vir para Lisboa. E veio e ficámos amigas. Ela foi comigo para Edimburgo. Era uma ajuda afectiva porque éramos amigas, nas tarefas domésticas, nas compras, embora me lembre que eu lavava sempre a loiça, porque achava que tinha de colaborar e que me fazia bem não ficar, logo, sentada a estudar.

### *A pós-graduação*

Na pós-graduação éramos 15 e havia três ou quatro mulheres, todas britânicas e mais novas do que eu, pois tinham saído das suas licenciaturas para aí, directamente. Havia quatro estrangeiros, homens, ou da minha idade ou mais velhos, com outros percursos. Três deles não passaram: um americano, um grego e um italiano. Dos cinco estrangeiros do curso, só passámos um jugoslavo e eu.

### *Universidade de Edimburgo. Investigadora por projecto*

Às vezes, pensava "Olha, vou para a Legião Estrangeira". Brincava com isso, mas terminei a pós-graduação e fui aceite para o doutoramento, que já foi muito mais agradável, porque a Genética é um mundo e interliga-se com várias ciências: Física, Matemática, Ecologia. A pós-graduação tinha tudo isso condensado.

Depois do doutoramento tive a sorte de me convidarem como investigadora para ficar lá, na Universidade de Edimburgo. Fui o que eles chamam *Research Fellow*. Quando voltei, trouxe o meu *know-how* para cá.

### *Parte sem o marido para Edimburgo*

Inicialmente a nossa ideia era a seguinte: eu iria para Edimburgo e o Bruno manteria a editora, a Minotauro da qual era sócio-gerente e organizaria as coisas de modo a estar um mês ou dois em Edimburgo. Só que, pouco depois de me ter ido embora, a Minotauro foi fechada pela PIDE. Foi a primeira editora comercial portuguesa a ser fechada por razões políticas e ele ficou ainda mais de dois anos a tentar que a

ordem fosse revogada. Que ao menos lhe explicassem porque tinha sido fechada e a querer lutar para reabrir a editora. Foi várias vezes interrogado na sede da PIDE. Fecharam-lhe a editora sem aviso e informando-o de que se entrasse teria problemas e por fim, como provocação, abriram as torneiras e tudo o que tinha lá dentro ficou estragado: quadros, livros, livros de cheques, documentos, dados contabilísticos e empresas que deviam dinheiro à Editora. Como ele não podia provar nada, muitas não lhe pagaram, mas ele tomou a iniciativa de contactar os credores e de arranjar dinheiro para tudo pagar e tudo resolver antes de se ir embora.

E quem o ajudou muito na parte legal, para tentar recuperar a situação, foi o António Borges Coutinho, que era advogado e de quem éramos muito amigos.

### *Ficámos ali exilados*

O Bruno como não tinha mais nada para fazer em Portugal, pediu uma licença militar de autorização para se ausentar durante três meses para visitar a família, o que era obrigatório, porque estávamos em plena guerra colonial. Entrou com visto de turista e, como não voltou, ficou ilegal e não podia regressar a Portugal. E ficámos ali exilados, eu porque me meti em política e o meu retrato apareceu num jornal de cá, numa manifestação contra o regime português e a favor dos movimentos de libertação das colónias portuguesas. Por isso não me convinha nada vir. Iria ter uma surpresa desagradável.

### *O 25 de Abril*

Estávamos em casa, noite fechada. Às 7 da manhã, toca o telefone. Era um amigo nosso, português, que estava lá, em Edimburgo, para ouvirmos a rádio, que era a BBC. Mas o que se dizia na rádio eram coisas pequenas, era aquilo que interessava à Grã-Bretanha, de modo que foram dias de grande excitação, até percebermos bem o que se passava. Ouvíamos falar em militares e ficávamos arrepiados. Ouvíamos falar em Spínola, o que também não nos agradava. Ele propunha uma solução neo-colonialista. Portanto, só tivemos o grande suspiro de alívio quando soubemos que todos os presos políticos, indiscriminadamente, tinham sido libertados. Aí, percebemos que não era o Spínola que estava por detrás daquilo e que havia qualquer coisa, outra, que mexia.

### *Quando se deu o 25 de Abril estávamos em Edimburgo e não regressámos tão rapidamente*

Eu tinha que acabar o contrato com a Universidade de Edimburgo, mas logo que os filhos entraram em férias, viemos passar Julho e Agosto a Lisboa. Foi uma festa celebrar o Pós 25 de Abril. Mas tivemos que voltar para Londres.

O Bruno tinha sido convidado para um trabalho em Londres, compatível com os seus gostos e habilitações: trabalho de jornalista e editor numa fundação, a DEFA, que se ocupava das ex-colónias britânicas e era contra o *apartheid*. Queriam juntar as colónias portuguesas. Eu também tinha arranjado emprego na Universidade de Londres para começar em Setembro de 1974, e o José, o meu filho mais novo, precisava de fazer o exame de 'O level' (Ordinary Level), que lhe daria equivalência ao antigo 5º ano do ensino secundário. Na Grã-Bretanha não havia outros exames anteriores. Ele não tinha nenhum documento oficial que declarasse o seu nível de habilitações.

### *Criei, na Faculdade de Ciências, um Grupo de Genética*

Voltei definitivamente para Lisboa em Janeiro de 1975. Vim com o meu filho João. O Bruno e o José ainda ficaram em Londres até Julho desse ano. Em Fevereiro, fui reintegrada na Faculdade de Ciências, embora oficialmente não tivesse lá trabalhado, porque nunca tinha assinado contrato. Logo no princípio de Maio, houve um plenário na Faculdade de Ciências (como houve em tantos outros lados). Uma assembleia de alunos, funcionários docentes e não docentes, que decorreu no próprio Jardim Botânico, o único local onde havia espaço para juntar aquela gente toda. Uma das propostas aprovadas (por aclamação) foi a da reintegração de todas as pessoas que tinham sido proibidas de leccionar por questões políticas. Todas essas moções eram publicadas nos jornais. De entre os nomes mencionados, estava o meu, a par com o de outras pessoas mais antigas e mais ilustres. Isso e o facto de tantos professores e ex-alunos terem conhecimento de que lá trabalhara como Assistente foi o bastante para a 'reintegração'.

Mais tarde fui à Torre do Tombo e descobri o papelinho da PIDE, a informação que me impedia de ser docente da Faculdade de Ciências ou de qualquer escola pública.

De facto, o que, de início, criei na Faculdade de Ciências foi um Grupo de Genética. Só mais tarde, quando a Faculdade se organizou em Departamentos, é que criámos licenciaturas em Genética.

Em Julho de 1979 fiz a agregação, que é um grau académico, e a partir de Dezembro desse ano, fiquei professora catedrática. A melhor recordação que esse tempo me deixou foram os alunos e alunas, com quem tive boas relações. E, certamente, com quem aprendi muito. Ainda hoje há ex-alunos que descobrem o meu endereço electrónico e me mandam um *mail*. Não imagina que alegria isso me dá. E é comovente.

***Aos Açores era o último sítio onde queria ir, porque não se passava nada***

Queria era ir para Lisboa e Alentejo, ir às fábricas, andámos todos que nem uns doidos. Nos Açores, a Igreja teve um peso muito grande. Durante muito tempo, e quem não se comportasse como dizia a Igreja, era mal visto e mal tratado. O Borges Coutinho vivia no palácio do Marquês da Praia, que era do pai dele (que não vivia cá) e a Maria da Luz, que foi comigo para Edimburgo, contava-nos que as pessoas diziam assim "Quando se chega ali, ao lado do Marquês da Praia, muda-se de passeio, porque naquele palácio anda o diabo à solta…" Ela era uma mulher inteligente. Mais tarde, conheceu o Borges Coutinho e adorava-o.

Aos Açores, vinha antes de ir para Edimburgo, muitos Verões, com os meus filhos. Outras vezes, eles vinham com a Maria da Luz, quando eu tinha trabalho. Mas a partir do momento em que fomos para Edimburgo, nunca mais cá voltei e depois do 25 de Abril não tínhamos, nem dinheiro, nem vontade. No tempo em que os meus sogros eram vivos, que eram quem eu gostava de ver, eles iam a Lisboa com alguma regularidade.

Aos Açores tudo levava mais tempo a chegar e, como tal, também o entusiasmo do 25 de Abril. A Igreja teve muito poder aqui.

As pessoas, mesmo hoje, têm um certo pejo de se manifestarem. Não é digno, não é bonito, não sei bem o que é que as move. Até nas festas são contidas, digo, os micaelenses. Embora não possamos generalizar, os terceirenses são mais expansivos, mas o micaelense é muito metido para dentro, muito recolhido, muito difícil de se expandir e expressar. Até a própria arquitectura da cidade - que é uma cidade muito digna e bonita, mas de grande austeridade com as suas fachadas brancas e pedra de basalto preta - também é metida para dentro, recolhida, não há janelas cheias de flores, por exemplo.

Quando me mudei para cá comentei com o meu cunhado "Tão bonitas aquelas flores, vou pôr na janela" e ele disse-me "Não faça uma coisa dessas." Percebi que ele tinha razão, pelo respeito e pela natureza desta cidade, não é para se pôr flores à

janela. Jardins já é outra coisa e, aqui, há jardins lindos.

***Vim para os Açores muito mais tarde, quando esta casa ficou para nós***

Trabalhávamos em Lisboa, mas vínhamos cá passar férias. Esta casa era de uma tia-avó do Bruno, casada e sem filhos. Depois de enviuvar foi viver para casa dos pais do Bruno.

Em 1996, recuperámos a casa, mas eu ainda tinha trabalho na Faculdade e o Bruno tinha uma nova editora em Lisboa. Editou muitos livros de autores açorianos.

O João, já depois de 1996, mudou-se para cá e nasceu uma neta cá antes de nós vivermos aqui permanentemente.

Quando me reformei, em Abril 2000, comecei a passar temporadas maiores, e até cheguei a estar dois anos sem sair daqui, mas como o Bruno só se reformou muito mais tarde, não éramos ainda residentes aqui.

***Tornámo-nos residentes nos Açores***

Vínhamos cá muito, tínhamos cá a casa. Era muito agradável, havia uma paz, uma tranquilidade, uma qualidade de vida que não há em Lisboa, hoje em dia. Estávamos cá uns meses, outros em Lisboa e a pouco e pouco, sem ter havido uma decisão, acabámos por verificar que estávamos cá a maior parte do tempo. Tornámo-nos residentes nos Açores.

***Há imensas mulheres que fizeram coisas interessantes***

Sempre escrevi umas coisas que não tinham a ver com esta área das mulheres. Colaborei na parte científica de uma revista, a 'Plural', mas os artigos que lá escrevia não eram propriamente de Ciência. Se quisermos um 'palavrão', eram mais de Ciência e Sociedade. A importância e os prós e os contras, as ligações entre a ciência e a sociedade. Sempre escrevi muito à margem da minha profissão, mas começo, de facto, a fazer investigação sobre vidas de mulheres quando participei no projecto da Maria Antónia Fiadeiro dos '101 livros de mulheres.'

Tinha acabado de me reformar quando a Maria Antónia Fiadeiro me convida para pertencer à comissão científica desse projecto, apoiado pela Câmara Municipal de Lisboa. Tratava-se de organizar uma grande exposição com livros de mulheres do séc. XX, o século que terminava. Sempre fui feminista num sentido lato, sempre defendi os direitos das mulheres, mas começo a descobrir que realmente vivemos

num mundo escandaloso, no que diz respeito às mulheres. Vais a uma enciclopédia, fazes qualquer pesquisa e o número de mulheres que lá aparece é reduzidíssimo. Perguntas: onde esconderam as mulheres?

Quando começas a investigar, começas a ver que há imensas mulheres que fizeram coisas interessantes, muitas delas fizeram coisas muito mais interessantes do que muitos homens que aparecem nessas enciclopédias e nesse tipo de colecções de pessoas ilustres. Por exemplo, aqui há uns anos, o [jornal] 'Público' publicou uns volumes muito grandes, não sei se 18 volumes, de pensadores importantes no mundo, que começa, se não me engano, com Platão. Não há uma mulher. Quer dizer, em 18 pensadores nunca houve uma mulher importante para o mundo. Depois, vais aos Prémios Nobel e, por exemplo, na Ciência, a percentagem é de rir à gargalhada. É do género dois vírgula qualquer coisa por cento. Em Economia, não havia uma única até há pouco tempo. Bem sei que o Prémio Nobel da Economia é bem mais recente. Mas por aí fora.

***Essa investigação deu-me imensa vontade de tentar escavar…***

De tentar vasculhar e começar a desenterrar coisas que eu própria tinha com certeza ouvido, eu sabia muito bem que as mulheres são excluídas. Pois vivi num mundo de homens. A universidade é um mundo de homens, é uma instituição feita por homens para homens e a que, a certa altura, não tiveram outro remédio senão aceitar as mulheres. Mas, no topo, elas são sempre uma minoria. Olhavas para a pirâmide e, no topo, estavam sempre os homens. E ainda estão, em grande medida, excepto em áreas especiais. Mesmo em Direito, em Medicina, em Engenharia, encontra-se sempre um número de mulheres cada vez mais pequeno, conforme vais subindo na hierarquia. E isso também já sabia. Eu já tinha, nos anos 80, escrito um artigo sobre as Mulheres e a Biologia em que eu já dizia isso. Mas não tinha, ainda, metido as mãos na massa a sério. E quando meto as mãos na massa, era muito para além daquilo que eu previa. É de facto um escândalo.

Esse primeiro projecto em que colaboro consistiu em escolher cem livros de mulheres do séc. XX. A Maria Antónia Fiadeiro já tinha decidido que 'As Mulheres do Meu País' da Maria Lamas era, digamos, o livro de honra e a comissão científica concordou em que a exposição apresentasse 101 livros de mulheres de todo o mundo. Daquele mundo que nós conhecemos melhor. Não pretendíamos abranger todos os continentes da mesma forma. Esse foi o trabalho de um ano. A exposição teve lugar em 2001 e, além da mostra de livros, elaborámos um catálogo muito bonito.

Durante esse trabalho, passaram-me pelas mãos muitos livros, entre eles o da Emma Goldman, mas não foi dos livros expostos.

O livro que despoletou o meu interesse pela Emma Goldman é um livro autobiográfico que se chama 'Living My Life', Vivendo a minha vida. É um livro enorme, em dois volumes, com perto de mil páginas. A maior parte desses livros não encontramos nas livrarias em Portugal.

Comprei esse livro na *net* e fiquei fascinada. Achei que ela tinha imenso humor, que a vida dela é fabulosa e aí começou a pesquisa, juntando a experiência passada, o número grande de documentação que eu tinha sobre mulheres. Veio-me a ideia de contar a sua história, dá-la a conhecer ao público português. Eu até tinha um título "Um caminho que seja seu." Pensei começar a escrever pequenas biografias, quatro ou cinco mulheres por livro. E esse título podia repetir-se em cada livro. Por um lado, este título soa-me bem. Por outro, traduz exactamente a minha ideia: apresentar as vidas de mulheres que tivessem seguido um caminho criativo, um caminho com consciência de que se é mulher. Não estava interessada em estudar as vidas de mulheres com um percurso notável, se esse percurso tivesse sido decalcado a partir do estereótipo masculino.

### *E comecei o trabalho com a Emma Goldman*

Comprei outros livros, comecei a ler sobre a época e os lugares em que ela viveu. Ela nasceu na Lituânia, emigrou para os Estados Unidos com 16 anos. Em 1919 é expulsa dos Estados Unidos. Ela era muito incómoda, pelo menos para os governos. Envereda pela política, defensora dos direitos das mulheres, torna-se anarquista, mas anarquista à sua maneira. Fez um caminho dela, diferente. Mesmo seguindo a linha do anarquismo-comunista de Kropotkin, teve grandes desacordos com ele.

Nunca fui anarquista, mas não posso deixar de ter a maior das simpatias pelos ideais anarquistas. Os ideais da liberdade, da independência, da igualdade. São ideais com que, penso, a maioria das pessoas concordará. A prática já é outra coisa.

Tive também que estudar muito sobre aquela época, os Estados Unidos daquela época, as comunidades anarquistas. Se eu estava a contar a história de uma mulher que foi uma lutadora, tinha que perceber aquilo por que ela lutava no concreto, na prática, no dia-a-dia. A favor de quê e contra o quê.

### *Primeiro livro: 'Se não puder dançar, esta não é a minha revolução.'*

Eu tinha escrito, aí, umas 40, 50 páginas dactilografadas para cada uma [das mulheres]. Mas aquilo era um pastelão, intragável, muito compacto. E então pensei "Tenho de pôr isto de lado, reescrever tudo. Tem de ser um livro."

O livro chama-se 'Se não puder dançar, esta não é a minha revolução.' Esta frase não é exactamente como ela a disse, mas tem a ver com uma cena que se passou. Ela era muito exuberante, uma mulher extrovertida e os anarquistas, para angariar fundos, faziam várias coisas: publicações, conferências, bailes, etc. E, num desses bailes, há um camarada dela que a puxa para o lado e diz-lhe que ela está a dançar de uma maneira exuberante. Isto passa-se no séc. XIX. Diz-lhe que não fica bem, que ela é uma militante por um ideal, uma pessoa séria e que não pode comportar-se assim. Ela faz um estardalhaço. E diz qualquer coisa parecida com isto "Se eu não posso dançar então esta revolução não é a minha, há aqui um equívoco."

E como ela não tinha medo de escandalizar, a certa altura, no baile, criam-se dois grupos. Uns a favor do 'bom' comportamento, comportamento consentâneo com os valores gerais da época, e outros que, pelo contrário, achavam que ela tinha razão e dá-se ali uma grande discussão.

Acho que isto é quase um programa político: Se eu não puder dançar, eu não quero esta revolução. Vou para outra. Arranja-se outra. Uma revolução para a tristeza e a opressão, a ela não interessava. Portanto, o programa político dela está bem espelhado nesta frase.

### *O livro seguinte foi sobre a Mary Shelley*

Toda a gente conhece Frankenstein. Aliás, o meu livro chama-se 'Quem Tem Medo de Frankenstein?' E esta pergunta tem várias razões inseridas no próprio livro, e tem um subtítulo: 'Viagem ao Mundo de Mary Shelley.'

Ela nasceu, mais ou menos, 70 anos antes da Emma Goldman, mas parece que estamos 200 anos atrás do mundo da Emma Goldman. É completamente diferente. Há diferentes razões para isso: uma é que grande parte da formação da Emma Goldman é feita nos Estados Unidos, que é o país que fez a guerra pela independência. Inovou, é mais descontraído.

A Mary Shelley viveu na Grã-Bretanha - a Grã-Bretanha do início da Revolução Industrial, a velha Europa, o país mais poderoso do mundo na época. Outra vez uma trabalheira enorme: perceber como é que era a Inglaterra daquela época. Depois ela

deu-se com gente muito importante. Era filha de duas pessoas muito importantes do ponto de vista intelectual e político. A mãe dela é a Mary Wollstonecraft, que é a mulher que lançou as primeiras ideias, em livro, para o feminismo moderno. Tem um livro célebre que se chama 'Reivindicação dos Direitos das Mulheres', que foi uma bomba em 1792, a altura em que este livro sai. O pai dela também é um homem de posições radicais. Tem um livro muito importante que se chama 'Political Justice', Justiça Política. É considerado um livro fundador do anarquismo filosófico. Portanto, ela já não nasce num ambiente qualquer, nasce num nicho peculiar.

Ela escreve um livro que também é uma bomba na época, o Frankenstein... Interessa-me o livro - eu não sou uma crítica literária - faço uma leitura comum. Mas acontece que tenho formação em Biologia e o livro está cheio de coisas curiosas acerca da Ciência, dos limites da Ciência, que ela não põe nestes termos, mas está tudo implícito. O meu livro é a história da vida dela, mas eu faço um capítulo sobre o livro Frankenstein...

Isso é só uma parte do meu livro. Porque a Mary Shelley é também ostracizada. Porquê? Ela foge com o poeta Percy Bysshe Shelley, casado. Fogem para França, vão de barco, chegam a Calais e caminham pela areia a pé. Há ali coisas muito engraçadas... É a vida toda deles que é muito curiosa e interessante. Há cartas, diários, muitas biografias de historiadoras que a estudaram. Ele morre muito cedo, ela tem vários filhos que morrem. É uma história Shakespeariana, quase...

### *Escrever sobre mulheres é uma decisão inabalável*

Há tantas biografias de homens. Se tem algum interesse fazer uma biografia, para mim, é exactamente, sobre percursos perfeitamente singulares de pessoas que construíram a sua vida a partir da sua condição 'menor', entre aspas, porque, na realidade, é menor pela posição em que a sociedade as inculcou. Mostrar como elas conseguiram ser muito mais interessantes que muitos homens e como elas deram a volta a partir da sua posição de oprimidas e com a sua criatividade construíram vidas especiais, diferentes. Mulheres, com certeza!

Há montes de biografias de homens. De mulheres também há, rainhas e assim. Não quer dizer que não haja rainhas com vidas interessantíssimas, mas, enfim, é porque eram importantes que atraem o interesse de homens que escrevem sobre elas.

### *O olhar das mulheres sobre histórias de mulheres*

Quem se sentiu de algum modo oprimido deveria ter uma sensibilidade diferente sobre a opressão. Mas, infelizmente, muitas mulheres interiorizaram o papel que lhes foi imposto, o papel da casa, da bem comportada, de que as mulheres são de facto menos importantes. Se não fosse isso, a revolução tinha sido grande e sangrenta. Repara, continua a haver violência doméstica. Isso mostra que as mulheres acabaram por interiorizar que, no fundo, assiste qualquer direito, ou tradição, ao homem para as maltratar. E elas preferem calar que são maltratadas, a exporem-se perante a sociedade como uma mulher maltratada.

É um pouco aquele dito árabe "Quando chegares a casa bate sempre na tua mulher. Se não souberes porquê, ela saberá."

No fundo, isso não é só árabe, não. A burca não é só deles. Nós temos tido burcas bem pesadas...

Há vidas muito mais fortes, no sentido da tragédia, do drama, da vivência, do que a minha.

Foi uma violência a minha ida para Edimburgo, porque eu ia com muito pouco dinheiro, ia com uma bolsa da Gulbenkian. Não sei como é que é hoje, mas penso que não deve ser muito diferente. A bolsa é um complemento de um ordenado. Ora, eu não tinha esse ordenado. Ia com dois filhos. Quis tê-los - não acho que uma mulher tenha que ter filhos, mas eu queria tê-los - e uma vez que os tive, tinha noção exacta da responsabilidade que tinha assumido e portanto não foi fácil. Foi duro. Mas, em todo o caso, há situações muito mais fortes.

Eu sou uma privilegiada.

### *Tenho um terror, pânico, porque o mundo está muito feio*

Não é só Portugal, não é só o Passos Coelho. Ele sai e vai à vida dele. Mas o mundo está feio, está dominado por entidades misteriosas. Elas são palpáveis, mas as caras não aparecem. Não é óbvio para a maioria das pessoas quem são esses poderes, onde é que eles estão, como é que se exercem. São poderes sem cara, são forças, é o que surge à população. É claro que eles têm cara, sabe-se muito bem quais são os mecanismos. Na verdade, trata-se deste Mercado Global.

***Pode, e eu espero bem que sim, haver uma mudança deste sistema que é mundial. Não é só português, não é europeu, é mundial***

Tenho muita esperança que este sistema se altere, até porque já se viram quais são os custos, os pesos, deste sistema. Mas não vai ser fácil, não é com pequeninas reformas. Vai ser qualquer coisa de muito duro. E nós estamos a ver, hoje, uma expressão de qualquer coisa estranha que está a acontecer. Que são revoltas agressivas, muitas vezes estúpidas e mal informadas e mal concebidas, como nós vemos agora estes actos de violência gratuita. Mas são descontentamentos que rebentam e que as próprias pessoas que os fazem, nem sabem muito bem tudo o que está por trás.

E que são consequências de um mundo de sistemas políticos generalizados de discriminação, de colonização, formal ou não formal, opressões, exclusões. E essas coisas começam a rebentar. De modo que, aparentemente, são incompreensíveis. Os actos, em si, serão, mas, se pensarmos um bocado, sabemos que quando as coisas estão mal, começam a rebentar. É como um vulcão. Vai saindo um géiser aqui, um géiser ali e de repente um vulcão traz uma explosão brutal. As tensões vão-se acumulando, mas rebentam e podem rebentar muito mal, da pior maneira.

Claro que tenho medo. Não é só a Ema, que é a minha neta mais nova. Tenho quatro netas e um neto e penso muito no futuro delas e dele. As que estão a sofrer mais, são talvez as mais velhas, as mais crescidas, que já têm as suas formações académicas e não conseguem empregos compatíveis, não conseguem ser independentes, não conseguem ter uma casa. E não são mandrionas, não são piegas, trabalham que se fartam e de facto todo o sistema lhes corta tudo, por todos os lados.

Este é o caso próximo, mas vejo as gerações novas que estão com as vidas, na sua maioria, muito coartadas. Nós vemos um sistema de ensino que quereríamos que fosse progredindo no sentido da liberdade, da expressão das pessoas, da auto-descoberta, etc., e vemos um retrocesso que vai quase até à minha 4ª classe, ou até mais longe, mais atrás. Naturalmente, naquela altura, quando eu era pequena, não havia tanta teoria, havia mais o hábito. Agora vem-se com teorias: os exames impostos, os professores que são mandriões, incompetentes. Claro que há professores incompetentes, sempre houve. Eu tive-os. Tantos. Mas, naturalmente, fizeram-me menos mal esses professores incompetentes do que me faz viver neste mundo de punição permanente. Estes exames, estas avaliações, são nitidamente actos punitivos.

E os professores, muitos deles excelentes, vêem-se obrigados a passar o ano lectivo a preparar as crianças para fazerem a sua defesa no julgamento em que se

transformou o exame final. As crianças são, à partida, olhadas como suspeitos com culpa formada. Na verdade, quer decidir-se o futuro das crianças tão cedo quanto possível. O que também conduz à exclusão.

A par disso, a cultura e o conhecimento estão a ser encarados como bens de consumo. Se não interessam às empresas, se não são exportáveis, se não atraem divisas são irrelevantes, ou mesmo, vistos com suspeição.

O turismo é, agora, uma obsessão; a cultura genuinamente popular, que é um património da nossa identidade plural, vai-se transformando para agradar aos turistas. Contaram-me que se exerce uma pressão para que as casas de fado organizem matinées de fado para que os turistas dos cruzeiros, que largam de Lisboa ao fim da tarde, possam assistir.

Não temos o 'chá das cinco', que é inglês, mas talvez possamos vir a ter o 'fado das cinco'!

É a celebração do culto da não-autenticidade. Não sou contra viajantes e visitantes, mas, se vêm cá, deveriam ver um país real. Se a vida em Portugal for agradável para os portugueses, será agradável para os seus visitantes.

Já tivemos a Exposição do Mundo Português em Lisboa, em 1940, que celebrava a fundação da nação e a restauração da independência em 1640, mas que foi uma imensa encenação, uma propaganda do Estado Novo de Salazar e do Portugal colonial, coincidente com a construção do Portugal dos Pequeninos, em Coimbra. Agora temos os 'pequeninos' a estilizar Portugal para o turista ver...

### *Punir, punir, dificultar*

Há de facto qualquer coisa de terrível. Punir as populações, punir das mais variadas maneiras.

Os salários não são esmolas. São direitos. As oito horas de trabalho por dia foi uma das lutas em que esteve metida a Emma Goldman.

Cá, estamos já com mais de oito horas de trabalho por dia. O trabalho precário, esta história da mobilidade como punição, como obrigação. E a mobilidade deveria ser um direito, mas é uma palavra que se usa para dizer, muitas vezes, pura e simplesmente, desemprego ou "Vais fazer a mesma coisa por metade do salário e sem garantias de estabilidade."

### *Estamos numa época em que as palavras mudaram de significado*

As palavras começam, realmente, a ser qualquer coisa de muito perigoso.

Conceição Aguiar, Faial, 64 anos

## História de Vida de Conceição Aguiar

O meu nome é Conceição Aguiar, tenho 64 anos, nasci no dia 10 de Outubro de 1950, na cidade da Horta, ilha do Faial, Açores. Fui professora do 2º ciclo do ensino básico estando aposentada há 4 anos.

Vivi e estudei sempre na ilha do Faial. Fui filha única até aos 5 anos de idade. Depois tive uma irmã que faleceu com 2 anos e meio. Voltei a ter outra irmã, já tinha eu 12 anos e um irmão, já tinha eu 14. Portanto fui bastantes anos, filha única. Embora, na altura, não gostasse muito, mas foi uma experiência mista de filha única e outra parte com irmãos. Portanto foi bastante gratificante.

***A minha mãe não me deixava sair de casa para brincar. Em criança, eu dava escola às bonecas...***

Não gostava de ser filha única, porque não tinha outras crianças para brincar. Até porque a minha mãe não me deixava sair de casa para brincar. Dizia "Tens muitos brinquedos. Porque é que tens que sair para ir brincar, se tens as coisas em casa?"

Realmente, comparando com outras crianças da minha idade, apesar de ser oriunda da classe média baixa, nunca fui uma criança que tivesse dificuldades de natureza financeira. Nunca tive fome, tive sempre vestuário, calçado e muitos brinquedos. O meu avô materno tinha algumas possibilidades e fazia questão de oferecer às suas netas (ele só tinha netas) muitos brinquedos, muita roupa, muitos sapatos. Portanto, tinha muitos brinquedos, em consequência disso, embora os meus pais também me comprassem.

Se os meus pais, eventualmente, tivessem alguma lacuna nessa área, o meu avô conseguia superar isso e nunca senti necessidades de natureza económica.

Brincava muito sozinha. Sozinha com os brinquedos. Eu conversava muito com os brinquedos, conversava com as bonecas. Dava escola às bonecas, embora quando foi para ser professora, era a última profissão que queria ter. Mas em criança, eu dava escola às bonecas. Zangava-me com elas se não sabiam as matérias ou estavam distraídas. Fazia talvez aquilo que eu me apercebia que acontecia. Brincava muito sozinha e sempre que pedia para ir brincar com alguém, a minha mãe dizia "Não tens necessidade de sair de casa para brincar, porque tens muitos brinquedos" e aí eu

sentia falta de alguém, dos irmãos. Se eu tivesse os irmãos...

Se, às vezes, alguma amiga ia brincar comigo e queria ir embora, eu queria era dar-lhe os brinquedos para as cativar, para me sentir mais acompanhada.

Outra coisa que acontecia era, se houvesse algum brinquedo que se partisse, alguma coisa que se avariasse, a minha mãe zangava-se comigo, porque aquilo era para ser muito respeitadinho, não era para ser estragado. Era a mentalidade daquela altura.

Era por isso que não gostava de ser filha única, por falta de companhia.

Tive uma primeira irmã, que faleceu com dois anos e meio, tinha eu sete anos. Depois, os meus irmãos mais novos nasceram, um, quando eu tinha doze, e o outro, catorze. Já os ajudei a criar, quase como se fosse mãe deles. Gostava de lhes dar o banho, lavar a roupinha deles, passar a roupa a ferro, passear com eles no jardim, brincar com eles. Quer dizer era uma irmã já com algumas características também de mãe, parece-me. Ainda hoje a ligação que tenho com eles é sempre uma grande preocupação. Se há algum problema tenho sempre uma preocupação muito forte, talvez por essa grande diferença de idade e esse apoio que acabei por dar, quando eles se estavam a criar. Eu também estava a estudar, não tinha muita disponibilidade para ajudar, mas nas férias e nos fins-de-semana, sim.

Eles chegavam a discutir os dois para ver a quem é que eu dava banho, porque queriam que eu desse banho aos dois. E a minha mãe dizia "Ela não pode com esse trabalho todo."

Mas foi uma experiência também interessante. Fiquei já com uma certa experiência nessas tarefas.

### *O meu pai era agente da PSP*

Depois, foi progredindo na carreira e quando se aposentou era subchefe ajudante da PSP. Era uma pessoa que servia o regime de Salazar e, para ele, o Salazar foi o salvador da pátria e tinha essa mentalidade do regime fascista.

Havia bastante discriminação para com as mulheres e portanto ele perfilhava essas ideias.

Lembro-me, quando acabei o 7º ano do liceu, que corresponde hoje ao 12º, queria ir para a universidade. Gostava de dois cursos, Licenciatura em Matemática ou em Geologia. Tinha hipótese de me candidatar a bolsa de estudo. Na altura, havia possibilidade de bolsa de estudo das Juntas Gerais (isto já não existe, é do tempo do

fascismo) e havia outra a que eu me podia candidatar que era da Fundação Calouste Gulbenkian. Eu também gostava muito de Geologia por causa dos vulcões e dos sismos. Era dos Açores e tinha vivido na minha infância o vulcão dos Capelinhos. Quando entrou em actividade eu tinha sete anos. Acompanhei um bocado aquele fenómeno e fiquei sempre muito desperta para essa parte dos vulcões e dos sismos. Era então uma área que eu gostava. Ia para Geologia, mas se fosse era para investigação. Quanto à licenciatura em Matemática, não queria dar aulas, queria trabalhar numa empresa. Devia ser o que, actualmente, se considera, penso eu, o que naquela altura, imaginava eu, porque não se falava nesses termos, seria talvez, tipo, Gestão de Empresas, na actualidade. Eu dizia que queria ir trabalhar era para a frente de uma empresa. Não queria ser professora de matemática. Ora o meu pai dizia que "Raparigas a sair dos Açores para estudar, não. Ir para Lisboa estudar, perdem-se todas. Ou para Coimbra... Isso são meios complicados, muita confusão, tu vais é tirar o curso do Magistério Primário. Até porque há muita gente rica nesta terra que as suas filhas não foram para a universidade, tiraram foi o curso do Magistério Primário que é muito bom, tens emprego, dá logo segurança, e está muito bem. Não é preciso ir para Lisboa, nem para Coimbra, nem para o Porto, para nada desses sítios que são muito confusos. Não são lugares para as raparigas irem."

### *Admissão ao Magistério Primário. Candidatei-me ao exame e fiz o favor de não estudar*

E eu, depois de tirar o 7º ano, contrariada, estudei para o exame de admissão ao Magistério Primário. Ou melhor, não estudei. Candidatei-me ao exame e fiz o favor de não estudar. Era, pela primeira vez na vida, que tinha vontade de ter um chumbo, de chumbar. Eu nunca tinha chumbado na minha vida. Tinha sempre sido uma boa aluna, tinha acabado o 7º ano do liceu com média de 17. E como não era aquele curso que queria fazer. Quando muito gostava de ser Educadora de Infância, porque gostava muito das crianças mais pequeninas, mas o curso de Educadora de Infância tinha que se estudar também era no continente, em Lisboa, no Porto ou em Coimbra - porque ainda não havia as outras universidades, nem havia nos Açores, pelo que também não servia para mim e fui completamente contrariada.

Não estudei. Ainda me lembro de, na véspera do exame, estar a dizer à minha mãe que ia chumbar. Queria mesmo chumbar.

Fiz o exame e consegui tirar média de 15 [risos]. Também o exame não era muito

difícil. Tirei media de 15 e lá fui para o Magistério. Fiz os 2 anos do Magistério, acabei o curso com média de 16 e na altura dizia "Quando acabar o curso vou sair dos Açores. Vou correr para Coimbra, porque Coimbra é que era a referência especial para os estudantes, embora do meu tempo do liceu, os que vieram para a universidade, quase todos vieram para Lisboa.

Mas eu pensava - até porque já duas ou três colegas do liceu tinham feito isso - depois de tirar o Magistério Primário vou concorrer para a zona de Coimbra, para ser professora da escola primária (que actualmente se chama o 1º ciclo do ensino básico) e aí vou trabalhar e estudar e vou fazer uma daquelas licenciaturas, ou outra.

E entretanto também comecei a sentir muito interesse pela Psicologia. Tive de estudar Psicologia no Magistério e já tinha estudado um pouco no 6º e 7º ano, tendo começado a achar que seria uma área interessante para fazer um curso e para investigar um pedaço. Essa era a minha decisão.

Quando acabei o Magistério e chegou a altura de me candidatar, em 1970, ainda existiam os distritos: distrito de Horta, Angra do Heroísmo e Ponta Delgada. Se eu concorresse no distrito da Horta podia ficar colocada no Faial, Pico, Flores ou Corvo. Angra dava: Terceira, Graciosa e São Jorge. E Ponta Delgada dava: São Miguel e Santa Maria. As ilhas do Faial e Pico não tinham vagas. Eu sabia, à partida, que, se concorresse ao distrito da Horta, tinha de ir parar às Flores e ao Corvo, o que não me agradava, porque ia ficar muito tempo, especialmente, sem ver os meus irmãos.

Penso que ter os meus irmãos, assim muito mais novos, foi uma das coisas que me fez retroceder e não dar o tal passo para ir para Coimbra, trabalhar e estudar. Eu queria ficar mais próxima.

O mais próximo foi Angra do Heroísmo. Concorri e trabalhei na Terceira, durante três anos.

### *Trabalhei na Terceira durante três anos*

Era professora do 1º ciclo. Quem tivesse o curso do Magistério Primário e 3 anos de serviço no 1º ciclo tinha habilitação suficiente. Entrei como professora do 2º ciclo de Matemática e Ciências da Natureza. Ao fim de 2 anos fazia os 5 anos de serviço e fiquei com habilitação própria para o 2º ciclo. Ainda fui trabalhar um ano para Ponta Delgada. Candidatei-me ao estágio e vim fazê-lo para a Horta, no ano lectivo seguinte, em 1976/77.

Depois, logo no ano lectivo seguinte fiquei efectiva na Horta. Naquela altura,

não havia os problemas que há hoje em que os professores levam uma vida para se efectivarem. Nesse aspecto consegui nunca perder tempo nenhum.

Fiz os 3 anos para habilitação suficiente, mais dois para habilitação própria.

No ano a seguir entro no estágio e no ano a seguir fico efectiva na escola Preparatória da Horta. Neste momento, já tem outro nome, que é Escola Básica Integrada da Horta. Fiquei lá efectiva e fui desempenhando cargos. Fui delegada da disciplina de Ciências e da disciplina de Matemática. Tinha a tarefa de reunir com os professores que leccionavam aquelas disciplinas. Portanto, programávamos as aulas (aquelas programações a médio e longo prazo), em conjunto. Posteriormente, fui orientadora de estágio, durante 4 anos.

Desses quatro, houve dois anos em que acumulei as funções de orientadora de estágio de Matemática e de Ciências.

Posteriormente, durante 9 anos não consecutivos fui membro do Conselho Directivo da Escola. E comigo ainda no Conselho Directivo, no meu último ano de mandato, fizemos a introdução do 3º ciclo na escola. Depois saí dos órgãos de gestão da escola e voltei a dar aulas durante 4 anos. A seguir, candidatei-me a Directora do Centro de Formação da Associação de Escolas do Pico, Faial, Flores e Corvo e fui Directora do Centro de Formação, de pessoal docente e não docente das escolas todas daquelas 4 ilhas, tendo saído de lá para a aposentação, em 2010.

Tinha sempre pena de não ter tirado a licenciatura, porque na altura não vim para Coimbra.

Posteriormente, tive hipótese de me deslocar várias vezes a Ponta Delgada, na ilha de São Miguel, durante dois anos. Em 2002, completei a licenciatura em Comunicação Educacional e Gestão da Informação. Gostei. Foi uma licenciatura numa área, também, interessante.

### *Voltando atrás no tempo*

Sempre fui uma pessoa que trabalhei muito com objectivos em termos de futuro.

Quando vim para a Terceira, para leccionar, os meus irmãos eram um bocado pequenos. A minha irmã tinha entrado para a escola primária, estava na 2ª classe e o meu irmão ainda não tinha entrado, ia entrar um ano depois.

Naquela fase, eles em casa o que faziam era brincar. Eu também me ocupava um pedaço a brincar com eles, quando era na altura de férias. Gostava muito de os levar comigo quando saía.

Era uma pessoa um bocado tímida.

O meu pai não queria namoricos. Se eu tivesse algum namorado, os polícias iam logo dizer-lhe, [risos] para fazer queixa. Não sei se ele tinha vigias para me espreitar. Se eu andasse com um namorado ele ia logo saber. Se era para estudar, não era para namorar. Se eu tivesse um namorado, depois não ia ser boa aluna. E eu era uma pessoa um bocado tímida, levava aquelas normas dele muito a sério.

Por exemplo, ainda em criança, eu gostava de ter aprendido a tocar piano. Sempre gostei muito de música. Gostava muito de cantar. Cantava, cantava, cantava. Nas festas da catequese, cantava. O meu pai, aí, deixava-me cantar. Gostava de aprender a tocar piano, mas ele dizia que não, porque isso ia tirar-me tempo dos estudos. Depois de mais crescida, o Faial Sport formou uma equipa de basquete feminino. Já era adolescente, entre adolescente e jovem, e fui convidada, mas também não era para mim. Quando as filarmónicas começaram a ter raparigas a tocar os instrumentos, fui convidada pela Filarmónica Artista Faialense, mas também não tive autorização do meu pai "Porque isso ia prejudicar os estudos, ia ocupar-me muito tempo, não era atividade para raparigas, era para rapazes." Cantava no coro da igreja. Aí, eu podia cantar à vontade. Além do piano, do basquete e da filarmónica houve mais uma coisa que não me deixou, era Teatro.

Vivia na freguesia da Conceição, uma das três freguesias da cidade da Horta e formou-se lá o grupo cénico, ensaiado por um senhor do continente que foi para lá viver. Tinha jovens e pessoas adultas. Havia sempre uma peçazinha de teatro seguida de um acto de variedades com poemas, canções, aquelas variedades que faziam naquela época. Cheguei a ser convidada e tinha muita vontade de experimentar, nem que fosse para cantar ou até fazer algum papel no teatro, mas também não tive autorização porque ia prejudicar os estudos, e eu tinha que pensar era em ir para a escola e estudar. Era boa aluna, mas às vezes também tinha um bocado de preguiça para estudar, talvez provocada por uma certa revolta interior. Era sempre tudo 'não'. Tinha que ser tudo em função da escola, na minha vida.

Fui sempre um bocado conformada com as situações. Nunca fui de ter aquelas revoltas de explosão. Ficava um bocado revoltada, remoía cá para mim, mas não me dava para explodir. Ia tentando... Pensava "Tenho que arranjar outra alternativa" e ia tentando viver com aquela situação, porque não a conseguia ultrapassar. Se calhar não tinha a força suficiente para a luta. Não sei.

### *Antes do 25 de Abril, não era muito hábito as mulheres irem trabalhar para fora de casa*

Já na Terceira, conheci o Manuel, com quem depois vim a casar. Já não estava em casa. Comecei a namorar, depois fui trabalhar para o Faial e ele também foi. Os meus pais aceitaram. Depois, casámos em Ponta Delgada.

Naquele tempo, antes do 25 de Abril, não era muito hábito as mulheres irem trabalhar para fora de casa, mas as professoras sim. Ainda era bem aceite.

Era completamente diferente. Comecei a leccionar numa escola primária, num edifício muito velho que até tinha ratos. Lembro de vir, uma vez, depois das férias da Páscoa e abrir a gaveta da secretária e ter lá um ninho de ratos. Foi um horror com os alunos, para tirarmos aquilo de lá para fora. As condições dos edifícios eram péssimas. Tive nessa altura, nesse primeiro ano de serviço, quarenta e um alunos, quatro classes em simultâneo: 1ª, 2ª, 3ª e 4ª classe.

A 1ª classe era a maior de todas. Eu tinha 20 anos e alguns alunos de 15, os mais velhos. Alguns deles eram bastante crescidos, portanto não foi fácil. Mas, naquela altura, acho que enfrentei tudo com uma coragem especial, para uma rapariguinha de 20 anos, que chegava assim a uma sala de aula, cheia de rapazes com quatro classes diferentes.

Lembro-me, no princípio, de estar a trabalhar... - tinha de trabalhar com uma classe directamente, e indirectamente com três - apenas podia interagir diretamente com uma das classes e os alunos das outras três tinham de estar a fazer trabalho autónomo. Às vezes esquecia-me de alguma das classes.

Lembro-me de chegar a esquecer-me de uma ou duas e quando me lembrava lá ia ver se eles tinham realizado ou não as tarefas. Se começavam a falar mais alto é que verificava que me tinha esquecido deles. Não foi um ano fácil.

Nesse ano fiquei a leccionar na freguesia das Fontinhas, uma freguesia rural do concelho da Praia da Vitória, na ilha Terceira. Trabalhei na Escola da Ladeira da Pena, muito fria e húmida. A vantagem que tive foi ter conseguido viver em Angra do Heroísmo. As professoras tinham de viver na freguesia onde lecionavam, se não conseguissem obter um documento da Junta de Freguesia a comprovar que não havia lá nenhuma casa com condições de ter a professora a viver...

Tinha uma autorização provisória, da Direcção Escolar, penso que de duas semanas no máximo, para ver se tinha casa ou não, ou então a Junta de Freguesia tinha que me passar o documento. Sei que passei algumas aflições, porque estava a ver

que não ia conseguir. Não me recordo como é que consegui que a Junta de Freguesia passasse o tal documento a dizer que não havia, na freguesia, nenhuma casa com condições para eu ficar a viver.

### *Fiquei então a viver na cidade de Angra*

Ia com uma colega que trabalhava na freguesia contígua, São Brás. Ela tinha carro e levava três colegas, duas para a freguesia das Fontinhas e uma para a freguesia de Agualva. No fim do mês, dávamos-lhe uma certa quantia, em dinheiro, para o combustível.

Se tivesse ficado ali desterrada [risos], logo para começar... teria sido péssimo. Aliás, nos três anos que trabalhei na ilha Terceira, um nas Fontinhas, outro em São Brás e outro na Agualva, consegui sempre viver na cidade de Angra. Gostava muito da cidade de Angra, tinha vontade de ficar a viver lá. Depois fui para a minha terra e também foi bom.

Comparando a minha primeira escola com a escola que tinha quando me aposentei, não há comparação possível. Nem em termos de edifícios, nem de estruturas materiais de apoio. Até o próprio ambiente entre colegas era diferente. Trabalhávamos muito em equipa e já tinha recebido muito mais formação sobre outros métodos de ensino. Era uma escola com 2º ciclo, em que tinha uma turma na frente, que mesmo que tivesse 21 alunos, não tinha 4 classes. Eram alunos do 5º ou do 6º ano de escolaridade. Embora haja sempre diferenciação, dentro da sala de aula, conforme as dificuldades que os alunos vão apresentando, não há comparação possível.

Depois do 25 de Abril, a nível do ensino houve muitas, muitas melhorias e acho que os Açores foram uma das regiões onde o ensino teve grandes progressos. Ao nível das infraestruturas escolares, da formação dos professores, do número de alunos por turma, de professores de apoio, para alunos com necessidades educativas especiais. Considero que foi uma região que fez progressos significativos.

### *O 25 de Abril de 1974: uma maravilha na história de Portugal*

No 25 de Abril de 1974, estava na Escola Preparatória da Horta. Era o meu 4º ano de serviço, ou seja, o primeiro ano em que tinha entrado no ensino preparatório.

Foi uma maravilha na história de Portugal. Sabemos que a grande maioria do povo português vivia na miséria e não havia liberdade de expressão. Quanto às

mulheres, havia imensas desigualdades e descriminações na vida delas.

O 25 de Abril foi realmente um ponto-chave na história de Portugal e, no que diz respeito às mulheres, foi fundamental para a mudança, uma viragem muito grande nas suas vidas, em termos de emancipação social, cultural, enfim, em vários aspectos.

Eu, como já trabalhava fora de casa, em termos de trabalho não me sentia propriamente discriminada.

Antes do 25 de Abril, a maioria das mulheres não trabalhava fora de casa e as que trabalhavam, ganhavam quase sempre bastante menos que os homens. No caso das professoras, o vencimento era idêntico ao dos professores. Tinha a ver com a progressão na carreira. Portanto nesse aspecto, tinha conhecimento das discriminações que existiam em muitas profissões, mas não as sentia na pele.

Foi um motivo de grande alegria saber que esta revolução podia trazer uma viragem de 360 graus ao país, o que era fundamental porque já não se suportava aquele regime. O povo andava sempre massacrado, era a guerra colonial, era a fome, era a miséria.

As mulheres que trabalhavam fora de casa, normalmente, era na terra, um trabalho muito árduo. Ou trabalhavam na terra ou então nas tarefas domésticas, exercendo o papel de mães e companheiras. Se alguma quisesse exercer uma profissão fora de casa tinha que ter autorização do marido. Se não tivesse essa autorização, a lei permitia que ele chegasse ao local de trabalho, dissesse que não a autorizava a trabalhar e isso era motivo para ser despedida. Havia portanto muita discriminação. Lembro-me de, no Faial, haver situações dessas, embora eu não as sentisse na pele.

### *A UMAR na minha vida*

Após o 25 de Abril, houve uma grande movimentação com o aparecimento dos partidos políticos. A mulher começou a participar também na vida social, na vida política, na vida cultural, na vida sindical. Também fui dirigente sindical, tendo pertencido, durante 6 anos, à direcção do Sindicato dos Professores da Região Açores.

Verifica-se toda uma movimentação, em que as pessoas começam a sentir a necessidade de se envolverem socialmente em actividades e organismos. E passaram a não ser apenas os homens à frente desses cargos.

Tinham que ser os homens e as mulheres a lutar em conjunto. A sociedade tem que mudar com o trabalho conjunto de todos. Na altura, a minha inclinação foi para partidos mais de esquerda, que não estivessem ligados ao regime anterior.

No âmbito de várias atividades acabei por conhecer a Clarisse, numa deslocação dela à Horta, em que nos deu a conhecer a UMAR e começámos a falar sobre a associação.

Fui entrando nas actividades da UMAR, umas vezes com períodos de mais actividade, outros com menos.

### *Sentir a problemática da violência doméstica, no Faial*

Houve uma época, na ilha do Faial, em que se começou a sentir mais a problemática da violência doméstica e a necessidade de se criar uma estrutura para tentar dar resposta a essa situação.

Formou-se um núcleo da UMAR no sentido de se criar uma casa abrigo, sempre com o apoio da direcção da associação, com sede em São Miguel e o da Clarisse. Fomos trabalhando nesse sentido e conseguimos. Actualmente, a UMAR já conseguiu adquirir mesmo uma casa.

O trabalho que se desenvolveu foi bastante positivo. Conseguiu dar-se resposta, mais do que minimamente aceitável, a vários casos de pessoas que tinham necessidade desse apoio.

### *Antes do 25 de Abril, as pessoas não denunciavam, não contavam*

Não quero dizer que [a violência doméstica] tenha aumentado depois do 25 de Abril. Penso que as pessoas, antes do 25 de Abril de 1974, e nos primeiros tempos após esta data, não denunciavam, não contavam as suas histórias de vida. Tinha uma amiga cuja mãe apanhava muita pancada do marido. De vez em quando, estava com ferimentos. Eu era miúda. Foi muito antes do 25 de Abril. Nunca me esqueci desse caso.

A violência doméstica já existia, mas estava oculta! As pessoas tinham vergonha de falar sobre o assunto, mesmo depois do 25 de Abril... Até que foram ficando mais esclarecidas, e com as mentalidades mais abertas... e começaram a sentir a necessidade de falar "Não, eu tenho que lutar pelos meus direitos. Isto não é vida, não pode ser assim."

Também havia a questão das mulheres que não trabalhavam e que financeiramente estavam dependentes dos maridos, o que, também, era um grande obstáculo. Se tinham filhos, e se se separassem dos maridos e não arranjassem trabalho para se sustentarem a si e aos filhos... era muito complicado.

Eu estava ligada à UMAR. A Jacinta, do Faial, esteve numa formação com a Clarisse, na Terceira e alertou-a para a existência de casos de violência doméstica na ilha. A Clarisse falou-lhe em mim, "que estava ligada à UMAR" e ela entrou em contacto comigo e começámos a virar o trabalho um pouco para essa área. Desde logo pensámos em criar a tal estrutura de apoio à mulher vítima de violência doméstica, com uma psicóloga, uma jurista e tentámos encontrar financiamento, inclusive para a casa abrigo. Realizaram-se encontros com a segurança social, PSP, etc.

Rodeámo-nos de quem nos pudesse ajudar. A partir daí o trabalho da UMAR, no Faial, passou a concentrar-se muito na violência doméstica. Virámo-nos muito para aquele problema que estava ali mais efervescente...

### *Quando começámos a trabalhar na violência doméstica é que se juntou mais gente*

Antes, fazíamos atividades ligadas à igualdade de género, palestras abertas ao público. Chegámos a ter convidados para a problemática feminina, também sobre a saúde reprodutiva e a contracepção. Chegámos a ter um ginecologista que fez algumas sessões.

Era um núcleo muito pequenino na ilha do Faial. Quando começámos a trabalhar na violência doméstica é que se juntou mais gente. Nunca deixámos de comemorar o Dia Internacional da Mulher ou o Dia Mundial da Criança, com actividades alusivas a essas datas, mas, realmente, o grande objectivo, naquela altura, foi dar resposta àquela faceta que andava a preocupar muitas pessoas.

Houve muita solidariedade entre instituições. A Santa Casa da Misericórdia, a Escola Profissional, para fazermos formação, por exemplo.

Acho que a UMAR ficou, até, muito conceituada, por ter agarrado neste problema e ter ido em frente, numa tentativa de o minorar.

As pessoas, sobretudo as mulheres, passaram a apresentar mais os seus casos quando começaram a ver que havia uma resposta alternativa, um sítio onde pudessem ir, até arranjarem um trabalho ou uma casa para si e para os seus filhos. Nesse aspecto, houve uma mudança muito positiva no Faial.

### *A questão do divórcio*

O divórcio nem era permitido, antes do 25 de Abril. Se alguém tivesse um filho que não fosse do marido - havia os filhos legítimos e os filhos ilegítimos. E os filhos

ilegítimos ficavam registados como 'filhos de pai incógnito'. Eu ainda me lembro de ter colegas na escola, filhas de pai incógnito, que me fazia uma confusão muito grande. Quando cresci é que acabei por perceber porque é que elas eram filhas de pai incógnito. Mas realmente o divórcio não era permitido. Já depois do 25 de Abril, com uma alteração da concordata com a Santa Sé, penso eu, passou a ser permitido que no casamento católico houvesse o divórcio civil. As pessoas quando casavam, no casamento católico, tinham também o casamento civil e portanto podiam divorciar-se neste último.

Eu acho que sim, que o divórcio deve ser permitido, porque as pessoas podem ter feito más escolhas, ou alguma coisa deixar de dar certo e não vale a pena estarem a viver uma vida em comum, às vezes, só porque têm filhos, para eles não sofrerem. Mas a vida em comum pode ser tão difícil, que os filhos podem vir a sofrer mais do que com uma separação. Penso que deve haver liberdade de as pessoas poderem optar e chegar, os dois, a uma conclusão "Olha, não dá, temos de nos separar."

No que respeita aos filhos, devem conseguir conversar e tratar os assuntos de forma correcta, porque os filhos acabam por ser vítimas, se os pais se relacionarem muito mal.

### *Influência dos estrangeiros no Faial. Um certo escândalo, mas também, nada do outro mundo*

O Faial, no tempo da 2ª guerra mundial, houve companhias de cabos submarinos alemãs e inglesas. Houve muitos estrangeiros a viverem naquela ilha. Não sei se por influência desse convívio, as pessoas do Faial tiveram sempre uma mentalidade mais aberta, mesmo na questão das liberdades dos homens e das mulheres.

Após o 25 de Abril, já foi tudo mais fácil. Lembro que ainda, antes do 25 de Abril, uma menina casada, filha de um senhor muito importante, chateou-se com o marido e decidiu fugir com um iatista estrangeiro. Aquilo foi um certo escândalo, mas, também, não foi assim nada do outro mundo. Talvez por influência do convívio com os estrangeiros, as pessoas já tinham as mentalidades um bocadinho mais abertas, em relação às liberdades dos homens e das mulheres.

### *As mulheres e a agricultura no Pico e Faial*

No continente, as mulheres trabalhavam de sol a sol, nas terras para os senhores, os latifundiários, os donos das terras. No Faial, as mulheres que trabalhavam

nas terras, era nos seus terrenos. Elas trabalhavam com os maridos para angariar produtos para o sustento da família. Não iam propriamente trabalhar para ganhar o dia. Era o seu ganha-pão, no sentido em que estavam a cultivar os géneros para alimentação, mas não eram assalariadas. Nos homens havia essa actividade, mas nas mulheres não.

Penso que o trabalho das mulheres do Pico, na terra, era mais árduo do que no Faial. Elas trabalhavam muito, nas vinhas, nas figueiras e noutras árvores de fruta. Além de todo esse trabalho, quando tinham quantidade suficiente, vinham no barco, logo de manhã para o Faial, para vir vender nas ruas e posteriormente no mercado.

Vinham vender esses produtos, especialmente frutas. Tinham um trabalho muito árduo.

As mulheres que viviam nas freguesias chamadas da fronteira (da parte da ilha do Pico mais virada para a Horta) vinham, logo de manhã, no barco, para o Faial, só regressando à tarde a casa.

Quando eu era pequenina, ainda antes de elas venderem as frutas no mercado, iam pelas ruas, apregoavam as frutas, a uva, as maçãs, os figos e as pessoas compravam à porta de casa.

A fruta do Pico sempre foi e continua a ser muito boa. Até porque a ilha, apesar de estar ali a 20, 25 minutos de barco, tem um clima um bocado diferente do da ilha do Faial. A fruta é bastante mais doce. As pessoas compravam ali à porta e preferiam as frutas do Pico às do Faial.

As pessoas do Faial não estavam habituadas a cultivar para vender.

Se nós fossemos ao Pico passear, não víamos lá as pessoas a vender fruta. Elas vinham vender ao Faial. Tinham de ganhar o suficiente para pagar o barco e, às vezes, também táxi, se vinham com muitos cestos, para chegar ao mercado.

Ainda hoje, elas vendem no mercado. Ainda hoje, compro as uvas, as maçãs do Pico, as pêras, os figos...

### *O teatro*

Quando eu era professora no ensino primário, na Terceira, entre 1970 e 1973, fazia sempre festas com os alunos da escola, pelo Natal, Carnaval, Páscoa e final de ano. Ensaiávamos uma peça pequenina, umas canções. Lembro de, uma vez, na Terceira - na Terceira, o Carnaval é muito festejado com danças. No Faial também havia danças, mas uma coisita muito fraquita - então lembro-me que, uma vez, na Terceira,

ensaiei um grupinho de alunas com uma dança à moda do Faial e elas fizeram uma à moda da Terceira, para eu ver como era. Esse meu terceiro ano de serviço foi um ano muito interessante.

Depois de regressar ao Faial, já depois do 25 de Abril, o primeiro grupo em que participei foi o Grupo de Intervenção Cultural Semente, que atuou na comemoração do 1º de Maio. Era o GIC Semente. Cantávamos uma série de canções de intervenção… Gostava imenso das canções e continuo a gostar de cantar, embora a minha garganta já não dê muito para cantigas.

Tive um filho em 1979 e outro em 1982 e mais ou menos a partir de 1984 desligámo-nos bastante desse tipo de actividades. Tínhamos os miúdos e a vida da escola. Eu tinha feito estágio em 1976/77, mas o Manuel fez estágio quando o 2º miúdo estava para nascer.

Para mim, o melhor trabalho [de teatro] que fiz foi sempre para as crianças, quer quando as ensaiava, quer quando representava. Sentia-me melhor quando representava para as crianças do que para os adultos.

### *Os filhos. Os netos. Entre o continente e os Açores*

Aposentámo-nos e a nossa ideia, como os filhos, depois de tirarem os seus cursos, não optaram por ir para os Açores, era a seguinte: teríamos uma casa cá e passaríamos uns tempos cá e outros lá. Como entretanto foram surgindo netos, acabámos por reduzir as nossas idas aos Açores a 2 vezes por ano. De cada vez, vamos cerca de três semanas. O resto do ano é passado aqui, porque nos meios grandes, os pais trabalham longe de casa e têm horários complicados.

Torna-se necessário dar apoio aos netos e também noutras tarefas.

Aqui também já desenvolvemos outras actividades. Cerca de seis meses após a nossa chegada, passámos a integrar um clube de leitura da Biblioteca Municipal de Alcochete. Esse grupo é dinamizado por uma actriz profissional que foi sempre tentando que, no final de cada ano, se fizesse uma representação teatral. Temos participado nesses trabalhos. Praticamos ginástica e agora somos alunos da Universidade Sénior. Foi a forma de não nos ressentirmos muito com a aposentação.

O nosso desejo era viver em Lisboa, mas como o filho que tem os bebés optou por viver em Alcochete, nós optámos por comprar a casa aqui a 5 minutos dele. Ao princípio estranhei um pedaço porque isto é uma vila muito mortinha. Há muita população residente cá, que trabalha em Lisboa. Apesar de a Horta ser uma cidade

pequena e de a ilha do Faial ter 15 mil habitantes - que é o mesmo nº de habitantes de todo o concelho de Alcochete, a Horta sempre era uma cidade, e lá eu tinha ocupações diferentes.

Agora já me habituei. Tenho a Ginástica e a Universidade Sénior e já fiz algumas amizades.

Sinto-me bem ambientada, já não estranho. Às vezes vamos a Lisboa passear ou ao teatro. Para o cinema nem é necessário ir a Lisboa, porque temos aqui próximo. Actualmente acho que estou bem integrada.

### *Gosto da minha ilha. Gosto das ilhas dos Açores*

Gosto de ir aos Açores, mas já não tenho vontade de ficar lá muito tempo. Especialmente no Inverno, não gosto. Aquela humidade, aquele nevoeiro, não me agradam muito. Gosto muito mais do sol, do céu azul, apesar de o Inverno aqui ser mais frio.

Gosto da minha ilha e das restantes ilhas dos Açores. Neste ano já fui à Terceira e ao Faial, mas quando venho embora não fico com grande desgosto.

Depois vou voltar outra vez, ver de novo as pessoas e os lugares e a vida vai rodando.

### *Muito gratificante ser mãe, ser avó*

Tive dois filhos rapazes. É uma felicidade muito grande ser mãe. Eu, pelo menos, senti isso. Sempre idealizei que ia ter dois filhos, gostava de um menino e uma menina, mas foram dois meninos. Tudo bem na mesma. Aceitei muito bem, não houve qualquer problema e lá por isso não pensei em ter mais. Tinha pensado em dois e achei que era uma boa conta. Um filho único, não. Eu não tinha gostado de ser filha única, também não ia querer ter filhos únicos. Pois, se não tivesse tido mais nenhum, por qualquer motivo, não tinha outro remédio. Mas foi muito gratificante ser mãe, acompanhar a evolução deles, o seu crescimento e ir educando e vendo os seus progressos.

Sinto que ser mãe foi bastante positivo. É evidente que tive de fazer algumas opções na vida, deixar algumas tarefas em que me ocupava. Tarefas que não fossem da escola ou que não fossem de casa, portanto actividade política ou da UMAR, ou as actividades culturais. Tive que abdicar, algumas vezes, dessas tarefas, porque tinha que dar atenção aos filhos. Tinha que estar com eles algum tempo e portanto... Acho que, praticamente, a vida das mães todas deve sofrer alterações com a maternidade.

Umas podem sofrer mais, outras menos, alterações.

Eu não fiz logo corte radical com tudo. Há pessoas que o fazem. Eu não fiz. Fui-me adaptando gradualmente. Deixei uma coisa daqui, outra dali, conforme as várias etapas de desenvolvimento deles e acho que foi uma experiência bastante gratificante.

Eles tiraram os seus cursos e felizmente não estão com problemas de emprego. Acho que foi bom, sinto-me sempre muito feliz com isso.

Não senti grandes dificuldades. Pois havia fases da vida mais difíceis, fases do desenvolvimento deles que não era tão fácil acompanhar. Mas penso que, pela minha profissão, como tive que lidar sempre com crianças, com adolescentes, com jovens, isso, talvez, me deva ter facilitado o acompanhamento deles. Deve ter feito com que tivesse menos dificuldade nalguns aspectos. Os professores têm de ter sempre uma mentalidade jovem, senão deixam de conseguir acompanhar os alunos. A profissão ajudou a conhecer melhor as várias etapas.

### *Três gerações de mulheres mães*

Cada uma tem desempenhado os seus papéis de forma diferente. A minha mãe tinha a escola primária e trabalhou sempre em casa. Nunca teve uma profissão fora de casa, era só em casa a trabalhar para a família e apoiou-me muito. Quando eu tive os meus filhos, ela apoiou-me sempre muito, porque eu tinha de trabalhar e, às vezes, precisava de sair para reuniões. Ela ajudou-me sempre bastante.

Eu não sei se era mais liberal, mas era outra época. Já via talvez os problemas de outra forma, diferente.

Agora, quanto à minha nora, a mãe dos meus netos, ela já os vai educando de forma diferente da que eu eduquei os meus filhos. Mas encaro sempre isso como sendo um processo natural. O mundo vai evoluindo. Tudo vai evoluindo, a educação deles também acho que já não se pode comparar muito, nem se pode dizer "Eu fazia assim, devias fazer também assim."

Acho que tem que se ir acompanhando toda a evolução social, a evolução das próprias crianças, que já é muito diferente.

Têm outras vivências que nós não tivemos e a educação vem um bocado em função disso.

Ser avó é também muito gratificante. Costumo dizer que tenho uma dependência psicológica muito grande dos meus netos. Se estiver um dia sem os ver, ao fim do

dia não estou muito bem-disposta. Quando vou para os Açores, estou mentalizada e não há problema. Mas quando estou aqui, próximo deles, aqui a 5 minutos da casa deles, é um bocado difícil passar o dia sem os ver.

Pensava que vindo dos Açores para o pé da família ia ficar mais descansada, mas não. Preocupo-me muito mais. Afinal, quando estamos longe preocupamo-nos menos.

### *Um momento na vida*

Houve tantos momentos. Se calhar, podia destacar quando fui mãe e quando fui avó. Acho que essas duas situações foram muito emocionantes.

Por exemplo, o momento em que eu soube que tinha um cancro, marcou-me muito. Eu julguei que se, um dia, me acontecesse uma situação daquelas, ia cruzar os braços e deixar-me morrer. Mas, na altura em que me disseram que eu tinha um carcinoma e o médico veio falar comigo porque era necessário ver o caminho que se ia percorrer, senti uma energia fortíssima. Passaram duas imagens na minha frente, não sei se foram visuais ou auditivas, mas passaram duas imagens: Morte ou Vida. E, naquela altura, senti muita energia e fui logo falar com o médico, para saber qual a opinião dele sobre o que eu ia fazer.

Estavam a dar-me uma notícia negativa, que eu julgava que se um dia tivesse uma notícia daquelas ia ficar muito em baixo e senti foi uma energia muito grande, uma vontade de viver e de lutar pela vida. Isso foi um momento muito marcante, também, da minha vida. Acho que a parte psicológica ajudou-me muito.

### *Sou sempre açoriana*

Ainda tenho a casa nos Açores e apesar de estar a viver no continente sou sempre açoriana.

Sou sempre açoriana.

Conceição Chaves, Santa Maria, 56 anos

## História de Vida de Conceição Chaves

Sou a Conceição Chaves, tenho 56 anos, a minha profissão sempre foi costura e tecelagem.

Mais tarde também trabalhei na panificação de biscoitos, mas a minha principal profissão era costura e a seguir tecelagem.

Sou nascida na freguesia de Santo Espírito.

De pequenina, do que é que me posso lembrar?

De Malbusca, vivi sempre a minha vida por ali.

Andei na escola de Malbusca.

Vivi sempre a minha vida por ali, casei e fiquei em Malbusca. Fui uma criança normal, como outra qualquer, que só se tirava a 4ª classe, foi pena, mas pronto. Na altura era o que havia.

Na altura, acho que as crianças eram mais adultas do que hoje em dia. Não sei se estou certa ou não. Hoje, uma criança com 10, 12 anos se coze pão, a gente pensa "Ah, não vais fazer isso." Na altura, eu, com 7 anos, fazia este determinado serviço.

Muito novas íamos lavar a roupa para um espaço onde várias senhoras iam lavar. Íamos ao moinho, íamos à fonte buscar água. Era assim a nossa vida. Era bonito porque saíamos de casa, ríamos, falávamos.

Hoje toda a gente se acomoda em casa a ver televisão. As vizinhas quase só 'Bom dia, boa tarde, olá.'

Falar de coisas com pouca importância, mas que era bonito falar. Achava bonito, achei e acho. Olho para trás, quando era criança, era bonito, naquela altura, com fracos recursos.

Éramos pobres, não tínhamos muito. Não havia água, como vos estou a contar, não havia luz. A luz facilita-nos. Não havia frigoríficos, não havia uma série de coisas. Se não tendo luz não podíamos ter um micro-ondas, não podíamos ter uma cafeteira, não podíamos ter um frigorífico.

Apanhava-se o peixe, o peixe era guardado no sal. Lembro da minha mãe preparar para o meu pai. Assava no forno, depois era na folha da maçaroca que ia a assar o chicharro. Aquilo era tudo salgado, porquê? Porque não havia onde se arrumar tudo fresco, porque não havia luz.

### *As matanças do porco*

Era tão especial, era tão bonito. Era onde se comia. Não havia de comer, mas naquele dia havia. Era bonito. Juntava-se a família e amigos para a matança do porco. Era um porco grande. Faziam-se os bolos, os biscoitos de orelha que eram os tradicionais. Fazia-se caldo com galinha guisada. Era tão especial, tão bom. Só de vez em quando. E então arranjava-se o porco, era um monte de gente, não sei para quê. Era para o convívio, para a festa. À noite, eram os torresmos, era casa cheia para comer os torresmos.

Havia o acordeão para tocar, cantava-se, jogava-se às cartas. Aquilo era uma barulha danada, mas era tão bonito. Desviavam-se as mesas e as cadeiras. A gente, enquanto esperava pelos torresmos, porque acabava-se muito tarde, cantava, ouvia música ou jogava às cartas. Era bonito.

Cá está, não sei se digo que era pobreza. A gente não passava fome mas a gente não tinha tudo o que queria. Era uma vida mais, sei lá, não sei.

### *Comecei muito cedo o meu ponto de cruz*

Ensinaram-me a trabalhar muito cedo. A costura… Tinha uma irmã que já não está entre nós, morreu com 22 anos, ela foi a primeira a aprender a fazer costura e depois foi ela que me passou estes conhecimentos. Mas tão novinhas, a gente saía da 4ª classe, era logo, não era esperar para os 16 e 18 anos. E saíamos da 4ª classe e íamos fazer alguma coisa. E então era com estas idades que a gente fazia.

### *Lavar a roupa nas ribeiras e lavadoiros*

A gente ia buscar a água e íamos ao moinho para moer a farinha, havia o milho e o trigo. Havia as terras do trigo, as máquinas iam às eiras moer. Os que tinham as terras iam moer e debulhar. Havia a debulhadeira, depois a gente arrumava e íamos ao moinho.

Quando chovia, íamos lavar nas ribeiras mais perto das nossas casas. Quando não chovia tanto, íamos ao Juncal. Foram construídos ali alguns 20 lavadoiros. Num, era de joelhos que se esfregava a roupa. Vinha sempre correndo a água pelo ribeiro abaixo, para aquela zona e todas lavavam ali. Depois tínhamos um outro chafariz. Cada uma acabava e vinha passar a sua roupa por uma água limpa. Depois, toca a subir para casa, com a roupa para estender.

### *Estamos a falar das meninas*

Meninas e a minha mãe. Umas vezes íamos com a minha mãe, outras vezes não.

Íamos as duas, ou juntas com vizinhas e íamos sozinhas.

Os meninos não se via muito ir aos moinhos. Iam mais para a ajuda das terras, com os pais, plantar as batatas ou juntar o milho. Eu também ia, também fazia parte disso. Também chegava a ir, com minhas irmãs.

No tempo ainda lavava roupa no tanque.

Quando casei, ainda não havia luz, nem água. Três anos depois de ter casado, é que veio a água e a luz, é que as coisas foram melhorando, mas eu conseguia fazer tudo e mais alguma coisa. Conseguia ir à ribeira, ir ao moinho, ir buscar água e ainda fazia a costura à luz do candeeiro. Eu via bem, hoje não vejo. À luz do candeeiro para a máquina e tudo, enfiar a agulha. Era o tempo que nos restava. Se não conseguia durante o dia, era à noite que fazia.

### *O casamento, o namoro, o apaixonar-se*

Casei com 20 anos.

Lindo, apaixonada [risos]. Eu gosto de brincar com as minhas colegas "Se voltasses atrás, fazias o mesmo, casavas com a mesma pessoa?"

Claro que casava com a mesma pessoa. Fazia tudo a mesma coisa. Foi uma altura muito bonita, a paixão, não me arrependi.

Tive a minha filha, um ano depois, não estava a contar, tive o meu filho e onze anos depois tive mais um. Fiquei com três filhos, com muito sacrifício. Foi muito bonito, olhando atrás fazia o mesmo.

### *Sempre gostei da costura e da tecelagem. As mulheres apenas tinham trabalho doméstico*

Tinha uma tia que trabalhava tecelagem e eu sempre fui muito curiosa. Gostava muito de ver os teares e sempre tive aquela curiosidade de ver como funcionava.

A certa altura, estive a dar formação de costura a várias participantes, isto em 1987, ainda havia muita gente jovem por aí que não sabia o que fazer e então havia formações pela Secretaria da Educação e Cultura, e foi daí que fui pensando num projecto. Tinha muito gosto em levá-lo ao fim, porque havia muitas senhoras da

minha idade que faziam trabalho doméstico. Não havia senhora nenhuma que trabalhasse fora de casa, que estivesse empregada. Apenas uma professora, de resto só os homens. As mulheres apenas tinham trabalho doméstico.

Surgiu uma oportunidade, através da Caixa Geral de Depósitos, para concorrermos com o artesanato, era um trabalho de lã, era a camisola tradicional e então tinha de organizar duas ou três pessoas para o fazer e concorrer. Concorremos e ganhámos o segundo lugar e então daí foi despertando mais aquela vontade de criar. Criar qualquer coisa para que se ocupasse as mulheres da freguesia e então surgiu, na altura, através da educação permanente, uma formação de tecelagem. Como eu já tinha alguns *dotezinhos*, lá fui outra vez às freguesias para dar outra vez formação de tecelagem. Isto foi tudo ajudando sempre a criar ainda mais força. E então como tínhamos concorrido e ganhámos o segundo lugar, 200 escudos, era um fundo de maneio, muito pouco, mas que já nos servia. E então, por que não criarmos uma cooperativa?

### *A constituição de uma cooperativa*

Várias mulheres aprenderam umas com as outras. Umas sabiam mais de umas coisas, outras de outras e vamos lá formar uma cooperativa. Mas para isso tínhamos que ter experiência dos trabalhos, fazer uma descoberta na freguesia, porque já não havia ninguém que tecesse. Quer dizer, era também preencher uma lacuna que já se fazia sentir há muitos anos.

Havia alguns teares antigos em casa. As mantas, as colchas estavam todas arrumadas na caixa, ninguém as via, nem ninguém sabia que elas existiam.

Então, convidei várias raparigas, mais ou menos, da minha idade. Elas estavam de acordo comigo e avançámos com o projecto, que nos deu muito trabalho. Fui a promotora disto, mas sozinha não fazia nada. Junto com umas colegas minhas, tinha de ter dez pessoas para formar e fazer a constituição de uma cooperativa. Na altura, dez ainda era muita gente...

Umas conseguiram, sempre, ir em frente comigo. Outras ficaram pelo caminho, mas eu sempre acreditei nisto, que íamos chegar a bom porto e então, primeiro, foi retirar experiência no trabalho, pois não ganhávamos nada por dia. Juntávamos, fiávamos a lã, tecíamos, fazíamos os trabalhos da lã, em conjunto umas com as outras. Vendíamos alguns trabalhos de folclore que encomendavam, mas, como algumas tinham pouca experiência, o trabalho demorava muito e ganhava-se pouco, mas

mesmo assim continuámos sempre a trabalhar e fizemos a constituição em 1989. Planeámos isso entre 1988 e 1989. Fui pedir ajuda para a constituição da cooperativa e para os projectos de apoio porque a minha cultura não era muita. Na altura, fiz dois cursos de tecelagem e costura, depois de estar a constituição feita, onde parte desse pessoal ficou connosco, porque houve desistências de sócias e como as outras, já tinham alguma prática, ficaram connosco.

Continuámos sempre em frente. Fizemos a construção da casa. Fomos pedindo alguns apoios. Pedimos até um apoio, aqui para a sede, só que, na altura, foi um orçamento, mas as coisas foram crescendo e acabou sendo outro e aquilo tudo saiu das nossas mãos, porque trabalhámos, no início, a troco de nada... Nada não, foi investir. Investir no nosso trabalho aqui. Arregaçámos as mangas, ajudámos até com as sacas do cimento. Trabalho que víamos que conseguíamos fazer, fazíamos tudo e mais alguma coisa para conseguir algo. Para irmos mais além. Para depois, no futuro, termos um ordenado com que nos sentíssemos satisfeitas.

Começámos com a tecelagem. Mas na tecelagem são trabalhos que, às vezes, demoram muito e, se pedíssemos muito dinheiro, podíamos não vender. Então tivemos a ideia de juntar outra actividade, a panificação, que nos veio ajudar muito, porque a panificação - portanto, biscoitos e pão caseiro - é um produto que se gasta todos os dias e amanhã precisamos de mais, enquanto as peças de artesanato, podem vender-se hoje ou só daqui a oito dias.

Então, esta foi uma aposta muito importante, a panificação. Tivemos, durante vários anos, dez sócias e depois já não dava, tivemos que colocar outras empregadas aqui e foi sempre sem parar no Verão. No Inverno ficava mais fraquinho. Foi um trabalho, primeiro para adquirir o prédio e logo a seguir a construção e não parou só pela construção. Tínhamos um forno de pedra, não havia amassadeira. Foram os nossos braços que amassavam alguidares de pão. Fomos nós que acendemos o lume, varremos o forno. Depois começámos a vender à freguesia. Da freguesia passámos à Vila do Porto a servir com pão caseiro e ainda hoje é um pão tradicional. Depois foram os nossos biscoitos tradicionais, de orelha e não só. Há outros também que se vendem. Fomos sempre em frente e fomos pedindo ajudas e apoios para o forno. Fomos melhorando as coisas. Era de lenha, o forno, mas já tinha outra maneira de cozer, depois comprámos uma amassaria, que era o mais necessário e fomos sempre comprando, tirando do nosso ordenado por mês.

### *Na cooperativa*

Sócias temos oito. Duas não estão no ativo. Temos seis, sete empregadas a trabalhar e depois, no Verão, metemos mais porque temos os impérios...

No Verão, há dias que não chegamos a fechar a porta. Por exemplo, umas começam às oito da noite e vão embora às quatro da manhã, outras entram e depois vão embora ao meio dia, outras entram e estão a sair às oito. Não chega a fechar. Não são só as pessoas de fora que consomem, a população não é muita, mas consome muito e depois vêm os emigrantes que também gostam de levar consigo. Emigrantes que são de cá, e mesmo de outro sítio qualquer, querem levar os nossos produtos tradicionais.

Fornecemos para toda a ilha e a partir de uma certa altura, para todas as freguesias. Isto estou a falar de há 20 anos, em que já se servia as freguesias da ilha.

Na altura, até tínhamos um homem, no início, quando fundámos. Um homem que era produtor de animais... ovelhas, e então fornecia-nos a lã. Ia levar a lã e era ele que fazia este trabalho. Depois já deixou de ter essa actividade e disse-nos se não nos importávamos de ter outra sócia.

Não é que sejamos contra os homens, mas as mulheres, nesta parte da panificação e na tecelagem, sempre se deram muito bem, embora não seja tudo um mar de rosas. Cada uma tem o seu feitio e é assim, temos que nos respeitar umas às outras e fazer pelo melhor, para todas ganharem com isso, mas não é fácil... Às vezes, determina uma coisa e não é bem assim.

Não é fácil mas temos conseguido e espero bem que se consiga ir sempre em frente.

Há quatro que são sócias fundadoras, temos outras que são mais novas, são essas em que tenho muita fé e elas já têm feito bastante trabalho e vão continuar a fazer, para isto ser sempre uma garantia das mulheres poderem trabalhar.

Não quer dizer que algum dia venhamos a colocar um homem a trabalhar... É um trabalho pesado, levar o pão para o forno, tirar o pão do forno, são trabalhos pesados, mas fazemos. Chegam aqui para fazerem as descargas, somos nós que pegamos nas sacas de farinha, as caixas de ovos, estas coisas fazemos tudo e vamos conseguindo fazer.

### *Cooperativa ou empresa*

Se fosse de um patrão... Não pude fazer, nem sequer pensei, porque, na altura, havia uma dificuldade enorme. Era só o meu homem a trabalhar, então o orçamento familiar era muito pouco. Eu ganhava algum, em trabalhos de costura e estava habituada a isso. Não ia ser tão fácil em termos de apoios, na altura. Em termos de cooperativa, dava.

Mas, olhando atrás, hoje, quem vem como empregada para aqui trabalhar tem outras regalias que nós não temos.

A cooperativa não dava lucros e o que acho que foi muito injusto foi darem-nos uma caixa como trabalhadora independente. Eu e as minhas colegas, que somos sócias, pagamos uma caixa fortíssima, enquanto uma trabalhadora vem aqui paga um tanto de caixa... É assim, eu pagar uma caixa alta sim, se fosse só eu o patrão disto. Nós somos várias e todas pagamos uma caixa alta, por isso, acho que é injusto.

### *Com a cooperativa fizeram-se deslocações*

Com essa experiência senti-me felicíssima, com a venda dos produtos e não só.

Juntavam artesãos em que falávamos todos e dávamos conhecimentos uns aos outros... "Nós somos assim, fazemos assim, trabalhamos assim..." Eram experiências que valiam muito a pena.

A primeira vez fomos convidadas para ir à FIL em Lisboa, se calhar, meses depois, voltámos à FIL e daí, acho que fomos a Portimão. Depois, fomos ao Congresso das Formações de Cooperativas [Congresso das Cooperativas Portuguesas]. Depois voltámos a ir ao congresso de outra cooperativa, à Terceira. Fui às Sanjoaninas, umas duas ou três vezes. Ao Santo Cristo fomos imensas vezes, dividíamo-nos... Um ano iam duas, outro ano outras duas, sempre assim. Fomos à América, às Canárias, à Madeira, fomos a vários sítios. Hoje não vamos tanto porque também é preciso investir, na altura conseguíamos ir porque tínhamos passagens pagas, tínhamos um apoio muito grande da Secretaria. Hoje somos nós que pagamos as viagens e depois é mais complicado, pois não compensa. Vamos vender para pagar as contas. Não é que não seja bom. É bom estarmos sempre representadas, a ilha conhece bem a cooperativa.

### *Experiências noutras localidades*

É bom aprender e ter outras experiências noutras localidades.

Sim, sem dúvida. Esse congresso de gerir as cooperativas, para mim, foi muito importante. Embora já tivesse uma bagagem, desde que dava a formação de costura, havia aulas, não só de costura, mas também formação em como saber lidar com as participantes, saber como se trata a outra pessoa, saber respeitar o feitio dela, saber tratar o feitio que ela tem, mas que vai aprender e mudar ao fim de uns meses. Vamos achar uma certa diferença, mas é preciso saber lidar com a pessoa, falar com ela de modo a que não haja ofensas, em que a pessoa se aperceba que realmente também tem que mudar para ser mais alguém. Isso foi, também, muito importante para mim. Saber que vou ter de ouvir e que vou falar quando for preciso. Isso para mim já foi muito importante, e então o gerir as cooperativas foi ainda mais importante.

Na altura, no congresso que fui ao Porto, eram só cooperativas de artesanato. Quando fui à Terceira, já era união de cooperativas. Eram várias.

### *A relação com as companheiras*

É uma relação tão familiar, para mim só damos importância quando não podemos estar presentes. Portanto, já tive situações que não podia estar trabalhando e para mim é uma saudade, uma falta tão grande não estar aqui. Não só para trabalhar, mas também para estar com as minhas colegas.

Quando nos encontramos é tão bom olhar para elas e falar. É muito bonito estarmos todas umas com as outras. Trabalhar, para mim, é muito importante, muito mesmo. Para mim isto faz parte da minha vida. Vou para casa, posso não estar aqui trabalhando, mas isto faz parte de mim. Quer dizer, eu trabalhei para isto, a troco de nada não... A troco para todas. No início alguém tem de ser mais sacrificada do que outras para fazer a constituição, mas nunca esmoreci. Tive sempre uma força. Foi um projecto em que sempre acreditava que dava. E deu. E espero que continue, sempre, a dar.

### *Outras dificuldades da cooperativa*

Depois tivemos que concorrer a apoios para comprar uma carrinha, para fazer a distribuição. Quer dizer, ao longo de vários anos, foi-se precisando de muitas mais coisas e continua sempre a precisar-se, porque temos sempre que evoluir. Não podemos parar no tempo. Há muita coisa, ainda, que precisamos.

### *A distribuição é feita por mulheres*

Somos nós que as fazemos. As distribuições são feitas pelas operacionais, a maioria. Temos duas sócias que não vão fazer. Temos os nossos dias marcados, vimos às quatro ou cinco da manhã, depende, empacotar e depois vamos fazer as distribuições. Somos nós que as fazemos. É preciso muita força.

Não é uma mulher a trabalhar 24h por dia. É assim, temos de nos levantar às três e meia da manhã para estar aqui às quatro, porque as que entraram às oito da noite, querem sair para ir descansar. E é assim porque senão...

Temos de ter o pão cozido, para quando a mulher chegar aqui, começar a empacotar as coisas. Tem de haver pão cozido para empacotar.

### *A reacção das pessoas*

As pessoas em geral, da freguesia, depois de verem que isto realmente deu fruto, as pessoas ficaram a pensar "Ah! Afinal elas conseguiram!"

E muitas das sócias que no início desistiram, que nos deixaram sós, chegaram a vir para trás, para vir, depois, trabalhar. Por quererem trabalhar.

Às vezes, era de desmoralizar. Diziam, às vezes, "Isto não vai dar, vamos deixar." Mas não...

Quando as pessoas diziam "Isto não vai dar" era porque até certo ponto ignoravam estas coisas. Porque é assim, estavam tão habituadas no seu canto. As mulheres não trabalhavam na freguesia, quem trabalhava era o professor, a professora. Quanto ao resto não tinha grande importância. Elas pensavam assim.

Como se fechavam muito no trabalho doméstico, em casa, para elas estavam no escuro. Estarem a sair, para porem ali... "O que é que elas estão a fazer ali?" Para elas, acho que foi isto. Estarem fechadas no seu trabalho doméstico, cuidar dos filhos e não terem o que fazer para além disso. "Acho que aquela gente não tem que fazer em casa. O que estão a fazer ali?" Não tinham a mínima ideia.

Só quem estava por dentro disto, é que tinha outra visão. As pessoas, algumas delas, não quer dizer que sejam todas, achavam que isto não ia dar. As pessoas estavam tão habituadas a isso, que, por isso, falavam assim. Mesmo com pessoas da política, numa reunião, estivemos a falar deste projeto que tínhamos na mão, e ouvi uma voz lá do lado a dizer "Não vou perder tempo com coisas que não chegam ao

fim." Esta frase foi a mais pesada de outras coisas que eu ouvia.

Mas chegou ao fim e espero que continue, sempre, por aí além.

***O que digo sempre a esta gente nova: "É o vosso futuro!" "Olhem sempre em frente! Não se pára!"***

Nunca se pára, sempre em frente.

Arriscámos muito, arriscámos muitas coisas, mas nunca fomos dando a passada muito larga. Arriscámos com cabeça e pés.

***A entrada na panificação: Uma passada larga, mas segura!***

Segura, exatamente. Segura porque, à partida, tínhamos a certeza.

Pensámos primeiro na freguesia. As pessoas não iam para Vila do Porto comprar pão. Muitos casais que já não podiam cozer pão, toda a gente cozia em casa no seu forno de lenha. A casa tradicional tinha sempre o seu forno de lenha, mas muitas pessoas também já não podiam [cozer pão].

Então foi uma aposta mesmo certa.

Porque começou-se pela freguesia e a partir daí, não só aquelas que não podiam, como aquelas que podiam. Se calhar era mais fácil comer pão fresco todos os dias, do que fazer uma fornada para hoje e comer ao longo dos dias. Então, pensámos "Ah, porque não vamos e não fazemos o pacote de biscoito, o nosso biscoito tradicional? Então porque é que a gente não vai fazer biscoitos?", então começou por aí.

Eu e as minhas colegas tínhamos quase a certeza, que isto era mesmo apostar na altura certa.

***Foi abraçar este projeto. Foi com o apoio do meu marido***

As pessoas estavam muito fechadas em si próprias, nos seus meios.

Ele podia dizer assim "Ó mulher, o que é que estás a fazer aí? Isto não está a dar nada, não está a dar dinheiro. Vai para casa fazer isso ou aquilo.", mas deu-me sempre apoio "Vai sempre em frente, vais conseguir." Ele foi a pessoa que, quando fomos fornecer a Vila do Porto com o pão, ainda não havia carrinhas aqui na cooperativa e vínhamos por aqui carregar o pão numa carrinha que ele tinha. Ele levava a Vila do Porto, ao supermercado que havia lá. Ele é que levava o pão para baixo.

Para chegar a alguma coisa temos que trabalhar muito. Mas quero vir a dizer, podia ser outra pessoa, não me apoiar neste sentido de chegar a casa não ver o jantar feito ainda.

Quem está em casa é normal, se eu estava a trabalhar, eles trabalhavam, eles estavam habituados a ter tudo feito. Ele nunca foi uma pessoa exigente. Nunca foi. "Chegamos agora, vamos fazer agora."

Se ele não apoiasse ia ser uma guerra, mas ia fazer das tripas coração para conseguir, ia custar mais. Se me custou, ainda ia custar mais, assim. Com o apoio dele, foi mais fácil. Porque tive de perder muitas horas, muitas horas, para ir para Vila do Porto fazer o preenchimento de documentação, para os projetos para apoios. Não é de qualquer jeito e feitio. Eu perdia muito tempo. Perdia muito tempo. Na altura era a troco de nada, devo dizer. Os frutos vieram a aparecer mais tarde. Mas, perdia-se muito tempo.

Faltava sempre documentação: é preciso mais isto, depois mais aquilo, mais isto. Quem trata destas coisas sabe muito bem.

É pior do que estar a trabalhar. Se estivesse a trabalhar num tear, estava melhor.

### *O apoio das famílias, nomeadamente dos maridos das colegas*

Também nessa altura, não era preciso toda a gente tratar dos papéis. Ia eu...

Havia alguns que puxavam para trás, mas a maior parte apoiava. Até tivemos o caso de uma sócia, cujo marido assinou um orçamento para a gente usar.

Todas nós queríamos... Quer dizer, toda a gente se disponibilizava para tudo e mais alguma coisa. Se não fosse assim. E se não houvesse um fundo de maneio para podermos avançar, não se conseguia chegar lá. Não se conseguia. Tivemos de ter fianças. E lá está, os maridos destas minhas colegas, se não fossem pessoas compreensivas, era bem pior.

### *Situação financeira actual*

Estamos com 26 anos. Posso dizer que a situação financeira da cooperativa, a partir, mais ou menos, dos 10 anos para a frente era boa. E ainda hoje é boa. Porque não estamos com dívidas.

Às vezes, vamos passando por dificuldades, por causa de fornecedores que, às vezes, pagam tarde e a más horas, e isso prejudica, mas... estamos bem. Não se nada em dinheiro, nem lucros... Mas interessa que vá dando para pagar o ordenado a todas.

### *A gestão*

É preciso fazer assembleia. Põe-se à direção e também temos de pôr à assembleia "Temos tanto assim, tanto assim..." E vai-se fazendo as contas.

A gente vai vendo como é que as coisas vão. Vamos vendo o que está correndo menos mal, ou não. Temos de ter sempre isso em atenção.

Estive os primeiros anos à frente disto. Depois tive a minha mãe muito doente. Tive que dedicar-me muito a ela. Ela estava precisando. Nessa altura, não podia ficar à frente... Mas há sempre gente de confiança para fazer o que é preciso.

### *Apesar da minha fraca cultura, o meu falar assim... Isto fazia uma história, fazia uma história*

Por detrás disto tudo, há tanta coisa, tanta coisa, boas e más... Não quer dizer que sejam más... Mas também não se pode dizer que foi tudo um mar de rosas. Não senhor. A gente sabe que há sempre coisas que são difíceis de resolver.

E quando há muita gente, como há bocadinho estava a referir... Todas têm o seu feitio, mas a gente aprende a lidar. A gente aprende com os outros. Porque nem só nós é que temos razão.

Também há gente com outras experiências, e são boas também, e aprendemos com essas experiências, e a gente pensa assim "Realmente..." E com esse realmente, a gente acaba por aprender muitas coisas, umas com as outras. Todas têm o seu valor.

E a gente tem de engolir muito sapo, para as coisas irem a bom porto. Às vezes, é preciso deixar as coisas acalmar...

### *Eu já mudei muito*

Mesmo em casa, dizem, e já mudei muito. Eu fui uma pessoa calada. Calada não sei bem se é o termo. Uma pessoa de ouvir, ouvir... E ouvir as coisas da melhor maneira, sem explodir, sem rebentar. Falar com a pessoa, fazê-la chegar à razão. É a melhor maneira de se fazer as coisas. É assim que se aprende.

Já não sou bem assim. Já expludo, reajo de outra maneira. Mas eu aguentava sempre...

### *Tinha em mente este projeto: a cooperativa*

Sentia-me na obrigação de fazer tudo para que isto caminhasse para bom porto.

Eu casei... Não tive consumições na vida.

Deitava a cabeça no cabeçal, a minha consumição era a cooperativa. Não era o meu marido ou os meus filhos.

A minha vida em si, não estava em jogo, para mim estava tudo bem. Só que eu tinha em mente este projeto. Eu acreditei. E ele tinha de dar certo. Então estava nas minhas mãos, como presidente da direção, como promotora disto... Sentia-me na obrigação de fazer tudo e mais alguma coisa para que isto caminhasse para bom porto.

E lá está, para saber lidar, para que as coisas não se desmoronassem, tinha de ser assim. Ouvir; falar de um certo modo.

Acho que isto se foi aprendendo... A gente não muda, mas aprende.

Acho que, se se for consertando de tal modo, se as coisas não estão bem assim, se consegue conversar...

Embora haja muitas vezes que se quer conversar e não nos deixam. Não se consegue.

Às vezes, a pessoa pensa que aquilo que diz é que está bem, e não é bem assim.

Mas acho que fomos aprendendo todas, umas com as outras. Se há alguma coisa para resolver, resolvemos duma maneira muito educada, e pronto.

É preciso acreditar numa coisa e ter muita força para levar para a frente!

### *Contactos com outras cooperativas de mulheres*

Isso confortava-nos.

Conhecemos outras cooperativas e isso também nos ajudou muito porque, dávamos a conhecer o que se passava na nossa cooperativa e, as outras, também davam a conhecer o que se passava na delas: se funcionava bem assim, se não funcionava bem...

Isso confortava-nos, porque também nos dava a conhecer que não só a nossa

tinha dificuldades. Algumas até tinham mais dificuldades que a nossa.

### *Conselhos às pessoas mais novas*

Às pessoas mais novas, hoje dava-lhes muita força.

Diria para acreditarem muito naquilo que querem.

Dava-lhes muita força: acreditar muito naquilo que querem, no projeto que querem. Que têm de trabalhar com força, para concretizar um sonho que tenham e que se tornará realidade.

Já tivemos um encontro, duma cooperativa de jovens de São Jorge. Quiseram falar, conhecer esta experiência. Vieram conversar comigo. Falar da minha experiência, e como começar um projeto. E, só isso, dá-me um certo ânimo, falar com estes jovens.

Eles contaram-me o que queriam fazer... Eles falavam do já estavam a fazer, e eu dizia-lhes "Ainda há isto" e eles "Ah, ainda há mais isso?" e eu dizia "Sempre que lhe façam essas perguntas, não desvaneçam. Não desistam, não desanimem. Vão sempre em frente, que a gente quando quer, sempre consegue."

### *Olhando para trás na vida… Um momento especial*

Duas grandes obras - a cooperativa e a família!

Momento especial? Foi o projeto de vida, também, mas não quer dizer que seja suficiente.

Acho que a gente, ao apaixonar-se por uma pessoa, ao casar-se, ao ter um filho, isto faz parte dum projeto de vida, que também é muito importante. Também é importante que ele não se desvaneça.

Mas a cooperativa foi, também, um projeto muito importante na minha vida, e muito gratificante... Em especial quando fizemos a inauguração. Quando inaugurámos a cooperativa, não fui só eu que senti. As minhas colegas também.

Foi um impacto. Foi um sentir uma gratificação do trabalho, de tudo. O resto a gente esqueceu, os sacrifícios que fez. Estava obra feita e agora era só avançar para a frente. Isto foi muito especial.

Houve uma altura, em que se não tivéssemos linhas, não tínhamos costura, não podíamos fazer costura! E aquilo foi igual, se não tivéssemos casa, andávamos aqui e ali, como dantes. Assim não. Ficámos com a casa, ficámos com o material todo cá

dentro. Agora era só trabalhar. A base é que custou. Foi uma importante fase a que a cooperativa chegou.

***Grandes obras: a cooperativa e a família***

Sim. Para mim é. É sentido!

Eu posso estar onde estiver, mas - é sentido - saber que alguém está a usufruir disto, tirar fruto disto!

Eu fico tão feliz de saber que há pessoas, que ao fim do mês, levam o seu ordenado para casa!

O meu objetivo era esse, era pôr alguém, pôr as mulheres a trabalhar.

Mesmo a cooperativa para mim é e era uma ideia para a freguesia.

Na freguesia, bem, era assim "O tear, parado. Há ovelhas mas já não há quem faça o fio da lã..."

O meu objetivo era pôr as mulheres a trabalhar, algo diferente. Não ficarem fechadas, em casa, a fazer trabalho doméstico. Fazerem outro trabalho, fazerem qualquer coisa!

Espero bem que esta nossa conversa sirva para alguma coisa.

Fátima Madruga, Pico, 59 anos

## História de Vida de Fátima Madruga

O meu nome é Maria de Fátima Madruga (da minha mãe) Gomes (do meu pai). Tenho 59 e vou fazer 60 em 13 de Maio. Por isso me chamo Maria de Fátima.

A minha infância, portanto, eu nasci no Pico, a minha infância foi passada numa família numerosa em termos de primos e tios e os meus irmãos eram 3 além de mim. O meu pai era comerciante e a minha mãe era costureira. Eram duas pessoas muito... À medida que vou vivendo mais tempo vejo melhor como é que eles eram. Agora é que vejo.

Na altura eram só os meus pais, a quem tinha que obedecer.

Aos 7 anos fui para a escola. Naquela altura, era só aos 7 anos que se ia para a escola primária. A escola era mesmo ali ao pé da minha casa. Naquela altura, eu tinha uma professora que me metia muito medo. Hoje vejo quem ela era. É extraordinário irmos vivendo… Hoje vejo a minha professora… Na altura ela apavorava-me. Hoje, percebo-a perfeitamente.

Tinha os amigos da escola, os primos, a minha infância foi passada assim.

Entretanto fui estudar para o Faial porque a professora dizia que era uma pena eu não estudar, mas tive muitas saudades e voltei para o Pico, passados dois meses e meio. Depois só estudei mais tarde, já com 18 anos, por minha conta. Só até ao 9º ano. Depois achei que não valia a pena continuar e não continuei e nunca me arrependi e pronto. Foi assim.

Depois entretanto comecei foi a pintar, a fazer uns biscates daqui e dali e pronto. Daí fui para a minha profissão. Profissão... se se pode chamar assim. Fui para a minha área, para o meu 'desenrascanso' de vida que era gravação em marfim. Davam-me 10 escudos por cada gravação numa medalhinha, na altura, ali pelo 25 de Abril, em 1973, 74.

E depois casei-me. Isso já não é infância.

### *Aquilo tem que se pintar em preto. Eu fazia branco no branco*

Dada a qualidade péssima que elas tinham, porque eu não sabia. Eu fazia isso com um prego, e sem condições. Depois eu não pintava, não usava as técnicas que é

suposto usar-se para a gravação porque eu não as conhecia, só me tinham dito pouco. Portanto acho que era bem pago, para começar, pois dada a qualidade que não era boa.

No princípio, aquelas medalhinhas, foi uma pessoa que depois ia vender ao Peter. Ele disse "Fazes assim, assim, assim." Eu nem sequer tinha estilete nem nada. Era um prego que usava. Era horrível. Um prego afiado. É impossível gravar uma coisa bem gravada, sem se ver, porque aquilo tem que se pintar em preto (e eu não pintava porque não sabia) e depois gravar para os riscos ficarem em branco, que é o negativo. Eu fazia branco no branco, não via. Chorava. Era horrível, mas pronto. Mas lutei e depois o Peter teve conhecimento disso e começou então a trabalhar directamente comigo, a negociar directamente comigo. Foi a partir daí que comecei a gravar mais os dentes [de baleia], os estrangeiros a gostar mais do meu trabalho e foi a partir daí a parte do *screamshaw* que foi até mais ou menos 90, 91, 92 e depois houve uma transição. Nessa altura havia o Othon Silveira, no Faial. Penso que havia duas pessoas, nas Lages, talvez Machado. E depois, um outro que trabalha ainda hoje. E havia mais, mas não mulheres. Era tudo homens. O meu trabalho era diferente.

### *Artista de temas femininos, mais maternais. Regionais, é certo, mas um bocado afatimados*

Por exemplo, o João Gomes Vieira, das Flores, quis descobrir-me porquê? Ele viu um dente, ainda mal gravado, que era uma mulher a dar de mamar a uma criança, na montra do Peter, e pensou "Isto não é um homem que faz este trabalho! Tenho que descobrir quem é." E descobriu e quis conhecer-me pessoalmente. Portanto, notava-se o trabalho. Os temas eram muito femininos, mais maternais. Femininos no sentido de poder do feminino, de força feminina.

O Peter dizia que os estrangeiros queriam saber quem era e isto é um homem velho. E até uma vez, chegou a dizer (disse-me, depois, um estrangeiro), que eu já tinha morrido. Portanto ele não queria que eles chegassem a mim porque ele queria fazer o negócio. Eu compreendo, eu compreendo. Mas eles depois descobriram-me, pois claro.

Sempre gostei de pintar, eu já pintava nessa altura. Gostava muito de tinta. Gosto muito de tinta. Nessa altura já desenhava, queria fazer banda desenhada. Com 21 anos queria ir para a Bélgica para fazer banda desenhada. Cheguei a vir para Lisboa, sem dinheiro sem nada completamente alienada.

Portanto não era só mesmo a gravação. O resto não me dava dinheiro.

### *A pintura não me dava dinheiro e eu fui transitando...*

Já tinha 3 filhos nessa altura, em 1991. Fui transitando devagarinho a ver se as pessoas aceitavam a pintura, se compravam a pintura. Começaram os estrangeiros, também, a comprar a pintura, com temas regionais, é certo, mas um bocado *afatimados*. E começaram a levar para o estrangeiro, e começaram a gostar e diziam a amigos para me virem visitar e depois compravam. Acabou em 98 quando houve o abalo de terra, um sismo grande e a casa no Pico não ficou boa para viver. Ficou perigosa e tivemos que encerrar a galeria e vim para Palmela nessa altura e aí já mudou um bocado. Mas estava a viver nessa altura, da pintura só. E depois fiquei assim, ficou tudo trémulo.

### *Os meus abalos de terra*

As pessoas têm aquele medo se vai haver uma crise ou não. Mas essa característica era de mim, de tremeliques emocionais, na vida, no caminho. Não tem a ver com abalos de terra. Não tem a ver com o facto de viver na ilha. Tem a ver com o facto de ser mãe, querer mudar o mundo, querer viver sem ser empregada, para poder pensar o mais livre possível, não completamente, infelizmente, mas o mais livre possível.

Os meus abalos de terra têm a ver com isso, tem a ver com querer muito fazer coisas, e só ser uma pessoa com uma cabeça, com limitações financeiras, com limitações de tudo.

Dei aulas um ano. Mas foi horrível porque… eu adorei os miúdos, mas foi horrível ter um horário. Eu não conseguia. Um dia, dei furo aos miúdos, sem aviso nem nada, porque não conseguia estar lá àquela hora. E saí, fui dar uma volta pelo campo e eles ficaram todos felizes, porque tiveram um furo. Mas eles gostavam das minhas aulas, sei que gostavam. Mas foi só um ano, eu não podia continuar.

Financeiramente a minha vida tem sido pedir ao banco e depois ficar à rasca.

### *Ainda por cima eu quero salvar o mundo*

Ainda por cima eu quero salvar o mundo.

Tendo uma profissão tão difícil e não sendo os meus pais ricos, que me deixassem rica, casei-me já com uma dívida: era um tractor, uma casa e as obras de uma casa.

Nessa altura era muito, muito, muito dinheiro, mil euros... mil e oitocentos euros, em 1977. Era muito dinheiro. E com esta profissão. E os juros eram altíssimos. Penso que eram 30%. Era uma coisa incrível. Depois queria tudo, queria mudar o mundo

todo... Pronto, defeito meu. E pronto. Depois, o meu irmão comprou-me uma ruína e liquidou-me uma divida grande que eu tinha, com a troca. Porque comecei a comprar ruínas para restaurar, para recuperar, para manter as características locais. Sem poder. Agora já estou a criar juízo.

Criar juízo é perceber as minhas limitações e conseguir fazer mais com elas, porque as limitações muitas vezes fazem com que nós tenhamos mais capacidade do que quando não nos percebemos. É esse juízo que eu digo. Juízo mesmo. Não é o de ficar quietinha para ser uma 'boa menina'. Não, não. É o juízo de perceber como é que eu posso fazer mais do que tenho feito, com menos risco. Com menos risco, passe a expressão, porque é sempre um risco.

### *A educação doméstica de filhos e filhas*

O Mateus, que vai agora fazer exames do 11º ano, nunca foi à escola. A Alexandra nunca fez exames. Só mais tarde quando tinha 18 anos. Ela diz que preferia ter andado na escola. Hoje diz isso. Eu penso que por outras razões, não pelo facto de não ter andado na escola mesmo, mas porque a minha vida não facilitou a vida dela. A razão que eu sei que está subjacente é essa.

Eu acho que a escola estandardiza. Como diziam os Pink Floyd "Outro tijolo no muro", salsichas a sair num tapete. Não concordo com a forma como a escola é dada. Aí está. Eu gostaria de fazer uma escola, sem paredes, uma escola sem escola. Eu sei muito bem como é que deveria ser dado o ensino. Isso eu tenho segurança que sei. Mas não tenho condições aí, por isso é que a minha filha hoje diz que, se calhar, preferia ter andado na escola, porque não teve amigos, etc. Porque depois eu também andava sempre de um lado para outro. Meteram-se os abalos de terra eu tive que vir para aqui. Na altura, não permitiam o ensino doméstico. Não a pude mesmo legalizar. Agora, o Mateus já está legal. Na altura, houve uma coisa muito estranha, prometiam o ensino doméstico, uma coisa que depois passou... mas fiquei naquela e nunca a meti na escola por isso. Mas se calhar podia-a a ter tornado legal e ela entrava em qualquer altura. Foi mais isso que a assustou, porque ela não andava legal. Foi para o Conservatório, andou num outro tipo de escola, que ela pediu, na altura.

Eu optei por isso [ensino doméstico] para não serem salsichas numa sociedade enlatada e acho que fiz bem. Acho que não tinha era condições, mais uma vez aí está, para conduzir as coisas como eu queria. Se calhar nem tinha condições para ter filhos, mas vejo outros filhos que os pais tinham condições e também se lamentam

de muita coisa, por isso nada é perfeito. Por isso vou aceitar as decisões que tomei como tendo sido as mais certas na altura e as consequências estão aí para exemplo das outras pessoas.

O Mateus tem os seus amigos, nós saímos, eles saem, mas o Mateus tem falta de mais actividade colectiva porque todos estão na escola. Eu precisava de ser muito rica, ter muito poder para conseguir tirar partido do facto de ele realmente estar assim. Mas ele tem-se desenvolvido muito em muita coisa por estar em casa: na informática e no desenho. Quer ir para animação.

Se estivesse na escola não conseguia. Por outro lado, há outra coisa. O que vai pedindo que quer fazer, desde pequenino, é aí que ele vai desenvolver-se, e não aprender tudo. Tem que aprender um mínimo para passar nos exames, mas é só um mínimo. Se quiser melhorar a nota mais à frente, se quiser ir para uma universidade, melhora a nota, estuda bastante, melhora a nota e entra. "Mas é para tu ires passando, mais importante é ires fazendo o que gostas, o que sentes realmente que é a tua vocação, a tua vontade o teu jeito."

Os meus pais deixaram-me [descobrir também a minha vocação] porque eram duas pessoas muito inteligentes.

Estou muito grata e muito vaidosa, muito orgulhosa no bom sentido por ter tido aqueles pais.

Na altura, quando era adolescente punha as minhas dúvidas, mas agora não. Agora não. O meu pai, que era uma pessoa salazarista, detestava a minha inclinação para a esquerda radical, chegou a dizer que eu não era filha dele. Mesmo assim deixou-me sempre fazer aquilo que eu quis. A minha mãe também. Mas a minha mãe era mais subtil, mais poética. E não era só costureira. A minha mãe costurava fotografias, era uma artista e poeta. E o meu pai também, o meu pai tocava, lia muito, pensava muito. Era durinho. Teimosinho e durinho, em termos políticos principalmente. Mas sim, deixaram-me fazer o que eu quis. É por isso que sou o que sou hoje. Não sou nada de especial, mas sou o que vou querendo e o que vou podendo ser.

### *A minha arte ainda tem pouca liberdade*

Estou condicionada pelo sistema financeiro. Tenho muitas despesas. Ainda preciso de ajudar os filhos. Os filhos... Ainda há pouco estive a falar com a vizinha, que criou três (uma neta e dois de quem ela era ama e que foram abandonados pelos pais). Ela dizia "Eles estão todos desencaminhados, eu fiz tudo o que pude por eles. No

meu tempo, não era assim."

Por isso a gente tem sempre que deitar a mão, mesmo em termos financeiros. Ora pago um curso para aqui, ora uma viagem ali, para ver se a vida deles melhora e pronto. Tentar ajudá-los. Por isso tenho muita despesa e torna-se difícil.

***Eu casei-me com vestido e tudo. Senti-me tão ridícula!***

A sério. Senti-me tão ridícula Olhava para as outras raparigas... "Ai, sou tão ridícula com este vestido." Mas pronto, lá me casei na Igreja. Gostava muito do homem com quem me casei, um primo direito. Os nossos pais eram irmãos. Mas eu gostava muito dele. Era de esquerda. Nós estávamos sozinhos em Santa Luzia. Ele tinha já vivido cá [Portugal continental], fugiu para França, mas não foi bem-sucedido. Gostava muito dele mas comecei a ver que não ia dar certo. O casamento dos meus pais não deu muito certo. Eles eram pessoas extraordinárias mas fazia faísca. A minha mãe ficava ofendida, o meu pai... Não deu, não deu... E eu sempre presenciei aquilo e não queria que aquilo acontecesse comigo... Então quando a minha filha nasceu, a Carla, comecei logo a ver que não ia dar certo e a partir daí queria continuar a mudar o mundo.

Antes de casar parecia que ele me ia ajudar, mas depois de casar amochou e ficou assustado com a vida, com a dificuldade de viver e ganhar dinheiro. Porque ele desde que foi daqui [de Setúbal] para lá, desde que foi daqui para lá, antes de casarmos, começou a trabalhar também por conta própria. E então éramos dois frágeis financeiramente e já com dívidas. E penso que foi aí. Depois era uma pessoa muito fechada e eu disse "Pronto, isto não vai dar." Comecei logo a pensar em separar-me. Aí a vida, já como mulher, tornou-se muito difícil porque ninguém se separava, naquela altura. Ali, fui a primeira que se separou. Foi tão difícil que a gente teve que sair de lá e ir morar para Sesimbra, para nos separarmos. Ele não queria. Na ideia dele, se calhar, era que ainda desse certo, mudando de sítio. Mas não, eu não tinha cura. Eu era irremediavelmente uma libertária. Não tinha cura e não vou ter mais cura. É crónico.

É uma doença, para os outros. Podes crer. E para a gente também. Às vezes os outros pegam-nos. Aquilo tem ricochete.

Nessa altura, tinha só dois filhos. Um era pequenino. Foi muito difícil. Eles sofreram muito. E o pai deles também. E eu, eu! Mas pronto, eu sofria por convicção. Eles sofriam por consequência. É diferente. Sofre-se mais quando não se sabe porque é que se está a sofrer. E eles os três estavam a sofrer sem saber porquê. E pronto, eles os

três estavam a sofrer sem saber porque é que estavam a sofrer e eu sabia porque é que estava a sofrer. Mas tinha que ser. Tinha que ser. Tenho pena de tudo o que se passou, mas as pessoas para andarem para frente têm que sofrer e fazer sofrer.

Para o mundo mudar tem que se sofrer e fazer sofrer, quando não há outro remédio, quando não há volta a dar.

Quando há volta a dar, evidentemente que não. Então... Ser feliz também é andar para a frente, claro.

Mas quando não há volta a dar e é o único caminho, não se vai ficar parado. Isso eu não fico.

### *O mundo devia ser uma comunidade harmoniosa. O que me interessa é dar uso àquilo que eu já passei*

Tenho muito claro como é que devia ser o mundo. Qualquer pessoa devia ter e tem. Ou se não tem muito claro é porque está nublado. Mas qualquer pessoa o mundo devia ser uma comunidade harmoniosa onde tu Maria e eu Fátima estivéssemos à vontade, falássemos à vontade.

Eu estou com tudo desarrumado e estou-me marimbando o que tu achas porque eu sei que tu não achas nada. O mundo tem que ser toda assim uma casa, arrumada ou desarrumada, tanto faz. Ou mesmo não casa e tu chegas e falas comigo. Só. Assim. E eu ouço-te e falo contigo. Só. Assim. Vieste daqui, vieste dali. Ok. Tu és a Maria e eu sou a Fátima e pronto. Pronto. E o mundo tem que ser assim. E nós temos que fazer com que ele seja assim porque senão nunca será. A gente tem mesmo que fazer força. E muita e toda e mais do que força.

Eu estou agora numa mudança. Não é por ir fazer 60 anos. 60 é igual a 59 ou a 61 ou a 23, não me interessa. O que me interessa é dar uso àquilo que eu já passei e, para isso, preciso de meditar, de assentar as experiências. Deixá-las assentar. Deixá-las assentar, fazer a crivagem, continuar o livro, e muitas outras coisas que estão na manga, e na gaveta e na cabeça e muitas que virão ainda, atrapalhar-me ainda mais porque se querem sobrepor.

Assentar é uma palavra assim... mete-me um bocadinho de impressão. Não é assentar porque eu não quero andar assentada. Eu quero tirar conclusões, daqui para a frente. Eu quero ser eu, mas não é eu... Eu não interessa nada. Quero ser eu mesma! Quero ser aquilo que eu devo ser. Mas para isso, tenho que saber o que é que devo ser, e para isso tenho que saber o que é que fui até aqui. Para saber o que é que devo

ser daqui para a frente. É mais isso, porque assentar-me... Parece um bocado conformismo, e é o contrário.

Eu quero dar um salto, um salto. Um pulo enorme, nem para a frente nem para trás. Para mim, para aquilo que sou como universo. E não como pintora ou escritora, nada disso. Para mim como universo. A pintura a escultura são só ferramentas. A pintura é como um lápis. A pintura em si, os quadros, é como tinta.

***Os Açores, para mim, são uma inspiração.***
***A infância, a inspiração absoluta***

É curioso, os Açores para mim nunca foram ilhas isoladas. Lembro-me, quando estava no Pico. Na infância, nem tanto, mas na adolescência e isso… lembro-me que, para mim, eu estava no mundo. Nunca senti que vivesse numa ilha. Sentia que vivia no Mundo. Pensava muito na parte de… Nunca pensei "Ai, se eu fosse para aqui ou para ali..." Não, eu nunca gostei de viajar. Viajo porque é preciso, mas não era aquela ansiedade. Via a ilha, lembro-me de ver a ilha como o meio, o centro do universo, como sendo o universo. Nunca senti claustrofobia nem isolamento.

Quando vim para aqui morar, com os filhos e isso tudo. Para o continente, comprar casa... era uma espécie de corte com a ilha. Mas não, eu voltava lá no Verão para vender coisas aos turistas e isso.

Lembro-me que uma vez tinha que sair de lá, mas isto já muito mais tarde, e nessa altura sentia necessidade de estar lá e lembro-me no dia em que me vim embora estar a dizer "Mas porque é que tenho que me ir embora?"

Não queria vir embora. Já tinha três filhos, já tinha o tal projecto falhado de ecologia. Sentia necessidade de estar sozinha, isolada e da natureza do Pico.

Mas foi só nessa altura que me lembro de ficar indignada de ter de deixar a ilha. Mas fiquei indignada porque precisava de natureza. Não te sei dizer qual era a razão. Não te sei dizer qual era a razão por que tinha que sair de lá na altura, mas tinha e não me apetecia.

De resto, quando estou cá, os Açores para mim são uma inspiração, sobretudo porque foi lá que passei a infância. A inspiração mesmo absoluta é a infância. E eu acho que devia ser a inspiração de toda a gente.

A juventude é muito interessante, sim senhor, mas não tenho saudades de ter 18 anos. Não tenho vontade nenhuma de ter 18 anos. Não me faz falta nenhuma, não gostei de ter 18 anos. Gosto mais de ter, agora, quase 60. Mas gostei muito da infância.

Eu era a irmã mais nova. Era muito fácil ser a irmã mais nova. A infância, o local da infância...

Choro quando morre uma pessoa da minha infância, mesmo sem me ser nada. Sofro muito quando o povo desaparece. Não só porque é a minha infância, não é saudosismo, mas porque é o povo que está a desaparecer. Nunca mais vai existir povo. Nunca mais vai existir povo.

Agora existem pequenos burgueses, pseudo-intelectuais, pessoas que não querem ser povo. Eu digo "Os filhos do povo já não são povo. Os netos muito menos."

Eu sou feliz, mas há uma tristeza em mim muito grande quando o povo morre...

Quando penso no Pico e na infância tenho este sofrimento, confesso. Os Açores, mais o Pico...

As outras ilhas só conheci mais tarde. O Pico para mim tem esta bipolaridade: inspiração, alegria, sol, sol, íntimo, sol, íntimo, muita felicidade. Gostei muito de ser pequena, gostei muito de ter nascido, vejo isso como sendo uma grande alegria, um grande sol... Mas aquela nostalgia, aquele sofrimento... Eu aceito a impermanência, sim, eu aceito. Eu compreendo. Os meus pais morreram e eu não chorei. Eu percebi, sabia que eles iam morrer. Mas o povo morrer, eu choro.

Porque não percebo porque é que o povo tem que morrer. Não aceito.

### *E por isso eu quero ser povo*

Eu sou povo. Não quero ser uma artista, assim... Não.

Eu quero ser povo. Quero ser uma mulher que não faz depilação. Quero ser uma mulher com rugas, tal e qual, ao natural.

Quero ser povo. Eu sou povo porque eu quero. Assim como também sou uma mulher separada, sem um homem, porque quero. Porque se não for assim, eu não sou o meu universo. Pronto. E sem ser povo, eu também não sou o meu universo. Eu não sou eu.

Portanto, eu quero ser povo, quero, quero. E vou ser! Um novo.

Fátima Sousa, São Miguel, 71 anos

## História de Vida de Fátima Sousa

Sou a Maria de Fátima Sousa, tenho 71 anos, era Técnica Operacional numa escola. Nasci em São José, Ponta Delgada, no dia 13 de Agosto de 1943.

Fui à escola, tirei a 4ª classe.

Depois disso é que tirei o 6º ano, quer dizer batizei-me, essas coisas todas.

Comecei a trabalhar muito nova. Era a mais velha de 9 irmãos e muito nova comecei a cuidar deles. Hoje estão aí, só um é que morreu e outros dois em pequeninos. Com a Graça de Deus, eu estou aqui.

Quando casei, tive um casamento mais ou menos, não foi dos piores. O pior foi quando ele se montou por sua conta, deu em beber, aí é que foi a minha desgraça e a minha separação. Foi depois do meu neto ter nascido, o homem parece que ficou com ciúmes do neto e ficou muito revoltado, muito mal mesmo, uma coisa muito, muito violenta. Com a Graça de Deus aguentei bastantes anos a ver se a coisa melhorava.

Estive muito doente, fui para o Hospital e estive internada, faz agora 21 anos. Estive internada 2 meses, a morrer, mas Graças a Deus não morri. Eu sou como os gatos, tenho 7 fôlegos. Depois disso já fiz muitas operações, daquela vez estava muito mazinha, mas não morri.

### *Quando tiver algum homem que me toque, nunca mais tem mulher*

Ele bateu-me sem ter motivos e pronto houve a separação. Bateu-me em Setembro e eu só saí em Fevereiro. Nunca mais houve mulher para homem, que eu disse sempre, quando tiver algum homem que me toque, nunca mais tem mulher.

Eu disse sempre, se passasse comigo uma coisa dessas, era só uma vez, nunca mais havia mulher para homem e foi isso que aconteceu, não houve.

Depois, com a Graça de Deus, andei sempre à procura de uma casinha, um telheiro, fazia um quartinho, um quartinho de banho e uma cozinha.

Não queria mexer na minha casa, porque a minha casa era grande, era bonita. Era um chalé bonito.

Muito trabalho que eu tive, muito as minhas filhas se sacrificaram também, nunca me ganharam um escudo, mas ajudavam a acartar blocos, sacrificaram-se muito. Havia outras meninas, da idade delas, que tinham coisas que elas não podiam ter, porque se estávamos a fazer uma casa, elas não podia ter certas coisas. Enfim foi uma luta.

***Saí com a roupa que tinha no corpo e nada mais. Por isso é que aquela casa eram bocados de mim***

Quando saí de casa, saí com a roupa que tinha no corpo e nada mais, que nem era minha, era a roupa da farda da escola. Eu saía de casa para a escola e da escola para casa, quer dizer saía da garagem e entrava para a garagem, não era preciso estar mudando de roupa, que não era menina para estar agora a mudar de roupa. Já estava casada, já tinha a minha vida, não era preciso mais enamoramentos.

Quando saí de casa as minhas filhas já estavam casadas, se elas estivessem aqui não deixavam o pai fazer essas coisas.

Elas estão na América, muito longe, muito longe. Já fui lá muitas, muitas, muitas vezes. Parece-me que fui quatro vezes ou cinco e da casa da minha senhora, fui todos os anos que estive lá. Os sete anos que estive lá, fui sempre. Mesmo quando comprei esta casa, fui com os mestres e fui outra vez, quando os mestres fizeram a cozinha, que até a Sandra é que olhava pelos mestres. A Sandra é que ficou ao cuidado disto.

[Quando se separou?] Ah querida, vou-te dizer a idade, talvez uns cinquenta e qualquer coisa, agora não estou fixa para fazer a conta.

***A infância***

Andei na escola, trabalhava muito porque ajudava a minha mãe a cuidar dos meus irmãos, que eu era a mais velha. Andava com os meus irmãos ao colo quando estavam doentinhos, enfim estas coisas assim e ajudava em casa nas coisas, mas depois comecei a trabalhar.

Devia ter alguns 14 anos, mas sempre com vontade de adquirir alguma coisa.

Trabalhei sempre, mesmo com as minhas filhas, sempre trabalhando, sempre.

***O meu pai dizia: "Não quero saber, eles estão a aprender uma profissão."***

O meu irmão, que é o terceiro, era um grande carpinteiro. Ele fez tudo daquela casa, que aquela casa é mais minha do que do meu ex-marido, porque era o meu

irmão que fazia muito. Fez muito trabalho para mim, muito, muito, mas já lá está também, Deus levou-o e ele era um santo de um irmão, que aliás os meus irmãos são todos muito bons, muito bons.

Um dia destes, já estou aqui há 9 anos, como acabei de dizer, falando a respeito de carros com o meu vizinho de cima, disse-lhe "Se o meu irmão não estivesse na América, o meu carrinho estava que era um trejeito."

O meu carrinho tem 23 anos e 63.000 km.

E ele disse "Quando estive na tropa, havia um rapaz que era instrutor. Era um bom mecânico, morava para o lado do Livramento, chamava-se Ernesto."

E eu disse "É o meu irmão."

"Irmão da vizinha? Não me diga…" e comecei a chorar.

Falou tão bem do meu irmão e podem falar dos meus irmãos que são bons. Às vezes diziam ao meu pai "Aquele rapaz está ganhando pouco" e o meu pai dizia "Não quero saber, eles estão a aprender uma profissão."

O outro trabalhou no Tinoco, desde criança, nas férias da escola. Foi para a tropa e saiu de lá porque acabou o Tinoco e porque se reformou. Era um correeiro de primeira, de fazer cabeçadas, coisas para os cavalos, coleiras para cães, era um profissional excelente.

O outro abaixo, aquele que já faleceu, era um grande carpinteiro, sabia fazer mobílias. Quando se casou ele é que fez as suas mobílias e ajudou muito os seus irmãos, a mim, ao outro meu irmão, que era abaixo de mim. Na casa dele e à minha irmã na sua casa, também.

Ainda não cheguei às irmãs. Sou eu, uma e depois o outro, abaixo deste meu irmão que já faleceu. Esse outro era tipógrafo na Fábrica de Tabaco Micaelense. Foi o operário mais novinho que entrou naquela fábrica, que até veio um Bispo e deu-lhe medalhas e tínhamos fotografias dele assim.

Depois, abaixo deste, é o tal serralheiro, que é o Ernesto, o que eu chorei. Não chorei por nada, porque eu não choro. Nem que esteja doente, nem que não tenha dinheiro, nem que me tratem mal, eu não choro. Fico muito triste, mas não choro. Só choro pelas minhas filhas, choro, mais nada e choro pelos meus irmãos. Quando ele disse que ele era bom, assim a gabar, não sabendo que era irmã dele.

Abaixo deste há uma menina que faleceu com 2 anos, mas tenho uma outra irmã,

chama-se Ana Estrela, que nasceu no dia da Senhora das Estrelas, fez agora 57 anos. Quando casei ela fez 6 anos. Se eu estivesse casada era há 51 anos.

E tem um outro, que até tem uma filha que é Médica e é um grande profissional de computadores, de máquinas de fotocópias, coisas. Ele é que vai à minha escola fazer trabalhos nas máquinas de fotocópias. Este é o mais novo.

### *Sou aproveitadeira, muito organizada e tenho carteira profissional de cozinheira*

Adoro os meus vícios, coisas de cozinha que eu gosto muito, também tenho carteira profissional de cozinheira.

Tirei dois Cursos, que não havia aqui as escolas, como há hoje, de Hotelaria e tirei até um no Solar da Graça e o outro no Hotel Avenida. Depois tivemos as carteiras profissionais, que foram as primeiras daqueles cursos. Adoro coisas de cozinha e sei, agora já não faço nada porque já estou com muita idade. Faço uma coisinha para comer e é muito bom. Como muito pouco, pouca coisa dá para eu comer, mas sou *aproveitadeira*, sou muito organizada.

### *Deu em beber, estava nos cafés, uma tristeza*

Quando ele me bateu, eu tinha vindo da América e tinha sido operada a esta mãozinha. Ele bateu-me e eu mandei uma carta de mão própria, porque comprei umas coisas para o meu neto, que ele era ainda muito novinho. A pessoa levou, quando chegou lá, a mãe do menino leu, ligou logo para a irmã e disse "Leonor o Papá bateu na Mamã." Elas ficaram como doidas e a Leonor disse "Mamã sai já dessa casa." "Não Leonor. Tenho os pés bem assentes na terra, não vou sair da minha casa, para ir mal para um quarto, que eu não tenho necessidade disso."

A casa era tão grande, tão grande, eu fiquei dormindo no meu quarto, como estava. Ele ficou dormindo no outro em baixo. Tinha o quarto das filhas, a sala, o quarto de jantar e o quarto de serão. Tinha assim uma casa boa.

Depois andei sempre com a ajuda da Clarisse e da UMAR. A Dra. Paula Agra, que é a minha Psicóloga desde esse tempo, é muito querida. Muito minha amiga, muito mesmo e ela disse "Dona Fátima, se houver alguma coisa consigo…" porque eu ia a ela antes de ele me bater. Já lá ia muita vez, que aquilo estava muito ruim. Ia na minha hora de almoço, era aqui nesta rua de baixo, não havia o Hospital novo no tempo disso. Ia à consulta e ela disse "Se chegar a ir a algum lado, vou ser sua testemunha, vou estar consigo."

Quando ele trabalhava por conta dos outros não era mau, mas depois, quando foi trabalhar por sua conta, deu em beber, foi uma desgraça. Estava nos cafés, uma tristeza.

### *Quem sabe trabalhar dá a volta à história*

Eu estava todo o santíssimo dia, fechada numa escola, trabalhando como uma escrava e ele andava pelos cafés, ganhava qualquer coisa, andava naquilo. Já faltava comidinha para a gente comer, mas eu também nunca pedia.

Não tem batatas vai com arroz, não tem arroz vai com massa. Eu dava sempre a volta à coisa e quem sabe trabalhar dá a volta à história, mas nunca dizia falta batata ou falta isto. Sempre calada, sempre calada.

Uma vez fomos fazer umas compras e quando paguei ele disse "Isso já tem 500 escudos" e eu disse "Ah já deve ter." Mentira não tinha, mas eu disse "Já deve ter."

Mas o dever dele, como tinha pouco dinheiro, era dizer em casa "Vê o que é mais preciso e com este dinheiro divide-se." Não era chegar e dizer já tem aí. Depois disse-lhe "Se quiseres dás-me o dinheiro que tencionas para as compras, eu só compro aquilo que mais preciso." E comprava aquilo que precisava, dava-lhe o recibo e se crescesse troco dava tudo e estava despachado.

Para fazer aquela casa, para casar duas filhas, para comprar dois carros novos, como eu comprei, para pôr uma cozinha lindíssima que eu pus na minha casa, quer dizer essas coisas todas, mobílias e tudo, não é com cascas de latas. Ele pagava a água e a luz e o meu dinheiro era para outras coisas.

Ele ia sempre à América comigo antes do neto nascer, quando trabalhava por conta de outro, mas eu é que paguei sempre as passagens todas, todas, todas.

Mas houve um ano em que lhe disse, ele já estava trabalhando por sua conta, "Se a gente fosse à América no Natal", que nunca tínhamos passado lá o Natal.

Pedi à Diretora para me dar um jeito.

Marquei passagem para os dois, porque o passaporte era com os dois.

Ele dizia que ia, que não ia, as filhas doidas. "Mamã venha, nem que seja sozinha."

Nunca pagou uma passagem para ir à América. Pagou já depois, quando eu fiquei divorciada.

Eu fiz uma jura sozinha "Tu hás-de ir à América, mas nunca mais vai ser com o meu dinheiro, nunca mais."

Mais tarde fiz o passaporte dele, que ainda paguei e fiz o meu passaporte. Quando eu quisesse ir, ia. A Leonor dizia "Papá, a Mamã vem porque a Mamã está cansada, está doente. O Papá porque é que não vem?" Mas ele andava sempre bêbedo, ficava sem a carta de condução, uma tristeza e a minha irmã disse-lhe "Tu não foste com ela e gastaste os dinheiros", essas desgraças assim.

### *Muito que eu passei e agora tenho paz*

Por isso foi assim, muito, muito que eu passei, mas com a Graça de Deus estou aqui e agora tenho paz, que eu não queria dinheiro, eu não queria nada. Eu só queria paz e o tal telheiro. Eu dava um arranjo, porque era mulher para isso e para mais do que isso. Ele ficava na casa, com a condição de não vender, conservá-la e ficava lá. Eu não queria era desfazer-me da minha casa.

Houve o divórcio e ele aguentou a casa 7 anos. Foram os 7 anos que estive em casa da Condessa Albuquerque, 7 anos que ele se aguentou com uma armação nova, tudo, uma casa linda, carpetes, ficou tudo molhado que ele não retelhou. Uma desgraça, uma coisa muito, muito séria.

Muita coisa, muita coisa, muita coisa, não tem explicação, não tem explicação.

Lavava a roupa da escola e fazia tanto trabalho que, às vezes, para passar uma toalha, que era das festas, eu levava uma hora. Depois é que compraram uma máquina, muito depois. Fazia aquele trabalho para ganhar uma coisinha extra para ajudar a casa e comprar coisas para as minhas filhas, presentes para os meus netos. Uma coisa muito séria que eu passei. Passei muito, mas com a Graça de Deus estou aqui.

Trabalhei numa fábrica de velas e depois trabalhei na fábrica da borracha. Comecei muito novinha nisso. Também trabalhei num alfaiate, quer dizer fiz várias coisas.

Casei com 20 anos.

Já tinha 30 e qualquer coisa, quase 40 anos quando fui para a escola trabalhar. Ali é que fiquei, dali não arredava pé, que até me perguntaram quanto dinheiro queria ganhar para ser cozinheira de um restaurante. "Nem que fosse o dinheiro todo deste mundo, não quero." Fiquei efetiva nas Laranjeiras porque a gente fez concurso para as escolas novas e para as velhas. Como tinha carteira profissional de cozinheira também concorri à cozinha.

Depois a Dra. Conceição fez uma troca com o Dr. Luís Bastos para a gente vir para a Antero Quental e eu nunca cheguei a ir para as Laranjeiras. Só ia nas férias

quando vinha da América e lá já estava tudo feito então jogava às cartas com as outras, contava anedotas, que eu sou muito engraçada para contar anedotas. Enfim, quer dizer tinha uma vida assim. Depois vinha para a Antero de Quental outra vez e fiquei sempre ali e dali não saí.

### *Mesmo com as minhas desgraças todas, sou alegre*

Não tenho saudades porque era mais nova e alegre, era divertida. Ainda hoje sou alegre. Mesmo com as minhas desgraças todas, sou alegre. Eu, no Hospital, para morrer, dizendo coisas para rir que mete medo e nem podia falar, que deu-me um abcesso que me tapou, empurrou um pulmão, tenho o pulmão seco.

Tinha muita febre, às vezes falava, outras não podia falar, mas eu estava no meu juízo, sempre no meu juízo, sempre, sempre. Estavam as senhoras a falar "Eu tomo para o sangue grosso, é dinheiro para isto, para aquilo, é dinheiro para aquele outro" e eu não podia falar, mas disse "Ah, mas é fácil senhora, há um remédio barato para o sangue grosso, põe-se água, chocalha-se e ele já não fica grosso.

E a Enfermeira "Ó Dona Fátima, não sabia que dizias estas coisas."

"Oh! Tem que ser, eu sou muito brincalhona, mesmo doente."

Doente… fui operada no 1º de Dezembro e passei o Natal, o 1º dia do ano e até final de Janeiro sempre no Hospital. Tinha um presépio ao pé da minha cama, era a minha cama aqui, tinha outra e o presépio era naquele cantinho. Estavam poucas pessoas na Enfermaria e era no Hospital Velho, aquilo tinha uns sobrados, que faziam uns guinchinhos. As mulherzinhas diziam "Oh, aquilo são ratos, estão ali naquele presépio" e eu, coitadinha de mim, não podia andar nem nada, estava sempre na cama, era lavada ali. Eu não podia andar, mas eu andava. Eu tenho medo que me fino de ratos.

### *Foi depois disso que ele me bateu*

Com o maltrato eu não comia quase nada, rebentou-me uma úlcera no estômago, mas eu não sabia, era uma dor horrorosa. Aquilo é tal e qual um raio, foi assim por aqui fora, sempre, sempre e nunca parou. Quando aquilo rebentou, eu dei um grito. Foi uma dor horrorosa e disse "Morro e não vejo as minhas filhas", foi só isso que eu disse e mais nada.

Disse às minhas colegas "Como é que vou chegar a casa?", já estava muito mal disposta, muito doente "Como é que vou chegar a casa com aquele carro?"

Mas cheguei.

Só tinha bebido uma chávena de chá de poejo e ia segundar outra. Já estava de pijamas, pronta para me deitar.

Quando aquilo se deu, ele telefonou à minha irmã e disse "A Fátima está coisa." A minha irmã já sabia que aquilo estava tudo torto e retorto e disse "Já vou para cima com o meu marido." Se fosse ao contrário, que a minha irmã me chamasse, eu não podia dizer "Já vou para aí" porque ele não aceitava, mas a minha irmã veio e vim no carro dela para o Hospital. Quando cheguei, já se sabe, aquilo nunca mais parou, aquela dor, aquela lâmina a cortar, nunca mais parou. Estava cheio de gente, estava até uma pessoa que eu conhecia e disse para um médico que apareceu "Ó senhor, estão aqui muitas pessoas, mas esta senhora está muito mal" e eu entrei, fizeram um diagnóstico e disseram que era uma apêndice, mas não era apêndice nenhuma querida. Eu estive toda a santíssima noite e todo o santíssimo dia, deitada numa maca, sempre com aquela dor horrorosa e só fui para o bloco às 5 horas.

Quando saí, a minha irmã estava lá. Ela tem muita coragem, destapou-me para ver o que é que eu tinha e o médico disse "A senhora não tinha apêndice nenhuma, mas eu fiz a apêndice e depois quando vi que não era dali, dei uns pontos na úlcera por dentro." Tenho aqui as costuras todas, ele cortou para cima, deu assim uns pontos e depois aconselhou-me, quando eu estivesse melhorzinha, a ser operada diretamente ao estômago, mas o Dr. Vítor Santos disse que não e eu já estou há 21 anos, mas sou muito obediente a tomar aquele comprimido. É um protetor do estômago, porque eu tomo muitos comprimidos para as dores, estou levando morfina para as dores e para os nervos, há muitos anos. Desde a idade da minha Armandinha, tomo tratamento dos nervos e não posso passar sem aquilo, é uma doença crónica.

Depois disso fui para Coimbra por causa de um rim e havia uns tubos que nunca chegaram lá e então vim para cá e fui operada cá.

Mas estive naquele bloco bendito, naquela desgraça, naquela máquina. Eu toda tremia como varas verdes, porque, sabem, aquilo é gelado. Além de ser gelado, o médico bota tubo, tira tubo, carrega mais um tubo, uma coisa muito séria.

Fui na Segunda-feira do Santo Cristo para o bloco em Coimbra. Lá é um horror, não é um Hospital como o nosso. É um horror, é de morrer, é de morrer, aquilo é como as camionetas, sai agora a camioneta para o Porto Formoso, sai a camioneta para tal, sai a vesícula, sai o estômago, aquilo é tudo com uns estores, vão entrando para ali como gatos.

### *Uma amiga santa, um gatinho muito lindo*

Conheço mais sítios, que eu já tinha ido ao continente antes disso, com saúde e de férias. Mas ali, naquele Hospital de Coimbra, foi aquela desgraça que eu vi. Tenho uma amiga de Aveiro que esteve lá internada, a Dona Arminda Tomás, uma senhora muito querida, muito querida, uma amiga santa, mesmo. Quando me viu na televisão, que eu apareci na TVI, ela disse "Ah, ó Quim, é a minha amiga dos Açores. Eu logo vi que ele não era nada carinhoso com ela."

Fui entrevistada na casa da Condessa, onde eu morava, pela Margarida Pereira [jornalista], por causa da violência doméstica e apareci na televisão. Tenho tudo ali em DVD's e essas coisas, com a Piedade Lalanda, na rádio, no jornal.

Eu participo por causa da violência doméstica. Eu sou contra isso.

A Margarida Pereira perguntou se eu tinha saudades da minha casa. Eu disse "Não, eu só tenho dos meus livros e do meu gatinho", que eu tinha um gatinho muito, muito lindo.

Gabriela Mota Vieira, São Miguel, 57 anos

## História de Vida de Gabriela Mota Vieira

Sou a Gabriela Mota Vieira, tenho 57 anos, vou fazer 58. Fui enfermeira durante 37 anos.

Sou reformada, nasci em Vila Franca do Campo porque a minha avó vivia em Ponta Garça.

Depois vim para Ponta Delgada que era o sítio onde os meus pais trabalhavam.

Eu sou a segunda filha. Na minha família mais restrita são 3 rapazes e 3 raparigas e isso tem muita influência na minha vida. Somos um rapaz, uma rapariga... Parecendo que não, isso deu uma certa equidade, se é que se pode dizer e obrigou, no fundo, a que houvesse alguma igualdade no tratamento.

Independentemente de eu considerar que os meus pais eram uma família conservadora, mas não tão conservadora, vendo agora à distância, porque vivíamos numa cidade. A minha mãe era muito autónoma, muito senhora do seu nariz e isso fez com que, no fundo, nos cuidasse de forma igual. Todos faziam as mesmas tarefas.

Nós só tínhamos uma casa de banho. Então era assim, numa semana as raparigas levantavam-se e iam pôr a mesa para o pequeno-almoço e isso era uma obrigação, nós tínhamos sempre que tomar o pequeno-almoço antes de sair de casa. Os rapazes iam para a casa de banho lavar-se, aprontar-se e depois na semana a seguir era ao contrário. O mesmo para tirar a loiça da máquina, pôr a loiça na máquina, limpar o pó...

Tínhamos uns bacios nas mesas-de-cabeceira e, às tantas, quem é que despejava? Eram as raparigas. E lembro-me que, por eu fazer muito barulho, a minha mãe disse "Vamos acabar já com isso!" E pronto, isso foi uma das coisas que acabou.

Por isso é que eu digo que sou feminista, já era. Desde sempre fui muito reivindicativa.

Depois a diferença começou noutros aspectos. Quando comecei a ficar adolescente e a minha mãe começou achar, que para eu ir ao cinema, que era a alguns metros da minha casa, devia ir com o meu irmão mais velho, mas o meu irmão mais velho não me queria levar. E eu um dia disse "Não senhor! Para ir daqui a 500 metros não me há-de acontecer nada!" E saí porta fora! Correndo o risco de chegar a casa e

levar um enxoto de moscas! Não um enxoto de moscas assim muito repressivo.

Como tinha uma amiga que não tinha irmãos e ela não ficava em casa, então íamos as duas. E chegou a altura de Verão e íamos as duas. A determinada altura já o meu irmão queria andar connosco, achava que as minhas amigas eram bonitas.

### *O Clube Naval*

Não sendo os meus pais muito religiosos, tudo o que era regra eles achavam bem.

A minha avó era uma pessoa piedosa, ia para as catequeses. Fiz esse percurso.

Uma das coisas que achei espectacular na minha infância foi o facto de nós sermos muitos filhos e os meus pais, para nos ocupar, a determinada altura, nas férias, nisso acho que eles tiveram muita visão, fizeram-se sócios do Clube Naval, que nem sequer era coisa muito cara e nós íamos os seis, a tomar conta uns dos outros para lá.

Tudo o que havia no Clube Naval, natação, vela, estava disponível para nós usufruirmos e não se pagava mais por isso. Mudou-me muito, muito.

E eu comecei a reparar que algumas raparigas, muito mais tarde me disseram, tinham inveja de mim. Que eu tinha liberdade e vendo bem, comparando, é verdade.

Os meus pais achavam que não devíamos ir para a praia. Assim, saíamos de casa todos juntos, sempre a cuidar uns dos outros, passávamos toda a tarde no Clube Naval e depois vínhamos para casa.

Eu nunca dei muito valor, na altura. Todos os dias me era exigido que eu me comportasse como uma menina. Às vezes, havia coisas que eu não percebia muito bem, quero dizer, eu tinha os meus irmãos e a diferença não era assim tão grande porque era uma convivência muito próxima.

Não percebia muito bem o que era ser uma menina e o que era ser um rapaz. Para mim só havia as diferenças físicas, porque tudo o que eles faziam, eu também fazia e gostava de fazer.

Sei que não é uma coisa que as feministas concordam muito, mas acho que os homens e as mulheres são diferentes, ponto e vírgula, ponto final, existem características de uns e de outros. São diferentes, mas acho que há aspectos da psicologia masculina que, às vezes, as mulheres têm mais.

Eu nunca fui muito muito feminina, sinto-me feminina na minha maneira de ser e de vestir, nunca fui muito coquete, muito vaidosa.

### *O que mudou na minha vida depois do 25 de Abril*

Eu era uma adolescente, era jovem, mas sentia-me adolescente. Só quando fui mãe é que senti que tinha entrado na fase adulta.

A Igreja, antes do 25 de Abril, era onde os jovens podiam ter alguma acção, alguma intervenção de cidadania. Era lá que se reuniam grupos de jovens.

Eu tive alguma actividade em alguns desses grupos. No fundo todos os jovens são criativos, interrogam muitas coisas na fase de mudanças que existe na vida deles. Naqueles momentos falávamos muito uns com os outros.

Claro que na presença de um adulto, como uma/um catequista, quando avançávamos com as nossas ideias, falávamos de certas coisas ou questionávamos, por exemplo, a pobreza, as injustiças sociais, a guerra, eles ficavam assustados. Não é que ouvíssemos essas coisas em casa, porque se isso era uma coisa que os meus pais pensassem, nunca era uma coisa falada. Só começámos a pensar e falar nessas coisas mais tarde. Isso foi só depois do 25 de Abril.

Só depois do 25 de Abril é que eu soube que o pai do meu pai esteve preso. Era uma coisa tabu, que eu só soube muito, muito mais tarde. Lembro-me de questionarmos a guerra, principalmente a guerra. E isso porquê?

Quando vinham cá os barcos buscar os soldados, os rapazes, aquilo era uma coisa!...

Eu lembro-me de chorar imenso e nem sequer saber porque estava a chorar.

Porque era muito triste e foi uma das lembranças que me ficou registada, ver os barcos que vinham e levavam os jovens. Ver famílias inteiras a chorar e a dizer adeus.

Se queres que te diga a certa altura eu já não sabia onde estavam as pessoas, mas era muito comovente e isso eu nunca mais esqueci e ainda hoje em dia, quando me lembro disso… eram rapazes que iam e nunca mais voltavam.

Eu lembro-me de ir com os nossos pais, era como se fosse um passeio ou ia ver-se os homens a pescar, ou ia-se à doca quando chegava um barco. Podia ser de turismo, como podia ser esta cena. E ao fim de duas, três vezes, eu já não fui, porque chorava muito, aquilo era uma coisa tão forte, uma energia que mexia comigo.

Não conheço ninguém que tivesse ido. Lembro-me de ter os meus tios a estudar, na tropa, alguns tios meus estudaram através da Marinha que era a forma que as pessoas tinham de tirar cursos superiores, mas nenhum foi para a guerra. Lembro-me de um vizinho. Alguns vizinhos foram para a tropa e um deles morreu.

Lembro-me das pessoas dizerem "Ó Gabriela, tu pensas demais. Não penses. As

coisas são assim. O mundo é feito assim. A gente não deve questionar muito."

E quando se dá o 25 de Abril e eu começo a ver toda uma Igreja egoísta e toda uma sociedade carregada pela moral católica, foi uma decepção enorme.

Lembro-me de ficar desapontada com pessoas que faziam parte do meu círculo de adultos e que achava que me tinham enganado, que tinham enganado toda a gente da minha época que andava ali à volta. Depois é que comecei a perceber porque é que nos diziam para não pensar muito. Depois é que comecei a ver que era uma forma de nos cortarem as asas e formatarem.

Quando eu fui para o liceu, na altura, depois do 25 de Abril, foi uma explosão.

Aparentemente, eu senti que as coisas não se passaram aqui como no continente, mas não interessa. O que interessa é que foi uma explosão. E tudo aquilo que estava calado, silenciado começou a sair cá para fora.

O meu irmão mais velho, amigos dele e depois eu, juntavam-se, falavam da política e depois tinham alguns mais velhos que já faziam parte clandestinamente de partidos políticos. Foi uma fase lindíssima das nossas vidas!

Questionar, trazer a democracia para dentro de casa, questionar os nossos pais, questionar professores.

### *A enfermagem na minha vida*

Quando se dá o 25 de Abril as universidades ficaram fechadas. Foi uma convulsão e houve até um ano que eu acho que ninguém se inscreveu na Universidade e como os meus pais, principalmente a minha mãe, que era o leme da casa, viam que havia muita política dentro de mim e dos meus irmãos, achou melhor eu ficar e disse logo que para o continente não ia.

Também vendo à distância, percebo que ela tinha razão.

Se eu tivesse ido se calhar não tinha feito a Universidade e tinha feito outras coisas.

Mas como não havia possibilidades económicas de ter-me lá fora sem fazer nada, já nem sequer saí de cá. Uma amiga, um dia, ouvindo um ministro da educação, achou que a gente devia ir à Escola de Enfermagem, saber o que estava a acontecer e nos inscrevermos. E quando fui à Escola de Enfermagem, por acaso foi muito interessante, porque era o primeiro dia de inscrição.

Tinha mudado o programa e em vez de abrirem em Outubro, abriram em Janeiro. Eu pensei "Vou ficar um ano, isto não vai ser a minha vida", mas se eu ficasse sem fazer nada, também ia ser muito mau pra mim.

E havia uma coisa que eu já não me lembrava que era o serviço cívico, que era mesmo sem tarelo algum. Achei que aquilo não era coisa que contribuísse muito para o meu crescimento e então fui para Escola de Enfermagem, mas com a noção "O que aprender na Escola de Enfermagem vai ser bom para mim, como mulher, mas também como mãe."

Foi muito interessante, gostei muito e pensei que ia ser um primeiro ano e tudo o que fizesse, ia aprender coisas e como se não bastasse o primeiro ano estava relacionado com maternidade, saúde pública, obstetrícia e então achei que aquilo ia ser uma coisa que me ia abrir horizontes e dava assim alguma segurança, ia aprender coisas novas. Gostei muito do curso.

O que não gostei nada foi do ambiente da Escola. Eu estava habituada ao liceu, havia tanta movimentação e os professores abriam-nos horizontes. Na Escola de Enfermagem foi o oposto, mesmo que estivesse a mudar o programa e houvesse maior abertura, a Escola era super conservadora, obrigavam a ir à igreja.

Tive um professor de Psicologia, que achava que a Escola de Enfermagem não me devia aceitar, é incrível. Um professor que tinha sido meu professor no liceu, imagina como estas coisas podem mudar a vida de uma pessoa. Era eu e duas amigas que ele achava que a Diretora não nos devia aceitar. Mas ela não cedeu. Já lhe agradeci.

E ela é que nos disse, mais tarde, que nos tinha aceitado pois achava que nós tínhamos perfil para ser boas Enfermeiras.

### *O meu primeiro imperativo categórico*

No fim do curso, havia uma cerimónia que era a imposição do quepe e houve uma grande polémica por causa disso. Nós não queríamos que a imposição fosse numa missa. Se alguém quisesse ia à missa, mas a imposição do quepe devia ser fora. O mais engraçado é que eu acho que foi o meu primeiro imperativo categórico. Não ia à missa, não havia imposição do quepe. Fui a única que não fui à missa.

Toda a gente foi à missa, a minha família estava lá dentro e eu estava cá fora, a comprar umas meias brancas para calçar. Então houve a imposição do quepe, já noutra sala no Hospital. A minha mãe disse "Parece impossível, não sei que necessidade tinhas de fazer isso."

Para mim era assim, ir àquela missa não fazia sentido algum. Depois houve uma discussão com as minhas colegas mais próximas. Algumas também não concordaram com a missa, mas era o sentido de pertença do grupo.

A Escola de Enfermagem era muito conservadora. Aliás eu cheguei a ser chamada à atenção de algumas coisas.

Antes do 25 de Abril, uma Enfermeira, aluna da Escola, não podia ser vista, por exemplo, na Avenida, a namorar. Muito antes do 25 de Abril as Enfermeiras nem se podia casar. Não era uma profissão muito bem vista, porque cuidava-se do corpo. Mas entretanto com a guerra alguém tinha de ser Enfermeira. Também havia as Enfermeiras paraquedistas. Existia contradição e um conceito muito antigo, por um lado era preciso, é uma profissão que vai cuidar das pessoas, do corpo, por outro, como se lida com a nudez?!

A história da profissão é interessante.

Senti que o Hospital era muito masculino, muito médico-cêntrico e nós éramos as Enfermeiras, mulheres. Sinto que hoje em dia as Enfermeiras são pessoas queridas, respeitadas, a profissão é respeitada, há um imperativo, a necessidade de haver Enfermeiras/os enquanto no início sentia que não era uma profissão … eram as Enfermeiras, alguém tinha de cuidar. O preconceito era tão grande que a Enfermagem não fazia parte do Sistema Educativo Nacional. Só depois do 25 de Abril e algum tempo depois, já tinha acabado o curso, quando o curso de Enfermagem passa para o Sistema Educativo Nacional e só mais tarde é que entra no Sistema Universitário. Mas isso foi uma outra evolução e foi uma grande evolução, porque hoje em dia a profissão é uma profissão com muito valor e tem um corpo científico. As/os Enfermeiras/os também fazem investigação, muito necessária na prevenção, nas comunidades junto das populações e sinto que houve uma grande evolução.

Hoje em dia a Enfermagem é uma profissão tanto feminina como masculina.

O Hospital era muito medico-cêntrico, muito masculino. Agora com as Enfermeiras era ao contrário, era uma profissão feminina.

Hoje em dia na Medicina, homens e mulheres fazem parte da profissão, participam da profissão como também no curso de Enfermagem. Mas é engraçado, as mulheres é que eram Enfermeiras-Chefes. Só hoje é que há Enfermeiros-Chefes. Com a minha saída, por exemplo, entrou um colega para o meu lugar.

### *Uma mulher Enfermeira-Chefe*

No Hospital os serviços não eram mistos. Agora já são. Havia homens dum lado e mulheres do outro. Enfermaria Medicina Mulheres, Enfermaria Medicina Homens. Como éramos só mulheres, às vezes criavam-se situações desagradáveis. Mas eu

sempre exigi que nos respeitassem como profissionais e como mulheres. Às vezes havia a tendência de nos humilharem. Lembro-me de uma situação que foi mesmo gritante, um doente que tinha um problema grave dermatológico em todo o corpo. Para nós fazermos o tratamento passávamos a cortina, pois ele ficava quase desnudado. Nós puxámos as cortinas e o doente do lado ficou muito zangado. Insinuou que quando o médico estava lá, nós fechávamos as cortinas e quando o médico não estava, nós abríamos as cortinas.

A minha colega ficou muito zangada e eu, que nessa altura já era responsável pelo Serviço, quando acabou tudo, puxei a cortina e falei com o senhor. Disse o meu nome, disse a minha família e a família da minha colega "Nós somos mulheres e somos filhas tal e qual como as suas filhas. Não lhe é permitido ofender-nos, nem que pense, nem que insinue, como fez." O mais engraçado é que mais tarde quem me veio pedir desculpa, não foi ele, foi a mulher. E eu disse à mulher "Nem pensar nisso, não foi a senhora que nos ofendeu, foi o seu marido." Nunca fui permissiva a esse tipo de actuações. Sempre defendi muito as minhas colegas e as auxiliares.

### *O sindicalismo. A consciência social. As lutas. A campanha da despenalização do aborto*

Sendo militante, a determinada altura da UDP e depois do Bloco de Esquerda, esta foi a única campanha em que senti agrado em termos pessoais. Era um desígnio meu. Como mulher e como cidadã. Independentemente do partido. Fiz a minha luta ligada aos militantes do partido e acho que foi a luta mais bonita que eu já tive, mais significativa, que me traz uma recordação, eu estive nesta luta, esta luta também foi minha!

Já era uma adulta, já tinha tido um filho.

Percebendo as implicações da falta da despenalização, deu-me uma consciência e uma paixão por lutar mesmo pela despenalização!

Quando foi o primeiro referendo houve uma maior transparência. Não havia representações, como no segundo.

Também havia mais consciência.

Quando a despenalização do aborto não foi aprovada foi uma desilusão. E até senti que aquilo foi um grande recuo. Sempre que se perde uma luta é um recuo. Há uma luta parecida, agora, que é a das famílias, casais do mesmo sexo, não poderem ser mães e pais, não poderem adoptar.

Tenho a noção de que houve muita gente que se associou à luta, que eu não imaginava. E deu-se uma coisa fantástica que nunca mais se esquece, pessoas que voluntariamente vinham falar connosco e desabafar. Homens e mulheres que sentiram essa oportunidade. Lembro-me mais do 1º do que do 2º referendo. Porque o 1º referendo abriu consciências, solidariedades e cumplicidades, coisas que toda a gente vivia e de que as pessoas não falavam. E foi tão bonito ver pessoas, não sei se te lembras onde era a sede? Entravam homens e mulheres e falavam: ou que tinham feito um aborto, ou o que tinham sofrido. O que era a clandestinidade. O terem feito, correndo risco de saúde. O terem de ir trabalhar no dia a seguir e estarem, frágeis, doentes. E toda a humilhação a que se sujeitavam.

E mesmo que outras mulheres o tivessem feito, raramente falavam entre elas.

As pessoas que tinham possibilidade de sair da ilha saíam. As que não podiam sair iam às curiosas. Porque é que muitas vezes morriam pessoas?

As pessoas que tinham dinheiro iam para fora, algumas não tinham, mas pediam e iam para fora. Mentindo à família, iam num dia e voltavam no outro. Alguém tinha um contacto.

As pessoas faziam coisas que já tinham ouvido falar que outras fizeram, agulhas, medicamentos que às vezes não faziam efeito algum. E as mulheres tinham infeções. Quando chegavam ao Hospital, já iam em situações muito difíceis, de doença. Por isso mesmo é que o debate de que o Sistema Nacional de Saúde gasta mais dinheiro com a despenalização, é um falso problema, porque uma pessoa que queira abortar hoje, não tem de recorrer ao Hospital com infeções ou com outras doenças. Hospitalização, internamento, medicação. Hoje em dia, qual é o gasto em complicações? Raramente há. Só nos casos em que existem anormalidades e as pessoas fazem exames e querem voluntariamente não levar aquela gravidez em diante, é que são internadas.

E depois quando as pessoas morriam tudo o que isso implicava familiarmente!

Daquilo que percebo, havia médicos que faziam na clandestinidade... Não faziam no Hospital, mas faziam nas Clínicas e nos Consultórios, acesso à medicação e coisas assim. Depois havia outras pessoas que faziam mesmo no vão da escada com as curiosas.

Às vezes faziam automedicação, usavam agulhas, que introduziam para romper o saco amniótico. E isso era o descalabro total, porque vinham as infecções e iam em situações muito graves para o Hospital.

As mulheres a seguir ao 25 de Abril entraram numa dinâmica ganhadora

Acho que os homens da minha geração libertaram-se da cintura para baixo, mas não se libertaram da cintura para cima. Ganhou-se liberdade sexual para os rapazes e para as raparigas, não tanto como agora.

Mas os rapazes não nos acompanharam na nossa autonomia, ficaram com a mentalidade dos pais.

A pessoa com quem casei, uma pessoa inteligente, que conseguiu fugir à tropa clandestinamente, correndo risco de vida, tendo um pai militar, passa para França e fica na Dinamarca. Quando regressa ao fim de sete anos, já depois do 25 de Abril, pensei "É um homem de espírito aberto" e não foi isso que se verificou. Extremamente machista. O trabalho de casa não existia e começa todo um processo de pensar que se calhar é assim que as coisas são. Nessa altura tenho o meu filho e comecei a entrar numa fase de profundo descontentamento, muito desiludida, entristecida e ele sendo uma pessoa que à partida sempre julguei revolucionária, era-o nas ideias, mas não na ação.

Voltando ao tema do movimento da FLA [Frente de Libertação dos Açores] em 74/75 contra as pessoas que eram a favor do 25 de Abril, isso marcou muitas famílias e pessoas.

Quando se dá o 25 de Abril é uma explosão de alegria, de envolvimento, de noção, de consciência de trabalho. Todos os dias se aprendia política. Havia muitos livrinhos que saiam. Lembro-me que a minha mãe me dava pouco dinheiro, pouquíssimo. E antes, esse dinheirinho que era para comprar um bolinho ou um chocolate agora era para comprar livrinhos que explicavam o que era a classe trabalhadora, os momentos revolucionários na rua. Todos os dias se aprendia política, todos os dias se fazia política.

E isso era tão intenso, tão forte. Isso de ir para as Sedes, acho que cheguei a ir uma vez para o MES. O MDP tinha gente mais velha, porque acho que vinham de uma luta anterior ao 25 de Abril. Eu sentia-me um bocadinho deslocada, mas também a minha consciência era uma muito insípida. Quando foi a questão das casas, a habitação, lembro-me de ir a reuniões. Iam muitas mulheres a essas reuniões. Aquilo era uma coisa fantástica. Também havia muitas reuniões gerais de alunos. Lembro-me a determinada altura de os pais também fazerem uma reunião à noite. Para perceberem o que estava a acontecendo no liceu. Lembro-me dos meus pais irem de carro e eu e os meus irmãos irmos a pé. A reunião era no ginásio e nós fomos para cima, para uma espécie de varandinha, ver o que é que iam dizer. Houve professores que

se saíram muito mal com isso. Lembro-me de um professor que falava das mulheres como quem fala de vacas, das criadas (que possivelmente deviam ser abusadas). E de se armar que nas aulas dele não se falava em política. Mas saiu-se mal. Às tantas, houve um colega que disse "Não fala de política, mas fala de mulheres e disto, disto e disto." Bateram palmas e a reunião acabou.

Não se falava dos direitos das mulheres. Lembro-me depois do 25 de Abril de pôr essa questão. Havia muito a ideia de que quando houvesse a liberdade da sociedade também havia de haver a liberdade das mulheres. Lembro-me de ter uma discussão, na Casa dos Açores, em Lisboa, de estar lá e foi discutido isso, que também havia muitas reuniões na Casa dos Açores em Lisboa. Eu dizia sempre "Vocês libertaram-se da cintura para baixo, mas não se libertaram da cintura para cima." Havia uma forma abusiva de lidar connosco. Não havia igualdade na forma de lidar.

Sempre fui muito reivindicativa dentro de casa. Esta questão de sermos 3 irmãos e 3 irmãs influenciou-me muito. E o facto de os meus pais nos terem mandado para o Clube Naval, praticar desporto, isso sempre me fez sentir muito igual. Depois quando vou para Enfermagem senti muito o retrocesso.

Quando caso, volto outra vez a ver um retrocesso, não nas ideias, mas na vida. O ter militância política, o ter uma amiga feminista.

Lembro-me perfeitamente quando se deu o clique. Lembro-me de ler um prospeto e de ter tomado consciência, ganhava acima da média, nada me impedia de ser livre, ser uma mulher independente. Lembro-me de ter tomado a decisão. Só que estas coisas têm o seu percurso. Lembro-me de pensar que havia gente que não se divorciava porque lhe faltava independência económica. Primeiro foi a decisão, depois as questões pragmáticas, onde é que eu vou viver. A minha família já tinha visto aquela história há muito tempo, que eu me ia separar e voltava sempre atrás, aconteceu duas ou três vezes, ter tomado a decisão e ter voltado atrás.

***Que coisa de boa! Ter essa noção de liberdade!***

Mas houve uma vez que eu disse "É hoje, não quero que ninguém me ajude, vou-me organizar para me separar." A minha mãe percebeu que eu estava decidida e disse "Pronto, tens esta casa, o resto fica por tua conta." Fui equipando a casa, deixei de lutar em casa, isso também foi uma coisa muito importante. Eu sabia que dentro de 15 dias, um mês estaria na outra casa. Até que um dia fiz a mudança.

Quando uma pessoa não tem medo, quando se toma uma decisão, a gente não

pode estar no meio, ou acredita ou não acredita. Quando se acredita muito numa coisa, por isso é que digo o imperativo categórico. Quando nos dá o imperativo de consciência que a verdade está do nosso lado, não há nada que nos agarre para nós andarmos para a frente.

Há sempre um percurso. Quando fiquei em casa sozinha, com tudo organizado, tempos depois senti "Afinal não é tão bom estar sozinha." Eu julgava que ia ser a maior maravilha do mundo. Comecei a sentir que afinal, estar sozinha... Não é que quisesse voltar atrás...

Lembro-me de ter ido passar férias para o Algarve, a casa do meu irmão com o meu filho e, quando voltei e cheguei ao aeroporto, o melhor que senti foi pensar que ia voltar a casa e não tinha ninguém para me chatear a cabeça "O que fizeste, porque é que não telefonaste, o que é que gastaste?"

Credo que coisa de boa! Ter essa noção de liberdade!

Acho que a vida de duas pessoas na mesma casa é muito difícil. Ou as pessoas são muito especiais ou fizeram um longo percurso e têm um grande respeito pela individualidade de cada um ou então é muito difícil.

Se me perguntares se eu gostava de ter um companheiro, até gostava, mas não sei se queria viver na mesma casa. Isto de eu saber que posso fechar a porta e sair, para mim não é nada estranho, mas é estranho para algumas mulheres.

Vejo meninas, raparigas desgostosas porque não têm namorado ou companheiro. Eu não sinto isso. Vivo muito bem como estou.

Não ter companheiro não me torna infeliz, porque tenho uma autonomia, uma liberdade, eu faço tudo o que quero. Não tenho alguém para me pôr questões.

### *Dificuldade de duas pessoas viverem juntas*

Se as duas fossem livres, mas quando um é e o outro não... A sociedade machista também cria situações injustas para os homens, que eles, às vezes, não sabem como é que se hão-de livrar. Eles também são vítimas de toda uma sociedade que foi criada e também criou constrangimentos para eles. As questões dos filhos, por exemplo. Eu noto os meus amigos, as pessoas que foram minhas amigas no liceu fizeram um percurso até às vezes em questões políticas, mas às vezes fazem-me perguntas que eu fico a pensar como é possível?

Eles acham que eu não mudei muito do meu tempo do liceu, acham que eu gozo de uma liberdade, um saber estar que não mudou. Há muitas colegas minhas que

continuaram igual a si mesmas. Também percebo que as pessoas com a idade se tornam mais conservadoras. Mas também há alguns retrocessos. Tornei-me mais burguesa, de ter coisas, não é que eu queira ter nada, quero é conforto. Se calhar já não estou para me chatear. Se calhar com a idade… há mais necessidades.

Mas também fiz uma militância quase diária. Estava sempre disponível para a política.

Ou é por desilusão ou é por estar à espera da revolução mesmo.

Entretanto há momentos que me dá os tais imperativos, esteja sozinha ou acompanhada. Como a primeira vez que o Passos Coelho veio aos Açores, deu-me uma raiva tão grande aquele homem. Como é possível as pessoas não se manifestarem?!

Algumas pessoas diziam que era exibicionismo. Não foi. "Eu não quero falar com os jornalistas, eu não quero falar com ninguém." Existe tanto dinheiro para a banca e não existe dinheiro para as famílias, como é possível? E agora falaram que gastaram. Gastaram uma ova! Foram os banqueiros, os políticos. A promiscuidade entre Política e Finanças.

Fui de óculos escuros de propósito. Lembro-me que um jornalista veio falar comigo e eu disse "Não, eu não falo com ninguém."

A grande mudança deu-se com o Cavaco Silva. E foi-se devagarinho e foi-se retrocedendo. Como é possível?

### *Os Açores no movimento de apoio a Timor Leste*

Sabes quando é que senti a participação nos Açores? Aquando da independência de Timor Leste. Foi um movimento tão bonito! De doação. De disponibilidade, de solidariedade. Até as músicas revolucionárias se voltaram a ouvir. Lembro-me de ter um LP com músicas de Timor Leste, lindíssimo e de passar na rádio.

Aquilo foi um tal que não se vê em muitos sítios, ser solidário, trazer comida. Aquilo foi na Avenida, em frente ao Consulado Norte Americano.

Será que as pessoas aqui são muito diferentes de outras regiões do país?

O país também tem regiões pobres reprimidas, com problemas iguais aos nossos. A ultraperiferia não é só por sermos ilhas, também há ultraperiferia no continente.

Onde é que se participa mais? Realmente é nas grandes cidades...

É a repressão...

### *O que é que faz as pessoas serem revolucionárias?*

Depois daquela grande manifestação, mais ou menos espontânea, pensei que ia haver avanço, mas voltou a haver retrocesso. Isso incomoda. Não sei o que está faltando às pessoas. Há tanta falta de emprego, precariedade. Há pessoas que já eram pobres e há os novos pobres.

Acho que chegámos a um momento que não há nada a perder. Faz-me impressão que se veja despojarem de tudo, qual é o medo?

A juventude neste momento tem uma facilidade de se movimentar pela Europa, não digo que seja toda a gente. O ensino também se democratizou hoje em dia e poucas são as pessoas analfabetas.

Esta dinâmica das pessoas viajarem até com muito pouco ou quase nada, fazendo pequenos trabalhos e ganhando, havendo parcerias de trabalho, trocas de serviços, isso é uma coisa nova. Mas o que mais há é pessoas duma certa geração que, de repente, se vêem despojadas. E acho que não têm nada a perder.

### *A minha profissão aproximou-me muito das pessoas idosas*

Já sou gestora do meu tempo. Há ali uma fase inicial que, ou tu és muito certinha e arranjas um ritmo, mas eu tive ali uma altura… Comecei a pôr algumas coisas em dia. Também há esta situação de que a minha mãe vive comigo.

Que isso também é uma coisa nas novas famílias. Os idosos cada vez há mais idosos. Cada vez há pessoas a viverem mais anos e esta foi a vontade da minha família, dos filhos, da minha mãe ir viver com um de nós. Não ia haver essa coisa de ora um mês num, ora um mês noutro. Na casa que ela ficasse, era aí que ia ficar.

Gosto muito de idosos e a profissão sempre me aproximou muito das pessoas idosas. Elas têm necessidade de tempo, diferente das pessoas mais jovens. Vivem mais tranquilamente, são mais lentas no comer, no falar.

E eu, e isso foi um médico que esteve internado que me disse, era recém-formada, tinha um dom, que poucas pessoas tinham, que era dar tempo. "Os amigos chegavam, falavam, falavam e nem sequer me deixavam falar. Vieram aqui para descarregar a consciência, mas não quiseram estar comigo."

Gosto muito de idosos e faço uma espécie de voluntariado.

A minha mãe tem amigas que estão institucionalizadas, eu levo-a lá ou trago-as a casa. Ou vou buscar uma para ir lanchar. Tenho feito muito este trabalho.

Também pensei que seria possível fazer um projeto para ir aos lares. Mas depois

comecei a perceber que não é assim tão fácil. São muitos, muito carentes e depois eu achava que quando ia lá, com a minha mãe, tinha pouco contacto com a amiga da minha mãe, havia tanta solicitação à volta que acho que resultava mal. E havia também pessoas que me conheciam do Hospital. Depois vinha para casa um bocadinho desgostosa. Pessoas carentes...

### *Ser Enfermeira de profissão e de personalidade*

Independentemente de ser Enfermeira de profissão, também acho que sou Enfermeira de personalidade. Sinto que sou muito dada para questões, como diz uma amiga minha, da inteligência emocional. As minhas competências estão nessa área. Acho que, se não tivesse sido Enfermeira, teria sido uma óptima Psicóloga. Teria sido uma óptima professora de Educação Física.

Como Enfermeira não fiquei muito restringida só aos aspectos da profissão. Lembro-me de ter observado mulheres vítimas de violência familiar, de as confrontar e depois quando elas saíam, lhes dar um envelope com os contactos. Dizia para elas porem debaixo de forros das gavetas. A política e as questões sociais estão na minha cabeça.

### *Antes do 25 de Abril havia repressão*

A repressão fazia com que as pessoas fossem presas. Havia pobreza extrema. A vida das mulheres era super reprimida, não valia a pena, nem valia discutir isso, não havia Polícia nem ninguém que nos valesse. Havia a Guerra Colonial.

Quando veio o 25 de Abril, veio a democratização do ensino, a democratização da saúde, as reformas sociais, as pessoas terem direito à reforma, poderem exprimir-se, os direitos das mulheres, os direitos das famílias.

Quando dizem que é preciso ter mais filhos, como é que vamos ter mais filhos se não nos dão condições para criar mais filhos? É preciso ter direito e segurança no trabalho, a habitação.

### *O que eu gostava era que houvesse uma revolução!*

O que é que eu acho? Que há um grande retrocesso! A repressão vem do Governo e da Economia. E a Economia e as pessoas detentoras das finanças têm um peso tão grande nas políticas dos países e isso é super-repressivo!

Ganha-se pouquíssimo. Não há trabalho. Não temos segurança. Mesmo a

questão do ensino. O ensino obrigatório, sim senhor. Mas se tu não tens dinheiro para comer, tens de comprar roupa para os teus filhos, os filhos crescem e a roupa míngua, diminui de tamanho, é tudo tão difícil.

O que eu gostava era que houvesse uma revolução.

Como ouvi na televisão, até para arranjar trabalho, ser pobre dificulta! Precisa de ir minimamente bem vestido para o Centro de Emprego. Se não tens dinheiro não vais comprar uma pasta de dentes, vais é comprar pão para comer.

Até mesmo questões de liberdade não há polícia política, mas há um outro sistema que reprime. A própria polícia que é mandada pelo Governo. Temos de pedir licença para nos manifestarmos. E já vimos manifestações super repressivas.

Toda esta crise gerou também maior repressão dentro de casa. Quem foi que mais perdeu a nível de emprego? Foram as mulheres. Se calhar, as pessoas desempregadas, na maioria, são mulheres. Isto muda tudo. O dinheiro é que dá autonomia.

Há realmente mulheres que têm a autonomia em cima e isso faz serem lutadoras.

### *A revolução que faz falta*

Uma revolução, mesmo. Não consigo imaginar que havendo reformas isto vai lá.

Quando foi o 25 de Abril, houve até a diminuição do leque salarial. Depois foi aumentando, aumentando.

As próprias finanças houve ali uma altura de transparência, igualdade de direito. No Alentejo as pessoas ocuparam a terra. Isso tudo perdeu-se, os direitos sociais. O ser humano tem uma dignidade própria. Não é o dinheiro. As pessoas têm direito a viver esta vida com o que existe.

Até acredito que, no mundo, o sistema capitalista e a globalização do dinheiro ficar na mão de meia dúzia, não é por acaso. O dinheiro, a riqueza mundial, está na mão de meia dúzia de pessoas e há países que passam fome!

Que haja países com riquezas naturais e estejam na mão de países ricos?

Não tenho dúvidas que a crise europeia foi criada pelos países ricos.

Depois vêm falar. Com certeza que a Alemanha... mas eles querem vender-nos coisas. Agora tudo o que é alemão não compro! [risos]. Dá-me uma raiva tão grande.

*E uma raiva a crescer-me nos dentes.*

*Não me digas que não me compreendes [Sérgio Godinho].*

Lurdes Lindo, São Miguel, 59 anos

## História de Vida de Lurdes Lindo

O meu nome é Maria de Lurdes Gonçalves Melo Lindo, natural da Lombinha da Maia. A minha profissão é Tecedeira e vamos continuar agora a comentar a nossa vida, não é verdade?

A minha infância foi feliz, como qualquer criança, embora eu já tenha 59 anos. Quando era criança, por exemplo, a minha mãe não me deixava ir brincar para a rua, porque as raparigas eram em casa. Os rapazes é que podiam brincar um bocadinho. Eu não tive essa felicidade de ir brincar para a rua, mas hoje, também, não me arrependo, porque também já não gostava que os meus filhos fossem e agora tenho uma netinha e também não gosto que ela saia. Por isso, é muito bom ficar em casa.

### *Sempre tive aquele dom de fazer qualquer coisa*

Fiz a escola, fui até à 4ª classe. Gostava muito de estudar e não consegui porque os meus pais eram pobres e diziam que não tinham dinheiro, porque antigamente não era como agora. Agora qualquer pessoa vai estudar. Eu gostava muito de seguir a carreira de Enfermeira, mas pronto, o sonho foi-se desvanecendo. Não consegui. Ainda com 13 e 14 anos, como a minha mãe não sabia bordar nem costurar, nem essas coisas, mas eu sempre tive aquele dom de ir fazer qualquer coisa e havia os bordados para a Indústria.

Tinha uma senhora aqui que arrecadava as pessoas para bordarem, vinha um senhor distribuir, depois vinha recolher. E como eu não tinha idade para ir buscar, era uma amiga lá de casa. A minha irmã bordava, que é mais velha do que eu, mas não queria que eu bordasse. Dizia que eu não sabia. E essa colega ia bordar lá para nossa casa e dizia assim "Está calada que eu vou-te dar um bordado." Deu-me um bordado e eu comecei a fazer. Aquilo recebia uns pontos. Se estivesse bem feito não apanhava descontos. E quando ela foi entregar, aquela não apanhou desconto, porque estava bonito. Dai por diante, ela ia buscar no seu nome, entregava-me e eu bordava, mas sem a minha mãe saber. Quando ela soube… Um dia, fui para Ponta Delgada, fazer o Bilhete de Identidade e quando ia para baixo lembrei-me que tinha deixado os bordados em cima da cama, porque eu bordava era de noite. Disse "Quando chegar a

casa, está tudo queimado." [risos] Mas afinal, quando cheguei, foi um sermão muito grande e ela disse que aquilo é para se ir devolver que não queria mais saber daquilo. Mas, devagarinho, sempre fui bordando à noite e ia recebendo aqueles dinheirinhos.

Comprei umas pinturas. Naquele tempo era uma coisa séria. Quando ela me viu pintada, foi procurar, pegou em tudo e pôs pelo forno de lenha. Quando cozeu o pão pôs tudo lá para dentro e eu fiquei sem nada. Chorei muito, mas pronto.

Quando tinha 19 anos, havia uns rapazes que me falaram, mas nunca tive paciência para eles, ou não gostava, porque a vida é assim mesmo. Um dia, estava num carro que vinha vender tecidos, esses carros que andavam por aí. Eu estava lá e por sinal vi um rapaz passar. Olhei, vi aquele rapaz, mas lembrei-me que já o tinha visto, uma vez, na camioneta. Fiquei com aquela coisa. Quer dizer, foi amor à primeira vista, a verdade é esta.

Ele também parece que olhou para mim, também gostou. Olha começou sempre a andar de roda e falou-me e disse-lhe que sim. Quer dizer, nunca lhe disse que sim, porque ele disse "Venho buscar a resposta amanhã" e aquele amanhã nunca chegou [risos] e ao fim de um ano estávamos casados.

Portanto, já vai fazer 40 anos para Maio que nos casámos. Todos temos as nossas divergências, mas graças a Deus, tem sido um bom casamento. Tenho 3 filhos.

Casei em 1975. Já estou casada há 40 anos.

Ele tinha uma mota na altura. Naquele tempo, quem tinha uma mota era como se hoje tivesse um avião. Isso foi em 1974.

[Casou com a mota ou com o dono da mota?]

Casei foi de amor, porque a mota… [risos] e a mota ainda está ali.

É uma relíquia agora.

Casei em 1975. Portanto, começámos a namorar em 74. Casámos no dia 10 de Maio de 75. Portanto, foi um ano após o 25 de Abril.

### *No dia do 25 de Abril, de manhã, as rádios não paravam*

Antes do 25 de Abril? Antes do 25 de Abril não havia as facilidades que há hoje. Não se podia falar em política.

Lembro-me, no dia que aconteceu o 25 de Abril, de manhã, as rádios não paravam.

As pessoas com mais idade diziam que era o fim do mundo, porque estava havendo uma coisa terrível no continente e ia ser o fim do mundo.

Anos depois compreendi.

Os votos eram diferentes do que é hoje. Os Presidentes de Junta de Freguesia iam, à noite, lembro-me, bater à porta e davam um envelope. Só que eu era criança e não percebia bem o que era. Depois é que compreendi. E então aquilo o que era? Eu via aquele senhor falar com o meu pai. O meu pai entrava e dizia "Está aqui o voto para ir votar amanhã." Quer dizer, já vinha preparado e as pessoas tinham que ir dar aquele envelope, porque, era como se fosse "Se tu não fores, depois vais ter consequências." E no outro dia, lá ia o meu pai, a pé, à Maia, levar o envelope.

### *A primeira vez que votei*

Lembro-me a primeira vez. Foi um pandemónio, a primeira vez.

Tudo tinha que ir votar. Ninguém compreendia nada, ninguém sabia e os votos nem eram aqui na Lombinha, tinham que ser na Maia. Aqueles ranchos de pessoas era uma coisa muito séria.

Uma vez [risos] votei num partido sem saber o que é que estava a fazer.

As pessoas eram quase obrigadas a ir votar no PSD, que na altura era o PPD, que era Pão Por Deus. Aqueles falatórios "Temos que ir votar no Pão Por Deus, porque ele é que nos vai encher a casa. Ele é que vai, porque se for o outro, as pessoas com mais idade, vão morrer todas, porque eles dão uma injecção e aquilo é para morrer."

Eles fizeram uma coisa, desde o princípio, que não se devia ter feito. Hoje digo, há muita coisa boa e muita coisa má, é como em tudo na vida.

Depois, a partir desse dia já não fui votar mais assim. Porque fui depois com o meu marido e aí já começámos a compreender que temos que ir votar, não só no Partido, mas nas pessoas que o utilizam. Porque se a gente for votar, mesmo que seja um Partido bom, mas se tiver uma pessoa que não vale nada, é escusado lá ir. E hoje é o que se vê no nosso Portugal, infelizmente.

### *Bordado, costura, tecelagem*

A tecelagem começa anos depois, depois de casar. Porque é assim, casámos, depois tive a minha primeira filha, nasceu em 76. Depois tive o meu filho, em 78. O mais moço nasceu em 82.

Entre os dois mais velhos e o outro, o que é aconteceu? Eu não gostava de estar parada. Gostava sempre de estar trabalhando. Aprendi a costurar à minha custa. Ia fazendo umas coisinhas, comprei uma máquina de uma tia que se foi embora em 75

para o Canadá e vendeu-me a sua máquina que ainda hoje a tenho ali.

Comecei a fazer as minhas roupinhas. Depois o meu marido pagou-me para ir tirar um curso para a Singer, para Ponta Delgada. E lá fui eu com a minha pequenina.

E comecei. Fazia, praticamente, roupa para aqui, para esta zona toda.

Quando começou a vir o pronto-a-vestir e começou a ir decaindo, decaindo e acabou, pôs-me na ideia que tinha que fazer malha. Fazia muita malha à mão. Houve as máquinas de fazer malha e eu para Ponta Delgada aprender a fazer malha à máquina. E ele deixou-me ir outra vez. Lá fui, aprendi. Não acabei o curso, porque queria só saber mais ou menos como é que se fazia.

Comprei a máquina, máquina para casa, toca a fazer. Aconteceu a mesma coisa com a costura. Vieram as malhas prontas, mais baratas e acabou. Quando acabou ainda estive ali uns tempos que só trabalhava para casa.

### *Dez anos a ir, todos dias, para as vacas*

Tenho um filho com deficiência, que estava a fazer tratamento com o médico.

O médico, uma vez, disse-me "Olha se tu arranjasses uns animais, para esse rapaz, para ver se ele se mexe."

Chego a casa [risos] e digo "A gente hoje vai fazer um negócio! [risos] Porque o meu pai era lavrador, mas já tinha a sua idade, já não podia, tinha só duas vaquinhas. E estava com um irmão meu que não gostava de se levantar cedo.

Disse ao meu pai "Está na hora certa! Vamos fazer um negócio! Compro-te essas duas vacas. Fico com o terreno à renda e compro as vacas." Ele sempre assim, assim, mas a minha mãe lá o espicaçou que ele vendeu. "E quero comprar do preço que está correndo porque não quero favores." Que eu não gosto muito de favores. Gosto de fazer a minha vida.

E assim foi. Comprámos as vacas, mas o rapaz nunca quis ir para as vacas, tem medo, que se pela de animais e nunca foi.

E o que é aconteceu?

Estive dez anos a ir, todos dias, para as vacas. O meu marido estava trabalhando e então a gente levantava-se, tinha vezes que era às 4 e tal e 5 horas da manhã para ir às vacas e depois ele ia trabalhar, eu ia levar o leite ao posto do leite. Vinha para casa, fazia as minhas costurinhas. Muitas vezes ia com o saco da ração às costas, as bilhas do leite às costas, porque aquilo foi aumentando, nascia a filhinha, a filhinha era boa, da vaquinha e foi ficando e ficámos com umas cinco vacas.

A tirar leite à mão, que eu também tinha medo dos animais, mas fui tirar leite. Dez anos!

Depois houve um curso de Tecelagem, aqui na Maia, na Santa Casa da Misericórdia.

Eu disse "Ai um tear. Vou lá saber o que é."

Fui à Secretaria, perguntei como era, ela disse para se inscrever, quem quiser. Esse curso, por acaso, até era de dar muito dinheiro, que foi pago pela CEE, porque já estava no tempo da CEE. Inscrevi-me. Disse "Quando é que isto sai?"

"Ah, daqui a uns 15 dias a gente já sabe."

Vim para casa, continuei na minha vida. Depois, nada de saber se já começou, se não começou. E eu, toca, fui lá.

"Afinal o curso como é?

E ele disse "Ah, já estão no curso."

Ah, fiquei! Uh! Eu não sou de me calar! Disse alguma coisa, porque não é assim que se faz. Se o curso estava a decorrer, então avisavam as pessoas!

Não fiz aquele curso. Continuei a trabalhar.

Mais tarde, aparece-me o Provedor a perguntar se eu sempre queria aprender… Já sabe, eu com a minha mágoa, disse logo que não. Disse "Agora o curso não é para receber dinheiro."

"Ah… mas se tu quiseres, a gente ia ver como é que fazia."

Eu disse "Não quero!", mas toda sacudida, "Não quero!"

E o meu marido disse assim, quando eles se foram embora, "Tu estás aflita para ir! Estás aflita para ir."

Na semana a seguir cá estão eles outra vez "Ah porque vê bem, porque sei que tu querias… só tem um problema, a gente paga à Monitora, mas tu tens que arranjar as pessoas para ir." E como eu queria mesmo disse "Está bom, vou ver o que faço."

Lá fui, para a Lomba da Maia, falar com uma cunhada minha para ela ir. Tinha duas, tinha uma que também era Tecedeira. Por acaso hoje está doente, já não pode tecer. Essa também disse que ia com uma colega. A minha cunhada também foi. Eu disse "Já tenho 3, já preparadas." Na Maia tinha uma senhora, da idade da minha mãe e ela disse "Vou contigo, querida, vou também para te ajudar. Já que queres isso, então a gente vai." Esta senhora já estava quase com 70 anos, mas tinha muita vontade de aprender. Ainda hoje, quando nos encontramos, falamos muito.

Arranjei as senhoras. Fomos.

Disse à Monitora "Oh senhora, isso é assim, eu quero saber como é se faz uma teia, como é que se coloca no tear e depois, vou-me desenrascando para aí!"

E ela "Sim senhora!"

Aquilo tinha 6 teares, mas estavam divididos em 2 quartos.

Estivemos aprendendo a fazer a teia. Rebentava um fio e era preciso emendar.

Eu queria saber emendar um fio. E o que é que eu fazia?

Por fim tive que dizer "Oh senhora, é assim, eu quero saber como é que se faz isso, porque se eu não aprender..."

"Ah, mas não faz mal, um dia que tu vás para casa trabalhar, vais-me buscar que eu dou-te uma ajuda."

"Sim senhora, mas agora quero aprender!"

Comecei.

O meu marido passava por lá muita vez, porque ele trabalhava no leite e passava e dizia "Esta teia está mal feita." [risos]. Verdade!

"Essa teia, isso não pode ser assim."

As senhoras de antigamente faziam a teia que ficava assim, mais um pico ao meio e depois aquilo, cada volta que dava, quando se desenrolava, as cabeças ficavam muito apertadas e o meu ficava bambo. Realmente era uma coisa… mas eu disse "Pronto."

***Sonho, criatividade, inovação.***
***Um colete às risquinhas e a saia toda lisa. Sonhei isto tudo de noite***

Quando estava acabando o curso, só estive lá 3 meses, quando estava acabando, já tinha ido falar com o Carpinteiro, para me fazer um tear e ele fez. Montou-se e depois quem começou a aprender a fazer as teias fui eu com o meu marido.

Fiz um colete e uma saia. O colete às risquinhas e a saia toda lisa. E a senhora dizia "Mas o que é que tu estás fazendo aqui?" Eu disse "Oh senhora, eu sonhei isto tudo de noite. Vou ver se consigo fazer. Se conseguir, todos vão ver. Se não conseguir, olha, enrola-se, lixo!" Mas consegui.

Como já sabia fazer costura, fiz o colete, fiz a saia. No dia da Exposição, pus lá.

Depois o Artesanato convidou-me se eu queria tirar um curso em Santana. Aí fui tirar um curso mais elaborado.

Depois já fui tirar outro para trabalhar com tear de computador.

Quer dizer fui evoluindo e hoje em dia dou formação na minha casa. Já dei lá

para baixo, já fui dar em Santana, já dei na Maia. E agora é aqui, porque aqui tenho tudo o que é preciso.

E é isto a minha vida.

E hoje continuo sempre a aprender, porque todos os dias aprendo uma coisa nova. Tenho a minha netinha, que oxalá que vá sempre seguindo o meu rumo, porque ela já sabe trabalhar alguma coisa e é o meu marido que me ajuda. A minha filha, quando pode, também tem o seu emprego e agora é familiar.

***O café***

O café é assim, primeiro abrimos isto aqui, porque eu trabalhava era na minha casa. Queria comprar esta casa, o senhor nunca quis vender. Mas quando lhe deu aquele toque, quis vender. Comprámos. Tivemos 5 anos para restaurar a casa, porque quando comprámos isto, comprámos, não houve problema, mas como era para restaurar, eu tinha dito "Vou lá abaixo à Secretaria, ver se eles me dão uma ajudinha." Fui. A resposta que me deram foi que eu tinha uma casa para morar. Já não tive subsídio. Pronto, "Muito obrigada!"

Vim para casa e disse "Olha, quando acabar está pronto". Levámos 5 anos. O meu marido, que ele cansou em trabalhar aí. A fazer tudo como era dantes!

Para lavar a pedra fui ter com o nosso Presidente, na altura era o Senhor António Pedro, da Ribeira Grande. Era muito bom homem, falava muito com ele. Disse-lhe "Pelo menos desliga-me o contador para eu lavar aquela pedra. E a resposta dele "Oh mulher, se eu te for desligar a ti, essa outra gente o que é que vai dizer? Vai lavando aos bocadinhos."

"Sim senhor, muito obrigada!"

Foram sempre 'nãos' que eu levei, à conta de Deus.

Vim, fomos lavando, fomos pagando, à conta de Deus, a nossa água e fomos sempre fazendo. Mais tarde, já tinha isso tudo pronto e as pessoas vinham aqui, porque, principalmente do continente costuma vir muita gente de Verão, "Era bom se tivesse aqui uma casa de chá ou casa de café…" E aquela ideia começou-me a matutar. Lá disse ao meu marido "Ah, não era melhor aquele espaço ali fazer..."

"Estás doida, hum, hum…"

Mas tanto andei, andei que o convenci! [risos] E toca a fazer o café! Tudo nos conformes, fomos tirar as licenças. Tivemos o café. É uma mais-valia, porque o artesanato nunca deu para enriquecer ninguém, infelizmente.

Fazem-se coisas muito boas, mas há pessoas que preferem ir aos Chineses comprar por meia tuta, do que vir aqui. Pronto.

***Tive aqui 21 homens a fazer malha. Passaram-se uns bons serões***

Na altura, quando se abriu o café, sabe que vem muita rapaziada e eu tinha sempre um tear ao entrar da porta. O que é que acontece? Um dia estava um rapaz ao pé de mim e ele assim "Olha também vou aprender isso." Eu disse "É homem, olha até que era uma boa ideia. Mas é assim, para vocês aprenderem então podemos fazer uma coisa, eu ensino-vos a fazer malha, vocês criam um grupinho, estávamos aqui ao serão a fazer malha e depois quem sabe."

Ele disse "Olha que eu aceito!"

Quer dizer, palavra puxa palavra…

Tive aqui 21 homens a fazer malha. Passaram-se uns bons serões. Era engraçado de se ver. Ali tudo a tricotar, dava-lhes uma cervejinha de vez em quando e lá se iam passando os serões. Teve um sucesso muito grande, porque vieram essas televisões todas, quiseram filmar e ver o que é que se passava porque era uma coisa inédita. Tudo bem. Mas como tudo o que existe de bom, infelizmente também se vai dissipando… porque houve pessoas que saíram de cá, outras tiveram outros negócios e já não deu para vir. Hoje está, completamente, muito paradinho.

Depois disso tive um convite duns senhores da RTP 2 que queriam, por força, vir cá ver os homens trabalhar. Lá arranjei um grupinho. Em lugar de ser malha, porque eles já sabiam fazer malha, disse-lhes se queriam aprender teares que eu ensinava-lhes. Pronto. Eles também, quando eu falo, dizem logo. Não estão cá com muita coisa "Sim senhora!"

Vieram. Tiveram cá uma semana instalados, porque à noite estavam filmando o que eles estavam fazendo e de dia foram às casas de cada um, filmar os seus serviços, porque isto era um *hobby* que estavam a fazer.

Um é lavrador, outro é carpinteiro, outro é pedreiro. Pronto. E foram a cada um fazer a sua inspecção e à noite vinham para aqui. Adoraram muito cá estar. Eles também gostaram muito. A gente fazia os nossos jantares, as nossas festas aí, quando acabava de filmar. É uma alegria. Hoje, está um bocadinho parado, uma, porque a crise está apertando, outra, às vezes, pessoas que já estiveram cá, sentem aquela saudade, mas como as vidas estão diferentes… Quem sabe um dia se nos vamos reunir de novo.

É só esperar para ver. [risos]

### *Antes do 25 de Abril não conseguia ter feito isto*

Ah, nem sequer se pensa numa coisa dessas. Antes do 25 de Abril, não podia, porque embora tivéssemos muita vontade de fazer alguma coisa, era muito mais complicado do que é hoje. Embora eu não tivesse ajudas, embora também não as tivesse antes do 25 de Abril, mas era muito mais complicado do que hoje.

Hoje há mais facilidade, a gente consegue dar a volta de outra maneira.

E antes do 25 de Abril, aquilo, aquelas regras não se podiam exceder muito.

### *Aqueles rapazes aprenderam a fazer malha, a trabalhar o tear. Mulheres e homens têm capacidade para aprender, são iguais com mãos*

Vou-lhe ser muito sincera, embora tenha algum grupo que vem para aqui fazer formação, que eu gosto de trabalhar com as mulheres, mas para trabalhar e gostar bem, os homens. Trabalha-se muito melhor do que as mulheres, porque é assim, eu digo "Isto faz-se assim" e eles parece que compreendem melhor. Não estou pondo em causa, porque há mulheres e mulheres. Há umas com mais facilidade e outras com menos. Mas os homens são mais obedientes.

Já tive aqui pessoas a fazer formação que se eu disser "Isto faz-se assim, que isto assim é que dá certo" respondiam mal. "Isto é assim porque quem manda sou eu, que isto é meu, o trabalho que eu estou fazendo é meu, por isso eu faço assim."

Por exemplo, estamos a trabalhar com uma máquina, vamos devagar com essa máquina, porque isso não é para partir.

Não querem saber, quando essa partir, compra-se outra!

Elas são mais respingonas.

Os homens, calmos.

"Isto faz-se é assim."

"Ah, sim senhora. Então vamos desmanchar e fazer de novo."

Com muito mais calma se trabalha. Gosto de trabalhar com os homens.

### *O produto desse trabalho*

Muitas peças foram vendidas, porque é a tal coisa, como eram feitas por homens, vieram pessoas de muitas partes do mundo, de Espanha, da América, do Canadá, do continente, de propósito. Quando vieram cá de visita aos Açores, vieram cá de propósito, à procura da tecelagem, para ver os trabalhos que tinham sido feitos por homens.

E quiseram comprá-los! Porque acharam uma coisa. Embora agora, no continente, já há muitas partes em que os homens estão a fazer malha, mas aqui nos Açores nunca se viu uma coisa dessas e então as pessoas vinham mesmo cá.

Mas tem uma coisa, muitos diziam assim "Ah, epá, agora deu-te para isso? Também és maricas?" que é uma coisa que fica muito feio. Porque isto não é trabalho de maricas. Os melhores tecelões são homens, os melhores cozinheiros são homens. Então porque é? Então é tudo maricas? Os homens fazem trabalhos lindos, igual e melhores do que as mulheres.

***Andar a trabalhar nas vacas… um 'trabalho de homens'***

Andei 10 anos, 10 anos a trabalhar nas vacas, 10 anos a tirar leite às vacas, a mudá-las, de noite, à procura da estaca. Com as mãos todas sujas de porcaria das vacas, porque de noite, é só com a mão. E nem por isso deixei de ser mulher, nem por isso deixei de fazer a minha vida. Eu ia para as vacas, vinha fazer a minha vida e ouvia muita vez pessoas a dizer "Ah! Agora deu-lhe para aquilo.", "Oh, lá vai a vaqueira."

Mas a vaqueira foi de baixo para cima. E muitas vaqueiras hoje, mesmo daqui deste sítio, foram de cima para baixo. Porque eram meninas que estavam em casa fazendo a sua vida e depois tiveram que fazer projectos, tiveram que ir para as vacas para poder ter uma vida digna. Portanto foram de cima para baixo e eu fui sempre dando os passos devagarinho. Eu fui do mais pequenino até chegar agora.

Não sou rica, não tenho dinheiro, mas tenho felicidade. Gosto do que faço, sinto-me feliz e a maior felicidade é ter 3 filhos, uma linda neta, que é o orgulho da nossa casa e por ela faço tudo. Quando ela me pede uma coisa é "Vamos fazer querida." Tenho muito gosto que ela aprenda, porque ela, em qualquer tear, senta-se e faz qualquer coisa.

Agora vamos fazer o tecido para fazer o vestido da Comunhão. Já lhe fiz para a Primeira Comunhão. A senhora vai ver que está ali. Ela já fez o desenho no papel como é que quer o seu vestido, como é que quer bordado e vamos fazer. Depois hei-de tirar fotografias que é para verem mesmo. Já fiz um vestido de noiva, já fiz vários vestidos para Comunhões, Baptizados. Portanto, mesmo que não tenha dinheiro,

considero-me uma artista [risos] e gosto de ensinar os outros. Às vezes fico zangada quando as pessoas que quero ensinar me destorcem. Paciência. Faço o que posso.

### *Hoje em dia, ainda há uma distância entre o homem e a mulher*

As mulheres deveriam ter direitos iguais aos homens, mas ainda não têm totalmente. Ainda não têm, porque, hoje em dia, ainda há uma distância entre o homem e a mulher.

Não é o meu caso, porque posso estar aqui conversando e o meu marido em casa a fazer um tacho de sopa. Porque é mesmo assim, praticamente quem faz a sopa em casa é o meu marido. [risos] E a minha neta diz mesmo "Sopa igual a do avô não há! Batatas com chouriço, só quero é o meu avô para fazer!" [risos]

Portanto ele sempre me ajudou. Não estou falando em todos os homens, mas há muitos que…

Tenho um café e a gente ouve, mesmo que não queira, vamos ouvindo "O lugar da mulher é na cozinha e o marido é para dar a perna." Não dá, não está certo, porque os direitos deveriam ser iguais. A gente vai trabalhar os dois, vamos passear os dois, vamos comer os dois, tudo bem.

Há mulheres a trabalhar, dar o dia e eles por aí, pelos cafés, só a gastar o que a mulher trabalha, como se não bastasse. E isso, não concordo. Infelizmente, há muitos desses aí.

Considero-me uma mulher feliz. Se não fosse feliz não estava aqui agora. [risos]

Já investi muito, muito aqui, tudo o que fizemos na nossa vida, porque vamos fazer 40 anos de casados, mas se disser assim "Tenho dinheiro?" Não tenho nada. Tenho muito, investido, mas sou feliz, porque quando eu morrer, não levo o dinheiro comigo e vou feliz, porque, mostrei tudo o que tinha, ensinei tudo o que sei e mais gostaria de ensinar.

Às vezes digo assim "Esses teares…" Quando estive dando formação até era um gozo ouvir os teares todos a bater, é uma alegria. E era isso que eu gostava hoje. Mas o nosso Governo é muito culpado. Se eu pedisse uma pessoa para vir para aqui, que eu pagasse um tanto, porque não consigo pagar um ordenado, porque isto não dá para pagar um ordenado, mas, por exemplo, se desse uma ajuda àquela pessoa e o Governo desse outra... Aprendendo e trabalhando. Mas não tenho direito, porque isto

é particular. Se fosse uma Instituição, sim senhor. Também não concordo com isso, mas, infelizmente, é o que temos e é isso que vamos conseguindo.

### *Um filho especial*

Aquele filho é… aquele filho é…

Aquele filho é um filho especial porque tem uma deficiência motora desde nascença e também já andei muito para ele estar onde está. Já está, ele tem 37 anos, que fez agora no dia 3.

Foi por intermédio de uma senhora, que por acaso, ainda hoje agradeço porque se não é ela, ele não estava onde está, que é a Doutora Ana Paula Marques, que foi quando a conheci, há muitos anos atrás, há 20 e tal anos, que é, ao tempo que ele está lá. Ela é que se encarregou de ir à Aurora Social, falar com o senhor. Na altura, ele tinha aberto há pouco tempo. Falou com ele e ele aceitou o meu filho e lá continua. Para aí há uns vinte, 27 anos, talvez.

Esta vida dá para tudo. Vou para as reuniões que são precisas para o meu filho.

Fazem agora uma coisa que é muito simpática que é o Chá da Primavera, Verão, Outono, Inverno, onde se reúnem os pais. Infelizmente há muitos pais que deixam lá os filhos e não vão a mais reuniões, não querem saber de mais nada. Mas eu vou sempre que me é possível. Às vezes até impossível, mas eu arranjo um lugarinho. Vou para dar acompanhamento ao meu filho. E agradeço por isso. Está lá, pago-lhe uma cota, que também não é assim uma cota exagerada. Ele vai todos os dias. Já há retorno para ir todos os dias, vai de manhã e vem à tarde. E está bom.

### *Antes do 25 de Abril as mulheres era só em casa*

Ainda não há igualdade. Hoje está melhor do que antes do 25 de Abril. Antes do 25 de Abril, lembro-me que as mulheres era só em casa, não havia mais nada.

Agora adquiriram um direito, que eu acho muito bom, que é o serem independentes. Há muitas mulheres que têm o seu trabalho e isso está fora de questão. Tens o teu emprego, também tenho o meu. Mas deveria haver mais igualdade.

Ainda há muitos homens que são machistas "Eu quero, posso e mando e a minha mulher não vai para aqui, a minha mulher não faz isso, não faz aquilo." E hoje em dia, não está correcto. Eu não acho correcto. Se o homem tem direitos, a mulher também devia ter. Tem liberdade, sim senhora, a mulher também. Não é de 8 para 80, mas os dois.

Muitas coisas, se os dois conversassem antes de fazer qualquer coisa, o mundo seria melhor.

### *Uma sugestão para as pessoas todas do mundo*

Conversar mais, porque duas pessoas não têm o mesmo sentido, não têm o mesmo pensamento. Eu penso duma maneira, o meu marido pensa doutra. Se eu levar sempre para aqui e ele levar para ali, o caminho fica aberto. Temos que nos sentar, pronto, vamos então conversar "Qual é a melhor maneira? Eu pulo para aqui, tu pulas para aqui", então vamos ver um encontro para ir os dois caminhando. Por isso, ainda conseguimos levar o nosso casamento. Mas hoje em dia, não há isso. Estão-se casando, dali a dias já se estão separando porque cada um caminha para o seu lado e não há um consenso. As pessoas não se sentam para conversar. Isto é o que eu penso. Se parassem e pensassem melhor. É!

Muitos chegam a casa e é só despachar para um lado e para outro. Isto é uma violência que devia acabar. Que infelizmente as mulheres têm mais violência do que os homens. Não está correcto. As mulheres, praticamente, são as vítimas. Embora haja também o contrário, também sei de casos, que o homem é a vítima, mas a mulher, é em mais quantidade e não deveria haver isso.

O meu marido tem o seu ordenado e eu tenho o meu. Quando fui dar o NIB… o cartão é meu, mas também é dele. Nunca houve separação.

É uma partilha.

É engraçado, desde que casámos, foi assim, casámos no dia 10 de Maio.

Casámos com 500 Escudos. Na altura ainda não havia o Euro. Quer dizer casámos com 500 Escudos, para ele comprar gasolina para a mota, para trabalhar e para nos sustentarmos até ao final do mês.

Quer dizer já começou aí, desde aquele dia que nos casámos já começámos a fazer economia, para chegar ao final do mês.

Márcia Santos, Santa Maria, 40 anos

## História de Vida de Márcia Santos

Sou a Márcia Santos, tenho 40 anos e nasci no Faial. Sou a mais nova de 5.

Sempre quis ser rapaz, quando era pequenina. Acho que não era bem ser rapaz, eu queria era fazer o que os rapazes faziam, o que é um bocadinho diferente. Por exemplo, ter o cabelo curto. O meu pai não me deixava cortar o cabelo, não era de meninas. Poder subir às árvores e ir pescar com ele, ir para o calhau, coisa que eu fazia, mas pensava ser do universo masculino e não era permitido às raparigas. Então era sempre estar a fazer uma coisa 'proibida'. O certo é que quando o meu pai disse "Podem cortar o cabelo", fui logo ao cabeleireiro e cortei o cabelo curto, muito curto.

Durante muito tempo, sempre usei o cabelo curto, muito curto. Achava que aquilo era símbolo de liberdade para fazer outras coisas.

Estamos a falar duma Márcia para aí com dez. As memórias mais antigas têm a ver com isso, com o querer ser rapaz. Que era uma tonteira.

Tenho dois irmãos rapazes e duas raparigas, mas os rapazes saíram de casa quando eu era muito novita. Por isso, a minha memória de casa é com as minhas duas irmãs. Era uma casa de raparigas, mas eu era a maria-rapaz da família.

Era assim que se chamava. Não sei se ainda hoje se chama maria-rapaz.

### *Sentia-me maria-rapaz*

Talvez a questão das atividades serem mais fora de casa. E como eu gostava de estar fora de casa, associava isso a um universo mais masculino. O universo feminino era dentro de casa, era o trabalho doméstico. Aquela obrigação que as raparigas tinham de fazer, enquanto os rapazes podiam estar lá fora.

Na escola era completamente maria-rapaz. A que defendia as outras raparigas. Não usava saias. Sempre calças, o que era uma grande luta com a minha mãe. Ao Domingo tinha de usar vestido e portar-me como uma menina.

Na escola gostava era de jogar futebol, subir às árvores. E as meninas eram muito 'meninas'. Apesar de ter também aquela dualidade de brincar com bonecas. Cheguei a ter uma *Barbie* que a minha avó enviou da América. Brincar com bonecas para estar com as minhas amigas, as minhas vizinhas, então tinha essa parte de brincar com

bonecas. Mas gostava era de tudo o que fosse carrinhos de rolamentos, bicicletas, *skates*. Era aquilo que me atraía.

***Dentro dos dois universos há coisas de que gosto muito.***
***Não tem a ver com ser-se feminina ou ser-se masculino. Tem a ver com ser-se pessoa***

O que me parece é que conforme fui crescendo, fui vendo que dentro dos dois universos há coisas de que gosto muito, tanto de um lado como do outro. Isso faz parte de cada pessoa. Não tem a ver com ser-se feminina ou ser-se masculino. Tem a ver com ser-se pessoa. É o que me parece mais importante.

Estive no Faial, no liceu e depois... depois apaixonei-me! Isso aí foi uma experiência não muito fácil. Não muito fácil, mas que me trouxe a Santa Maria, e pronto.

***Migrante dentro dos Açores***

Estive na Terceira, fui para o continente, depois vim para Santa Maria. Por isso, ainda hoje, há quem pense que não sou açoriana. Não tenho sotaque, de sítio algum. A minha irmã diz que eu tenho sotaque de Santa Maria, mas eu acho que não será tanto o sotaque. Serão mais os termos que são usados em Santa Maria, que de vez em quando me escapam. Não propriamente o sotaque.

Posso dizer que não sou bem de Santa Maria, mas também já não sou do Faial. Sou de um universo que não tem base. Deixas de ser uma coisa ou outra.

***Tenho orgulho em viver cá***

Em Santa Maria existe muito o orgulho de ser 'cagarro'. Aquela coisa que eu não tenho, porque não sou de cá, mas tenho orgulho em viver cá, porque vivo por opção. O fato de viver por opção, também me dá outra perspetiva sobre a ilha de Santa Maria, do que é que se pode fazer. Contribuir, mais ou menos para a ilha e para todas as pessoas que se cruzam comigo.

***Encontrando esse crescimento, esse equilíbrio.***
***Tanto adoro a minha caixa de costura como a minha caixa de ferramentas!***

Até chegar a essa conclusão de equilíbrio, levou bastante tempo.

A etiqueta maria-rapaz, aquele rótulo que te dão quando estás a crescer, acaba sempre por se manter *ad aeternum*.

Apesar de tu, como pessoa, poderes ter a noção de como funcionas, de quem tu

és, a etiqueta de maria-rapaz mantém-se, especialmente quando gostas de atividades que são consideradas masculinas.

Tanto adoro a minha caixa de costura como a minha caixa de ferramentas! Quando se fala do equilíbrio, tem a ver com isso. Tanto gosto de tarefas que são, normalmente, associadas a mulheres, como a homens.

### *Skipper, um trabalho não habitual no universo feminino. Faço com muita paixão. Faz parte da minha vida*

Claro que quando se está a fazer qualquer atividade que seja relacionada com o universo mais masculino, sou sempre vista como maria-rapaz.

Sinto isso, que as pessoas me vêem como maria-rapaz, apesar de estar a fazer uma coisa de que gosto e pela qual tenho uma paixão muito grande.

O trabalho que faço como *skipper* é um trabalho que não é habitual no universo feminino. Há poucas mulheres que o fazem e as pessoas vêem-te logo de outra forma. É a tal etiqueta, sempre atrás.

Lembro-me de situações como a de um casal de clientes em que estávamos no barco e ele diz "Estás no barco e onde está o teu filho?" Eu disse "Está com a ama." Eles ficaram muito admirados de eu estar no mar, em vez de estar com o meu filho, sendo que qualquer outra mulher estaria a fazer outro trabalho qualquer.

Neste caso e sendo mãe, há que desempenhar um trabalho não importa qual a função. Contudo, ainda hoje, faz confusão às pessoas estas opções, esta diferença!

Para mim é claro. É aquilo que eu gosto de fazer. Faço com muita paixão, faz parte da minha vida.

### *A Biologia sempre foi a minha paixão*

Em Santa Maria, é curioso a flutuação dos professores. Quando cheguei a Santa Maria, foi em Setembro, não me lembro do dia, achei muito estranho, pois em Setembro a ilha está muito amarela, muito seca. Esta é uma ilha muito diferente das outras ilhas dos Açores.

Chegas a Santa Maria e aterras na zona do aeroporto. Enquanto não passares no Pico Alto, no monte, é como se estivesses numa ilha completamente diferente. E depois as pessoas. As pessoas reparam muito em quem chega. Estamos a falar de há 20 anos (95). No meu caso vim para Santa Maria e fui para a escola, dar aulas.

Vim, porque na altura, a pessoa com quem estava a viver veio para cá trabalhar

e eu vim com ele. As hipóteses colocadas eram várias ilhas. Santa Maria foi uma surpresa.

Na viagem para cá, estive uma noite em São Miguel, com pessoas amigas que me disseram para experimentar ir à escola que às vezes aceitavam.

Na altura havia poucos professores licenciados. Era uma realidade muito diferente da actual.

"Podes experimentar e concorrer", disseram-me.

Eu só tenho o 12º ano e na altura só era preciso ter o 11º para fazer os, chamados, Concursos Extraordinários. Então concorri nas duas áreas em que achava ter mais facilidades de transmitir conhecimentos, a Biologia e o Inglês e que sempre gostei muito. A Biologia sempre foi a minha paixão.

Fiquei a dar aulas de Ciências da Terra e da Vida, durante dois anos. No terceiro ano, no Concurso, já não tive colocação porque havia professores com formação superior à minha.

Foi curioso porque foi um ano de transição. Nesse ano, o Governo Regional fez uma excepção e os professores que tinham 3 anos de experiência, mesmo sem formação universitária, podiam entrar e terminar a sua carreira académica como professores. Como eu só tinha dois anos de experiência, não entrei. Há vários professores, cá, que tiraram os seus Cursos Superiores aquando dessa excepção. A quantidade de professores, nos Açores, sem formação superior, nessa altura era grande e nas ilhas pequenas ainda mais. Era uma coisa que acontecia.

### *Pensando nas memórias, nesses alunos*

Hoje em dia não tenho tanta ligação com jovens, ou com tantos jovens quanto isso, para fazer uma comparação. E há 20 anos, eu tinha 20 anos! Por isso era difícil manter algum distanciamento. Dei aulas ao 11º ano com 20 anos. Hoje em dia, algumas dessas pessoas são minhas amigas.

Na altura era um bocadinho estranho.

Acho que os jovens estavam habituados a professores muito jovens e professores sem formação. Eles sabiam os que tinham formação ou não. Mas acho curioso que era um bocadinho como agora, havia alunos extremamente interessados e outros que não. E fazia-me muita confusão haver jovens que estão interessados na escola, mas depois não têm possibilidade de continuar. Eu tinha vários alunos que ficaram na ilha por não terem possibilidade de continuar a estudar e isso fazia-me muita confusão no ensino.

Lembro-me também, nessa altura de ir à secretaria da escola, colocar questões sobre o meu ordenado e a funcionária dirigir-se para mim e perguntar "Mas para que é que tu queres saber isso?" Uma miúda na secretaria a fazer perguntas destas, não fazia sentido nenhum. Foi engraçado.

Confesso que não era uma carreira que gostasse de seguir. Não nos moldes do ensino oficial.

***No geral considero-me uma pessoa afortunada***

Tenho experiências em áreas completamente distintas, que se foram colocando ao longo dos tempos. Fui procurando tirar o melhor proveito de cada uma delas.

Já fui segurança no aeroporto. Quem me conhece, nunca me imaginaria, de certeza, de farda, a fazer segurança no aeroporto. Pronto. Mas descobri coisas. Acho até a coisa mais estranha que já fiz e que aparentemente não tem nada a ver com a minha pessoa. Mas fiz e isso fez-me ganhar uma outra experiência, outra forma de estar e de estar com os outros.

***Uma coisa que me liga a esta ilha que eu não sei dizer. Vou sempre ficando, ficando…***

Às vezes estamos em situações profissionais que não são o nosso ideal. Mas em geral, pode tirar-se proveito. Eu tirei proveito desta experiência. Não a repetia.

Já fiz tanta coisa. O que é que eu já fiz mais?

Já fui empregada de mesa e bar, é a área onde estive mais tempo.

Já geri um bar, que foi um grande desafio e uma grande experiência. Foram 3 anos muito intensos.

Foi aqui em Santa Maria. Tudo aqui em Santa Maria. Aliás nessa altura foi-me proposto ir para São Miguel, mas... há uma coisa que me liga a esta ilha que eu não sei dizer. Vou sempre ficando. Vou sempre ficando. É por isso que me considero afortunada. Há sempre qualquer coisa que aparece e me vai dando novo desafio, que é uma coisa sem a qual, também, não sabia viver.

Aquela coisa de ter o mesmo emprego a vida toda… Há pessoas que se assustam com o contrário, a mim assusta-me é estar toda a vida a fazer a mesma coisa, ano após ano. Assusta-me. É das pessoas.

É evidente que se pode dizer que é geracional, porque as oportunidades

agora são diferentes.

Existem gerações em que trabalhar a vida toda no mesmo emprego, era o que acontecia, mas também era uma oportunidade. Hoje em dia, há pessoas que se tivessem essa oportunidade, a aceitariam e se sentiriam mais seguras, confortáveis e há pessoas que não. Por isso acho que tem a ver com as pessoas.

Há pessoas que têm o mesmo trabalho há anos e receiam perder esse trabalho de anos e a ideia de ter de fazer outra coisa diferente é extremamente assustadora.

O sentido de segurança, associado a essa continuidade é como se fosse a base em que assenta a vida delas.

Claro que tem sempre aspectos menos positivos.

Há uns dias estava-se a falar em contratos, contratos de 5 anos. E fiquei logo a pensar "Nunca tive um contrato de 5 anos! Epá, 5 anos!"

É claro que neste momento o trabalho que faço, que é sazonal, permite-me fazer outras coisas. O que me deixa mais relaxada e também beneficiar.

### *Diferença entre um homem e uma mulher no trabalho sazonal*

Talvez seja mais fácil um homem arranjar um outro trabalho... Bem, eu faço coisas, na época baixa, que também podem ser consideradas trabalho remunerado. Mas acho que o que acontece tem muito a ver com a pessoa e com as opções que se fazem. Apesar das dificuldades, ou facilidades que vão existindo, também tem muito a ver com a forma como nós as encaramos.

Muitos *skippers* têm esse trabalho como um segundo emprego. São poucos os que o têm como principal. E outros trabalhos sazonais são muito poucos. Há um limite.

As mulheres são mais sensíveis à precariedade no geral. Os empregadores têm sempre aquela tendência de que seja mais fácil empregar alguém do sexo masculino, do que do sexo feminino.

### *Fiz trabalho de pesquisa. O Mudança de Maré fez toda a diferença*

Que mais eu fiz?

Já fiz trabalho de pesquisa relacionado com um projeto. Participei no Mudança de Maré que me deu muito, muito, muito...

O Mudança de Maré era um projeto, direcionado para as comunidades piscatórias, que funcionou em diferentes ilhas. Tinha várias vertentes. Eu, especificamente, trabalhei no tratamento de informação e dava apoio, porque a AJISM, Associação

Juvenil de Santa Maria, é que era a parceira em Santa Maria. Estava relacionado com a formação de pescadores, de criação de emprego e alternativas... Lá está, a questão dos pescadores, também existe uma sazonalidade muito grande, em termos de remuneração. Mas o projeto Mudança de Maré atingia áreas díspares como falar das mulheres na pesca, que era uma coisa invisível. Acho que o Mudança de Maré fez toda a diferença.

Havia coisas em que participava e colaborava mais do que outras.

Acho que com as mulheres na pesca era uma coisa do coração.

Foi uma grande diferença para aquilo que eu conhecia, o antes e o depois do Mudança de Maré.

Não tenho bem a noção em que anos estive no Mudança de Maré. Não estive no antes, na preparação do projeto. Comecei talvez em 2003.

Lembro-me de participar na feira, a primeira feira que se fez, em São Miguel, que já foi numa fase posterior, com a reconstrução do barco Mudança de Maré. Tinha a ver com a AJISM.

Participei na pesquisa, no *CD-ROM* por causa das empresas, iniciativas empresariais, que tinha a ver com núcleos museológicos, com alternativas que pudessem ser associadas e serem complementares para as comunidades piscatórias. Cheguei a ir à Terceira com alguns pescadores, jovens, daqui de Santa Maria, fazer um intercâmbio com pescadores em São Mateus. Os intercâmbios que se faziam na altura, por exemplo...

Nunca trabalhei diretamente com as mulheres na pesca. Sabia das atividades que se faziam relativamente às mulheres na pesca, mais como associada da UMAR do que propriamente no trabalho do Mudança de Maré.

Participei, em São Miguel, quando se fez um fórum sobre a sustentabilidade em que o Mudança de Maré também estava. Estive na feira em Lisboa

Fiz assistente do senhor Liberato Fernandes.

Na altura, ainda acho que participei nas duas feiras, em São Miguel, incluindo a primeira em que ainda estava a TerraMar.

O meu envolvimento termina antes do final do projeto. Como disse, as minhas participações foram sempre pontuais e na altura, passei ali uma fase em que já não estava a trabalhar. Trabalhei no projeto e depois estive algum tempo desempregada.

E nessa altura o meu envolvimento tem mais a ver com a UMAR

Na fase em que se formou o núcleo da UMAR em Santa Maria e se começaram a

fazer as primeiras formações.

Como não estava a trabalhar, o meu trabalho voluntário foi dedicado ao núcleo da UMAR.

As primeiras formações da UMAR em Santa Maria tinham sido em 2002.

Mais tarde tivemos várias atividades de formação, várias atividades de divulgação, fizemos concursos nas escolas. Fizemos atividades para pessoas adultas relativamente à violência doméstica e aos feminismos, para divulgação destas questões.

Formámos um núcleo de atendimento que durante algum tempo funcionou na Junta de Freguesia, em colaboração com a mesma. Tinha lá horário de atendimento da UMAR, duas vezes por semana.

***O envolvimento com a UMAR. Falou-se de coisas de que não se podia falar!***

Existem duas fases distintas do trabalho do núcleo da UMAR em Santa Maria.

Quando foi criado o núcleo, a Cristiana e eu éramos, digamos, o núcleo do núcleo e dentro das nossas amizades conseguimos ter várias colaboradoras e colaboradores nas atividades que fomos fazendo. E houve aquele *boom* inicial, em que houve uma divulgação. Falou-se de coisas que não se podia falar! Fez-se formação com pessoas de outras áreas. Chegámos a ter formação em que participaram pessoas da GNR, da PSP, dos Serviços Sociais, do Centro de Saúde.

Foi a primeira grande formação e uma divulgação maior...

Depois existe ali um clique que se dá também um bocadinho porque deixámos de ter espaço físico para atendimento. A Junta de Freguesia já não nos podia disponibilizar o espaço. E houve ali um período muito conturbado. Sem espaço físico era difícil continuar o trabalho. Por exemplo, os contactos telefónicos da PSP eram feitos para os nossos contactos privados. E durante algum tempo, depois do núcleo deixar de funcionar, continuámos a receber telefonemas que nós depois encaminhávamos para os telefones da UMAR.

Foram 7 anos! A gente quando começa a fazer as contas... foram 7 anos em que o núcleo esteve em atividade efectiva. E acho que gostei muito. Foi daqueles conheceres que mais me marcou. Por exemplo, estarmos numa ilha tão pequena e haver uma diferença tão grande. No trabalho que fizemos para assinalar o Dia Internacional para Eliminação da Violência contra as Mulheres, fizemos um trabalho nas escolas das cinco freguesias e detetámos que a noção de violência muda... Pode dizer-se que é a organização social de cada freguesia, porque cada freguesia é tão diferente,

em termos de como as pessoas se relacionam. Existe aquela que é mais aberta, mais abrangente e aquela onde os problemas de violência são mais efectivos. E isso via-se no trabalho das crianças. É aquele trabalho que levo sempre comigo. Quando penso em Santa Maria, a divulgação que se fez. Pronto.

E depois aqueles comentários de algumas mulheres que diziam "No meu tempo não havia atendimento." Note-se que continua a haver atendimento telefónico a que as pessoas podem socorrer. Mas o atendimento presencial é sempre outra coisa.

Bem, existe agora um centro de atendimento que está associado à Santa Casa. É uma coisa mais ou menos recente.

Para conseguirmos ter alguma confiança, para as pessoas confiarem e se dirigirem a nós… Muitas vezes vinha, não a própria mulher, mas outra pessoa, porque o estigma está sempre presente

***A violência doméstica sobre as mulheres***

Acho que continua a ser muito escondida. Não é coisa de que se fale à vontade. Em termos de opinião pública, existe evolução, sem dúvida, fala-se mais. Até porque agora existem muitos *spots* publicitários. Mesmo sobre a violência no namoro. A questão de que agora mais se fala é as pessoas compreenderem que é um crime público, não é só entre marido e mulher. Tem influências sociais, em toda a sociedade. Não pode ser uma coisa que se passa entre duas pessoas... Já se vê com outros olhos, fala-se com outra forma de estar. Mas é uma coisa que tem de ser sempre trabalhada. Porque de repente cai no esquecimento.

Ouviam-se muitos tabus "Se ela está assim é porque quer, porque gosta." Ouviam-se muitos "Ela até gosta da situação." Estou a falar no feminino porque, por mais voltas que a gente dê, as vítimas são maioritariamente femininas.

Estão muito enraizados esses tabus sobre a violência doméstica. Mesmo nas formações que se faziam, na altura, via-se que havia muito a fazer. Esta é a noção que eu tenho, até à altura em que deixei de estar ativa nessa área. Não posso dizer muito sobre a situação actual porque não estou tão ligada.

***Aquele que é o presidente, tipo rei***

Nós celebrámos o Dia Internacional da Mulher. O meu filho, o ano passado, perguntou porque é que não havia o Dia Internacional do Homem. Expliquei-lhe que, antes do 25 de Abril, as meninas não podiam fazer as mesmas coisas que os meninos.

Como explicar a uma criança? Expliquei que antes as mulheres não podiam

votar, mas tive de ir buscar coisas pequeninas. Votar? Ele não sabe o que é votar. Sabe que há um presidente que é tipo rei. Um dia, referindo-se ao Presidente da Câmara, ele dizia "Aquele que é o presidente, tipo rei", porque nas animações infantis existe o rei, o máximo do poder e como o presidente também está lá em cima, é tipo rei.

### *Continuo a gostar de celebrar o Dia Internacional da Mulher. De há dez anos para cá, muito se tem feito e muito melhor*

O que eu posso dizer é que continuo a gostar de celebrar o Dia Internacional da Mulher e a fazer alguma coisa nesse sentido porque é muito abrangente. Também é bom ver que existem outras pessoas a trabalhar na questão da violência doméstica. A se dedicarem efetivamente a essa área.

A sociedade em geral tem mais abertura, mas se calhar eu queria mais. Nesta altura em que estamos, de globalização, supostamente devíamos ser mais informados/as. Eu esperava mais. Que fosse doutra forma. Daí a minha visão um bocadinho negativa. É claro que de há dez anos para cá, muito se tem feito e muito melhor.

Essa terra ideal... pronto, eu sou utópica. Não existia violência doméstica, não é? Tão simples como isso. As pessoas teriam respeito pelas pessoas. Acho que para mim, a base tem de ser a pessoa. Ponto final. E a minha liberdade acaba onde começa a da outra pessoa, e se fosse esse o princípio de uma sociedade, seria tudo muito mais bonito, em muitíssimas áreas e na da violência doméstica muito mais. Não posso impor aquilo que eu quero, aquilo que eu gosto, nem aquilo que eu sou, a outra pessoa.

### *Uma mãe feminista ter um filho rapaz*

Tenho um filho. Um rapaz ter uma mãe feminista e uma mãe feminista ter um filho rapaz. Pronto. É o meu orgulho!

Tento fazer a minha quota-parte. Para já, porque detesto aquele comentário "Os rapazes são machistas, mas as mães é que os educam."

Sim, só as mães é que educam. O pai, quando chega a casa, senta-se no sofá, à espera que o jantar esteja pronto, não educa?!

"As mães é que educam" é daqueles comentários que me fervem na alma feminista.

Com o meu filho, quando falamos, é de pessoas, é de crianças. Não são 'os meninos da escola', como dizem muitos professores e professoras, que continuam a referir-se sempre no masculino. Temos crianças na escola. Acho que é aquilo

que nós transmitimos, aquilo que tentamos transmitir, porque depois existem todas as outras influências escolares, as influências sociais, da televisão, de tudo. São muitas as coisas que influenciam o crescimento de uma criança. Nós só podemos tentar fazer o melhor ou que pensamos ser o melhor, porque nem sempre acertamos. Uma coisa que eu tenho algum cuidado é a linguagem. A linguagem tem de ser igualitária, assertiva. Tem de se saber que existem os meninos e as meninas. Saber que as cores são as preferidas de quem gosta delas, independentemente de ser menino ou menina. Não existe a cor de menino e a cor da menina. Apesar de que isto lhes é incutido desde que começam a pegar nos lápis de cor, na pré-escola, a fazer um desenho e a ter a influência doutros colegas ou doutras colegas, ou até mesmo da pessoa que está a educar.

***O importante é a gente fazer o que gosta sem distinção de sermos rapazes ou raparigas***

Começa desde que se está gravida. Optámos por não saber era o sexo do bebé. Havia imensas pessoas que perguntavam "É só quando nascer é que vão saber?" E havia pessoas que me diziam "E as compras? E as roupinhas? E o quarto?" Como se fosse obrigatória aquela distinção das cores. A criança ainda não nasceu e já está a ser rotulada para gostar disto ou daquilo, conforme o sexo. E é quase uma batalha que se tem, antes do nascimento e depois do nascimento. Com todas as influências que são dadas, inclusivamente nas prendas que são oferecidas direcionadas para um sexo.

Com o meu filho é o dia-a-dia. Aquela questão que já disse. Então imagens é muito importante. E ele já sabe algumas coisas. Já sabe que houve tempos em que às meninas não era permitido fazer coisas que só eram permitidas aos meninos. E isso não pode ser, porque as pessoas são pessoas e cada pessoa gosta de coisas diferentes. O importante é fazermos o que gostamos, sem distinção de sermos rapazes ou raparigas.

***A opção de continuar em Santa Maria...***

Tem momentos em que uma pessoa começa a ter dúvidas. Porque temos contactos com crianças da idade dele, com pais e mães, com mentalidades diferentes e muito distintas. Como será o crescimento em Santa Maria? No geral acho que é um bom sítio para se crescer porque em termos de liberdade, tranquilidade

e conforto é um sítio bom. Em termos de educação, de influência social, acho que passa mais por trabalhar para que isso seja diferente. Que seja mais igual. Acho que isso é a parte mais importante. É claro que depois colocam-se outras questões. Questões médicas, por exemplo, também se colocam nas ilhas mais pequenas...

Quando o meu filho caiu na escola, não fomos evacuados, felizmente, porque foi quase na hora da SATA. Tivemos de ir para São Miguel. Isso também pesa, quando se vive numa ilha pequena. Isso pesa muito quando se tem uma criança ao nosso cuidado. Mas continua a ser uma opção.

Se não estivéssemos na hora da SATA, teria implicado ser evacuado num Aviocar ou então esperar pela SATA e o que isso implicava, em termos de sofrimento, para uma criança de cinco anos.

Há pessoas que não têm noção. E há pessoas açorianas que não têm bem a noção disso, porque vivem em ilhas onde os serviços de saúde são muito mais alargados e nem têm a noção, sequer, que é preciso ir a outra ilha para a criança nascer.

### *Do Pico, Flores, Corvo, Graciosa têm de se deslocar para as ditas "ilhas maiores"*

Não nascem crianças em Santa Maria, nascem é em São Miguel. As mães e os pais deslocam-se a outra ilha para a criança nascer. O mesmo acontece com as crianças do Pico, Flores, Corvo, Graciosa, que têm de se deslocar para as ditas 'ilhas maiores'.

Quando estamos numa ilha onde não existem especialidades, onde não existe um Centro de Saúde, onde não existe um Hospital, isso também implica que, em caso de emergência, as coisas podem complicar-se muito mais. Deixa-nos um bocadinho a pensar...

Mas, se calhar, no continente, se vivesse numa aldeia fora da cidade principal, isso também aconteceria na mesma medida. E são opções. E é bom que sejam conscientes. É bom que tenhamos consciência disso.

Mesmo do que estávamos a falar, das influências sociais, é bom que se saiba o que temos à nossa volta, para darmos opções alternativas, para que a criança possa ter uma visão o mais abrangente possível. Isso é o mais importante.

### *Esses poucos, juntados a muitos, podem fazer toda a diferença*

[O contributo na comunidade] passa sempre pela questão pessoal, a tal influência que podes ter ou tentar ter, pois cada criança é uma pessoa, que já tem muito de si própria. Em termos sociais, vejo-me numa situação... Tenho um filho, que vai fazer 6 anos.

Esteve em causa fazer outras coisas, mais pessoais, tanto relacionadas com o ser humano, como comigo própria.

Neste momento estou numa fase em que tenho uma certa necessidade de voltar a ter um papel mais ativo na sociedade onde estou inserida.

Apesar de considerar que cada pessoa pode sempre fazer algo, é evidente que quando associada a outras pessoas, o que pode fazer é muito maior.

Por exemplo, na celebração do Dia Internacional da Mulher eram pouquíssimas as iniciativas feitas em Santa Maria, e eu desafiei a Cristiana, que aceitou. Saiu de nós, como 'indivíduas' desta sociedade. Propusemos e foram feitas frases que passaram repetidamente, durante o dia 8 de Março, na Rádio Clube Asas do Atlântico. Frases sobre a distinção, que ainda existe, relativamente às mulheres trabalhadoras, as diferenças salariais, as diferenças de horários de trabalho, as diferenças de empregabilidade. Isso foi um desafio, ainda uma pequena parte. É evidente que teve de ser associado a um Clube que permitiu essa divulgação e que fez chegar a mais pessoas.

As pessoas podem participar, por pouco que achem que estão a fazer. Esse pouco pode, sempre, transformar-se em muito. É evidente que em termos associativos, esses poucos, muitos poucos, juntados a muitos, podem fazer toda a diferença.

### *A marca mais positiva da vida*

O ser maria-rapaz! E fazer sempre aquilo que gostava de fazer.

Há dois anos levei o poema 'Calçada de Carriche'. Levei-o loja a loja. Abria o papel e dizia o poema. E houve lojas em que chorei mais do que outras! Foi uma atividade pessoal. No dia 8 de Março não posso que passe assim, sem nada.

Também já pensei ler a 'Calçada de Carriche', pedir muitas desculpas ao António Gedeão e rasgar o papel. É um exorcismo aquela marca tão pesada, tão cíclica de que a mulher está sempre ali.

Dá-me mesmo vontade de o fazer, ler a 'Calçada de Carriche', pedir muitas desculpas ao António Gedeão e rasgar o poema.

Gostava mesmo!

Maria do Espírito Santo Ferreira, São Miguel, 56 anos

## História de Vida
## de Maria do Espírito Santo Ferreira

Chamo-me Maria do Espírito Santo Penacho Ferreira.

Tenho 56 anos, sou casada, mãe de nove filhos tudo pescadores, 6 rapazes e 3 raparigas.

Já trabalhei na pesca, já fui pescadora.

### *Não se podia sair de casa, mas eu saía*

Saí da escola muito nova, já trabalhei muito na minha época de pequenina com os meus pais. Depois comecei a ajudar o meu marido e os meus filhos.

Continuei muito feliz com os meus filhos ao pé de mim. Gostei muito de ter os meus filhos. Gostei muito de os criar na altura. Havia muitas dificuldades. Fui mais feliz na criação deles do que agora. Agora eles são casados, já está a mexer mais comigo. Por causa da mudança do Governo, o pescador não pode pescar.

Quando era pequenina, andei na escola. Saía da escola, vinha para casa. Não podia sair porque era uma época que não se podia sair de casa, mas eu saía. Ia ao mar, tomar banho, o meu pai era pescador e quando vinha do mar ia ao musgo, às algas. Tratava o musgo com a minha mãe, estendia, virava para secar, recolhia, botava naquelas saquinhas. Naquela altura chamávamos outro nome, agora é sacas de batata que enchíamos e quando chegava ao final da semana vendíamos para receber o dinheiro.

Quando cheguei à 4ª classe, a minha mãe tirou-me da escola para ajudar em casa.

A gente comia tudo feito em casa e não havia frigoríficos. A minha mãe não tinha frigorífico.

Eu ia ver televisão para casa de uma vizinha. Foi a primeira vizinha que teve uma televisão.

Para outros sítios não íamos, a minha mãe não deixava. A vida era muito atrasada e mais a vida do mar.

### *Na altura em que me criei, não tinha luz eléctrica*

A minha mãe criava porcos, galinhas, matava os porcos quando estavam

grandes. A gente guardava morcelas, chouriços. A carne de porco era guardada, salgada, para a gente ir tirando e comendo quando não havia peixe, porque se havia peixe era sempre peixinho que se comia.

A minha mãe cozia pão à quarta e ao sábado, pão de trigo e de milho. Chegava a sábado tornava a cozer pão para se comer até quarta. Comíamos tudo feito em casa, lavava a roupa na pia. Era tudo em casa, não havia frigoríficos.

A minha mãe não tinha luz eléctrica, era um candeeiro. Era candeeiro que usávamos e acordávamos de manhã com os narizes cheios de fumo preto [risos]. Ainda apanhei isso, apanhei a minha mãe a usar candeeiro, depois é que começaram a usar luz eléctrica e a minha mãe também pôs.

Cheguei a ajudar a minha mãe a ir buscar água a um tanque, que ficava acima da nossa casa, a uns 50, 60 metros. Levantava-me de manhã, às 5 horas para tomar a vez para a minha mãe ir buscar água.

Ainda apanhei a minha mãe a lavar roupa numa ribeira. No sítio onde a minha mãe morava havia uma casa muito grande, com pias. Era preciso ir para lá, esperarmos a vez, para lavar a roupa.

Criei-me assim.

Depois a minha mãe começou a ter televisão e a gente criou-se melhor.

### *Deixaram a escola muito cedo para andar como o meu pai no mar*

Em relação à escola não tinha ordem de estar com os rapazes na mesma escola. Estávamos separadas. As nossas brincadeiras era com pevides de alfarrobas e pedras e a brincadeira dos rapazes sempre foi a bola. Quando a bola vinha para o nosso recreio não tínhamos ordem de pegar nela e mandar-lhes. Só a nossa Professora e a Contínua da escola.

Havia uma Contínua que dava aquele leite de farinha para bebermos com metade de um pão de trigo.

Eu sempre fui de fazer caridade. Havia raparigas da minha escola que não gostavam daquele leite, mas eu sempre fui de gostar de tudo. E dizia-lhes "Vou beber o leite de vocês e vocês vão dar-me metade do pão para eu levar para casa."

Tinha 6 irmãos rapazes. Eu era abaixo da mais velha. A diferença entre mim e o mais velho era de dois anos.

Enquanto eu andava, sempre, com a minha mãe, os rapazes estavam na escola, mas largaram-na muito novos para ir trabalhar para o mar. Não com o meu pai, que

ele nunca teve embarcação. Noutros barcos. Andavam em Ponta Delgada, ao chicharro, às sardinhas. Não havia esses palangres de fundo que há agora. Deixaram a escola muito cedo para andar como o meu pai no mar.

Era uma época de muita pobreza, mas a gente era mais feliz porque naquela época, praticamente tudo vivia era de casa. Fazia-se tudo em casa, pães… Quando a minha mãe cozia o pão, havia vizinhas que diziam "Maria, vais dar-me uma metadinha de um pão" e a minha mãe dava, e é o que eu faço agora. Era pobreza, mas na casa dos meus pais, não havia pobreza porque a minha mãe fazia muita coisa para a gente comer. Havia gente que tinha muito dinheiro e outros que não tinham.

O meu pai chegou a contar-me uma história de quando eu tinha três anos. Ele disse "Maria, tu estás viva por causa do Papá." Deu-me uma paralisia infantil e o médico disse ao meu pai "Com estas injecções, a tua filha vai falar, não vai morrer." O meu pai não tinha dinheiro para comprar essas injecções. Chegou-se ao dono do barco e disse-lhe "Por amor de Deus, vou trabalhar para ti" e depois, suponhamos, ganhava 50 escudos e o dono do barco ficava com 20 para se pagar do dinheiro que emprestou ao meu pai.

Havia preocupações nessa altura. O meu pai chegou a contar-me isso.

### *As coisas que foram mudando*

Nas mulheres mudou muito, elas é que mandam.

Na minha criação o meu pai e a minha mãe é que mandavam. Entre os meus pais não havia violência doméstica. Ele nunca teve violência doméstica com a minha mãe, nunca teve violência doméstica connosco.

Casei-me após cinco anos de namoro e continuei com o meu marido sem violência doméstica.

Na casa dos meus pais, criei-me com os meus irmãos, a dormir todos no mesmo quarto. Dois, três na mesma cama, dois, três numa outra. As caminhas eram separadas. Os meus pais dormiam num quarto à frente.

Casei-me, tive uma casa só com dois quartos. Criei os meus filhos todos num quarto. As minhas raparigas noutro quarto, e nós, os pais, no quarto de hóspedes. Peguei-me em mim para ter as raparigas sozinhas num sítio e os rapazes noutro.

Até me casar, com os meus vinte anos, toda a gente comia em casa. Fazia pão na quarta para comermos ao sábado. As galinhas eram criadas em casa, para comermos. Em dia de festa a gente matava, para comer naquele dia que era a festa da Páscoa e da

nossa festa grande de Rabo de Peixe, da Nossa Senhora do Rosário. Era nessas duas festas que comíamos carne e galinha. Criámo-nos com carne de porcos que a minha mãe matava. A minha mãe fazia as morcelas, os chouriços, a caçoila.

As morcelas, os chouriços, era naquelas coisinhas de loiça. Punham-se ali, para a gente comer quando não havia peixe. Mas quando havia peixe...

Naquele tempo íamos às lapas e já era uma refeição.

O meu pai andava ao musgo, às algas, para vender.

Ouvíamos dizer que a medicação era feita daquele musgo. O meu pai andava, coitado, no mar aos chicharros, depois vinha do mar e ia mergulhar ao musgo. Havia pedras com musgo, eu ajudava-o. Ia ajudá-lo com a minha mãe. Enquanto ele estava a mergulhar, estávamos ali à beira.

Na beira-mar estendíamos o musgo, virávamo-lo ao sol. Quando tivesse muita quantidade ia vender, era muito bom aquele dinheiro. O musgo dava-nos um dinheirinho. A gente dormia com o cheiro a musgo. A minha mãe tinha um quarto onde guardava o musgo, tinha um armário grande e a gente dormia aí, com aquele cheiro, era muito bom. Criei-me nisso.

### *Aprendi a nadar nessa altura, naqueles bocadinhos de mar*

Agarrava-me às pedras e aprendi a nadar. Para lapas nunca fui especial, a minha mãe é que apanhava. Para lapas nunca fui, para musgo eu apanhava.

Nessa altura era muito feliz, havia umas bagas verdes que pareciam favas. Comia muito disso, estava apanhando, estava comendo. Para mim era uma alimentação.

Eram as favas, favas de musgo!

E dentro daquele musgo vinham como que uns caranguejos muito pequeninos que ficavam assados com o sol e enquanto apanhava musgo comia aquilo.

### *Conheci o meu marido na mesma rua*

Ele chegou-se para um canto, era assim que se dizia na altura. A minha mãe perguntou "O que é que aquele rapaz está fazendo ali?" e eu disse "Olha não sei."

Eu tinha um irmão que andava no mar com ele. O pai dele tinha uma embarcação. E a minha mãe fazia a rede para o meu sogro, para os cofres, para apanhar lagostas e ensinou-me "Maria, vais aprender e vais ajudar a Mamã a fazer, que isto tem de ficar pronto para eles fazerem os cofres."

E ele vinha trazer as redes para a minha mãe e eu fazermos.

Sei que ele ficava ali com o meu irmão. Estavam na mesma escola, mas ele depois desistiu da escola para andar no mar e o meu irmão continuava a andar no mar.

Ele olhava muito para mim e disse ao meu irmão "Estou a gostar da tua irmã."

E eu disse "Mas eu não gosto dele." Mas a minha mãe disse assim "Esse rapaz não tem vícios."

Naquele tempo não havia vícios, os rapazes solteiros não tinham vícios. Não havia dinheiro.

"Aquele rapaz é bom rapaz", dizia ela.

"Mas eu não gosto dele."

Mas passando o dia-a-dia a conviver, ele vinha com o meu irmão e foi a conviver um com o outro até hoje e será até acabar.

### *O meu marido, quando foi, já me deixou grávida*

Casei-me. No primeiro ano vivi com os meus pais, seis meses. Ao fim de seis meses, o meu marido foi para pesca de bacalhau. A gente comprou uma casinha e o meu marido, com medo de dinheiro para pagar a casinha, foi para a pesca dos bacalhaus ganhar dinheiro para a casa. Pagámos a nossa casa. O meu marido, quando foi, já me deixou grávida de seis meses. Quando veio, o meu rapaz já tinha dois meses. Depois tive mais um rapaz quando ele chegou, depois um outro. Todos os anos assim.

### *Mulher na pesca. Ajudava o sogro, o marido e os filhos*

Depois os meus rapazes começaram a ter 10, 11 anos, já começaram a trabalhar no mar, pus o meu primeiro filho, com dez anos a trabalhar no mar, com o pai e com o meu sogro, sempre com o meu sogro.

O meu rapaz ia para o mar, depois o outro fez dez anos, também para o mar e sempre assim. Tive os meus filhos todos a trabalhar para o meu sogro. Os meus 6 rapazes e outros pequeninos. O meu sogro já não tinha barco. Um trabalhava para um vizinho meu, outro trabalhava para outro. O meu marido começou a trabalhar com um irmão seu, porque o irmão tinha um barco e depois eu fui experimentar ir à Secretaria ver se ajudavam a comprar um barco. A Secretaria ajudou, mas o barco era muito pequeno. O meu marido desistiu e comprou outro maior.

Esse grande foi meu.

Eu trabalhava para o meu sogro. Depois comecei a fazer iscas, aquelas cabeças daquelas iscas que se salgam para comer.

Aí é que eu comecei a trabalhar e ajudar o meu marido e os meus filhos.

Fui muito feliz na criação deles pequeninos, porque era tudo para casa, havia muito peixe, o pescador trabalhava da maneira que queria. A gente trabalhava da maneira que queria, rede à costa, fora da costa, onde pudesse trabalhar, havia muito peixe.

Agora, na criação deles casados, grandes, com os meus netos, a sofrer como eles continuam, com aquela embarcação. Eu continuo com a embarcação, senão não continuava, já tinha desistido.

O meu marido já é pensionista e eu estou à espera da minha pensão também.

Vejo-os a sofrer, vão para o mar e vêm sem peixe, não têm ordem de pescar como pescavam antigamente.

***Antigamente a pesca era mais feliz. Naquela altura havia pobreza, mas não havia tanto stress***

Naquela altura não havia rádio. À hora da pesca e à hora da chegada, íamos esperar e estava tanto mau tempo e nós aflitas, a gente à espera e eles sem chegar. Depois quando chegavam à beira da calçada do porto, víamos tanto peixe e dizíamos "Vocês já chegaram com vida."

Havia tanto peixinho!

Agora não, agora, já do mar, eles telefonam para gente.

"Mãe!"

"Vocês já vêm para terra?"

"Sim."

Peixinho nada...

É assim hoje em dia. Eles saem para o mar e nada! Aqui, principalmente na Vila de Rabo de Peixe, há homens e mulheres com muito *stress*. Vive-se com muita ansiedade.

Naquela altura havia pobreza, mas não havia tanto *stress*, porque agora ganham mais dinheiro, mas, também, é tudo mais caro. Naquela altura não havia. Muita gente não tinha água, muita gente não tinha luz.

A gente não tinha telemóveis, a gente não tinha televisão, a gente não tinha nada. Agora há muita coisa a pagar.

A vida agora, pronto... foi atrasada. A gente com medo dos maridos, não havia ordem de falar com ninguém, mas agora já há.

### *Comecei a conhecer, a ser outra mulher*

Não conhecia nada... Comecei a conhecer desde que entrei na Associação Ilhas em Rede, Mulheres na Pesca. Aí é que comecei a conhecer melhor as pessoas.

Fui à UMAR, a Senhora Clarisse disse-me que havia uma associação das mulheres na pesca. Perguntou-me se eu queria entrar nessa associação. Estavam a formar um grupo de mulheres na pesca e eu disse que sim. Eu só conhecia Ponta Delgada, Ribeira Grande, fazer a vida dos meus filhos, ir a médicos, não conhecia mais nada. Comecei a conhecer. Comecei a ser outra mulher!

Comecei a aprender melhor. Muita coisa que eu não sabia, muitas palavras que eu perguntava o que queriam dizer.

No fim da reunião perguntava o que é que quer dizer. Cidadania era uma coisa que eu não conhecia, aprendi.

Aprendi que, na altura do 25 de Abril, ainda não havia muita igualdade.

Na mentalidade das pessoas de Rabo de Peixe, principalmente a classe piscatória, não havia igualdade. A gente ia para uma praia, tomar banho com a roupa que tinha vestida, com calções de baixo das saias e ficava mal uma mulher usar calças, porque as calças eram só para o homem. Mas um dia fui à praia com o meu marido e ele disse "Maria, tu não vais para a água assim, vou-te amanhar um fato-de-banho."

Um fato-de-banho de saia, que eu mesma, envergonhava-me de usar o fato-de-banho curto. Aí, quando fui à praia, o meu marido disse "Agora tu vais à água" e ainda hoje em dia, vou à praia.

A primeira vez que fui à festa do chicharro na Ribeira Quente, a classe piscatória foi para a água com a roupa que tinha vestida e eu vesti o meu fato-de-banho e aqueles pescadores todos a olhar para mim.

Disse ao meu marido "Não me sinto bem, que está toda a gente a olhar para mim."

"Deixa da mão! Vais ver para o ano como vai ser."

No próximo ano, já fui de fato-de-banho.

Mas na praia de Rabo de Peixe, na nossa classe piscatória, eu ainda tomo banho com a roupa vestida porque a maioria dos pescadores, ainda não pôs na cabeça que para tomar banho é de fato-de-banho. Na classe piscatória já há mulheres que usam fato-de-banho e biquíni nas piscinas, mulheres de idade, raparigas novas, solteiras.

Mas aqui, na nossa área, da classe piscatória, na nossa doca, ainda não tomam.

***Eu acho que ainda não há igualdade...***

As raparigas novas já têm, já podem conversar. Na minha altura não podíamos conversar com os vizinhos. Elas já conversam, já está muito diferente, não havia o que há agora.

Está muito diferente mas o marido não pode discutir com elas que é logo polícia. Há muita igualdade e por causa dessa igualdade, também há homens maltratados.

Naquele tempo que criei os meus filhos e os meus filhos iam para o mar, quando eles chegavam, já tinha a comida na mesa. Já tinha a alimentação quente na mesa, tinha a toalha de baixo e a toalha de cima, estava tudo em travessas e os pratos postos.

A nossa criação foi assim, o nosso marido a vir do mar e estava tudo pronto: roupas, uma pana de água. Punha-se a água ao lume. Não havia casa de banho. Era na cozinha, a pana cheia de água para eles tomarem banho. Com muito custo, chegava a hora de fazer a comida, fazia a comida. Já tinha tudo na mesa, à espera deles, até por cima da toalha punha um édredon grosso para a comida ficar quente, não tinha micro-ondas. A comida estava pronta à espera deles, chegavam do mar, tomavam banho, sentavam-se a comer.

Hoje dizem às mulheres deles "Minha rica mãe, a nossa comida estava à espera da gente. Agora a gente espera." Mesmo hoje em dia, a comida espera pelo meu marido e não o meu marido pela comida.

Quando as minhas noras dizem aos meus filhos "Não apareces para ajudar com o meu filho!"

Eu tive 9 filhos e o meu marido não ajudou em nenhum, nem um!

E quando tinha os meus três bebezinhos, acabava de dar banho a um, o outro chorava, um dava leite, cama! Outro a tigela de comida, sopa, sopa de couve e feijão. Não era sopa ralada que eu não fazia. A farinha era torrada em forno, farinha de milho... Criei os meus filhos assim.

Agora acho muita diferença, estas crianças, estas raparigas jovens já não querem pôr ao lume. É mais à base de comprar comidas feitas. Eu não.

A criação que tive com os meus pais foi a que tive com os meus filhos e continuo na mesma. Já não cozo pão, nem há fornos para isso.

Compro pão de trigo e pão de milho, mas faço.

### *Quis dar escola à filha mais nova, porque os homens já estavam grandes, casados*

As minhas raparigas começaram a criar-se, as mais velhas tirei-as da escola para elas me ajudarem na vida em casa, a tratar dos irmãos.

A mais moça, queria dar-lhe escola, ela é que não quis. E agora está na escola, depois de casada, mãe de um filho e eu fico a tomar conta dele.

As minhas filhas mais velhas dizem "A mãe tirou a gente da escola e a ela a mãe está dando."

Essa mudança foi para me ajudar na casa, que era tudo homens e eu tinha de trabalhar, lavar roupa na pia, estender, apanhar, engomar.

Quis dar escola à filha mais nova, porque os homens já estavam grandes, casados, independentes. As outras já estavam a trabalhar e a mais nova não precisava dela para trabalhar em casa. Quis que ela continuasse na escola e ela não quis.

### *Fiz aos meus filhos o que a minha mãe nos fazia*

A minha mãe era amiga de fazer massa sovada, bolos lêvedos, malassadas, isso eu faço para os meus filhos.

A última vez que fiz, pus a minha nora a fazer. Disse-lhe "Um dia que eu falte, quero que vocês façam o mesmo para os meus filhos, porque eu fiz aos meus filhos o que a minha mãe nos fazia."

É importante, eu tenho um filho embarcado para o Canadá. Aquele filho todos os dias chora pela mãe. "Mãe, o que é da alimentação que a mãe dava à gente?" Não é esses doces de agora feitos nas lojas, eram doces mesmo feitos em casa, malassadas, massa sovada. Era isso que eu fazia em casa para os meus filhos comerem.

Hoje, como ele está longe, dou-lhe amor e carinho, o retrato dele, a gente a falar no Facebook, cara a cara, mas tem meses que não falo, porque fico muito doente. Ele chora, eu choro.

"Mãe, Santa Mãe, estou a fritar os chicharros que tu mandaste."

"E eu estou a fritar igual a ti."

Tenho 14 netos. Todos eles casados e moram pertinho de mim. Tenho um que vive comigo, tem uma menina.

Hoje estou a fazer um cozido à portuguesa para eles todos comerem. É com muito custo. Se eles não têm, eu também não tenho, que estou a viver da reforma do meu marido.

### *As mulheres aflitas, a hora deles chegarem e nada*

Sou dona da embarcação, mas só de nome, os meus filhos é que vão para o mar trabalhar. Tenho filhos que não têm cédula marítima, precisam dela. Têm de ter o 9º ano e onde é que eles vão tirar o 9º ano?

O meu pai, o meu sogro, o meu marido, os meus filhos mais velhos têm a sua cédula marítima sem ter o 9º ano. Os meus dois filhos que têm cédula marítima fizeram um curso, agora nem isso há, porquê? Eu gostava que o Governo ajudasse agora os jovens, a escola à noite, saberem ler e escrever. Para que é o 9º ano para a pesca? Que a pesca é uma coisa fácil, toda a gente sabe pescar.

Fica lá muita gente por causa do mau tempo ou alguma coisa que acontece no barco.

Eu era solteira quando houve aqui umas ondas muito grandes. Estava toda a gente a gritar, homens, mulheres, gente a sofrer, como já disse à espera que eles viessem do mar com o mau tempo. Tenho uma recordação de um barco, o meu sogro dá à costa com o barco na Ribeirinha, o tio do meu marido dá à costa com o barco nas Capelas e o meu marido disse para o pai "Pai, o meu tio já faleceu."

Os trajos estavam todos na água. Chegaram aqui ao porto, todos eles nus, o cabo do mar pegou no seu casaco e cobriu-os e aí é a morte, ou morrer ou viver.

Noutro barco, estavam as mulheres aflitas, era a hora deles chegarem e nada e nós a ver o cabo do mar e as pessoas que trabalhavam na lota, uma casinha pequenina. "Os barcos já não aparecem" e o cabo do mar disse "Ó mulheres, vocês não digam isso."

Por fora das Calhetas de Rabo de Peixe, a gente viu os barcos a chegar e o cabo do mar chegou e disse "Olha os barcos já estão chegando, eu não dei o alarme a vocês mais cedo por causa do alarme destes dois barcos, mas ouvi dizer que a embarcação Os Cágados, deu à costa na Ponta da Cabra e está tudo morto."

Eu também passei por isso.

### *A nossa história foi muito triste.A gente já não passa por isso, naquela altura era assim.A Estação Costeira foi o melhor que veio para o pescador*

Estava bom, eles iam para o mar, mas se vinha mau tempo e eles já estavam no mar, apanhava-os no mar. Agora não, agora têm televisão, às tantas horas dá mar de 4 metros, tempestades de 40 a 70 km, não vamos. E tem a Estação Costeira Porto de

Abrigo que foi o melhor que veio. Se houver uma avaria ou estivermos num sítio que não apanha telemóveis, telefonamos para a Estação Costeira que entra em contato com eles e dá a notícia.

Há um ano, numa embarcação houve um senhor muito doente do coração, a Estação Costeira telefonou para o helicóptero o ir buscar. Foi a Estação Costeira que comunicou com o helicóptero e depois com a esposa do armador e já estavam todos no hospital à espera do helicóptero. O melhor que veio, foi a Estação Costeira, para o pescador.

### *A UMAR e o apoio à mulher*

Há muitas mulheres que já não estão a sofrer muita violência doméstica, desde que há a UMAR do apoio à mulher. Gostei muito que houvesse isso porque havia muita violência. Agora discute mulher e marido "Eu vou-te acusar! Eu vou ao apoio à mulher!" e eles, coitados, param logo, já não fazem nada.

### *A gente trabalhava não era para ganhar, era para ajudar*

Havia uma senhora que trabalhava mais do que os seus trabalhadores. Ela safava trole, fazia tudo. Se um trabalhador dizia "Não posso, hoje não vou para o mar", ela, coitada, metia-se a fazer para o marido não discutir com ele.

Ela sofria muito com o marido por causa dos trabalhadores. Ela ia à lota, já morreu, trabalhava muito, não era para ganhar, que a gente trabalhava não era para ganhar, era para ajudar.

Para ajudar as nossas mães, os nossos filhos, os nossos maridos. Ela ajudava os seus trabalhadores para o marido, quando viesse do mar não se chatear com os trabalhadores... E ela aguentava o marido.

### *A felicidade é quando os vejo todos juntos comigo*

Um dos momentos mais felizes da minha vida foi quando criei os meus 9 filhos, sentia-me feliz a trabalhar sem estar doente, a fazer as coisas a 100 por cento, criei-os muito bem criados, todos a peito, sem leites de farmácia, gostei muito de os ver chegar do mar com o pai, vê-los comer na minha mesa.

Agora felicidade é quando os vejo todos juntos comigo, casados, todos juntos comigo. Não há ninguém separado, eu convivo com eles. Vêm do mar, está tudo junto aqui, uns falam da pesca, uns falam da vida.

"Dina, ó Dina, já cortaste o repolho e a cenoura? Podes pôr a cozer no tacho?"

Virgínia Pereira, Terceira, 77 anos

## História de Vida de Virgínia Pereira

Nasci na Terceira.

Na cidade Património Mundial da Humanidade. Sou uma terceirense de meia tigela porque não gosto de toiros.

O meu nome é Virgínia Maria Borges Pereira. Pereira da minha mãe e Borges do meu pai. Tenho 77 anos, nasci a 25 de Abril de 1937. Passei esses anos todos, sempre no 25 de Abril, a fazer anos. [risos] Todos, todos. Tenho essas fotografias de aniversários porque como era a mais nova de uma família de 6 irmãs, esses aniversários eram muito festejados. Eu era a mais novinha, já não devia ter nascido. Pelo menos acho que já foi muito tarde, porque a minha mãe morreu quando eu tinha 10 anos. E foi um bocado doloroso. Disse à única irmã solteira que eu tinha nessa altura, "Tu agora é que vais tomar conta de mim." e ela disse "Pois claro. Então, como é que há-de ser?" E foi a minha mãe durante esses anos todos e conservei esse sentimento que não era bem consciente, de ela, no fundo, ser a minha mãe, embora eu soubesse que era minha irmã. Dois rapazes morreram.

Estudei e duas das minhas irmãs também estudaram. A Maria, aquela de quem vim, depois, a tomar conta, estudou. Fez os cursos completos de dia e de noite, e, depois, o meu pai queria que ela fosse professora. Ela disse "Não quero ir mais estudar. Quero ir aprender a costurar.", e aprendeu costura. Toda a vida fez a minha roupa, a dela e a das irmãs.

Fiz a Primária e depois o meu pai não queria que eu estudasse porque eram muitos filhos e ele não podia.

Então a minha mãe Maria disse-lhe "Ela quer estudar e ela vai estudar. O pai tenha paciência mas ela vai estudar." Ele lá gaguejou com ela, mas eu fui estudar.

Estudei na Terceira, fui para o Magistério Primário com 17 anos. Acabei o curso e fui imediatamente colocada no 1º concurso que houve. Nunca tive falta de trabalho.

O meu percurso foi esse, com pouca vontade de ser professora.

O meu pai, entretanto teve uma trombose e era preciso ganhar dinheiro, pôr dinheiro em casa. Muito simples... "O Magistério Primário? Eu devia era ir para a universidade.", dizia eu assim, toda peneirenta.

Tinha as notas melhores que havia, essas manias assim que a gente tem naquelas idades e, quando alimentam em nós isso, porque os professores diziam "Ai, esta menina é muito boa aluna, esta menina tem que estudar...!" e lá fui e tive sempre boas notas. Tirei boas notas e fui trabalhar com muito má vontade, muito má vontade. Eu queria ter um Curso Superior, pronto.

Sei lá em que área! A gente era muito ignorante. O Curso do Magistério dava-nos pouca formação.

A minha escola paralela fui fazendo mais tarde, aquilo que eu aprendi da vida, aquilo que aprendi depois, é que foi a minha universidade. No Magistério a gente aprende assim umas coisas de Psicologia, Pedagogia, Didáctica...

### *A JOC*

A JOC foi uma escola paralela. Havia colónias de férias, no Verão. As jovens das organizações iam. As minhas irmãs tinham sido da JOC. Havia colónias de férias e convidaram-me para ir a uma e gostei muito daquilo, não era da Juventude Estudantil, era da Juventude Operária. Entrei ali de cabeça, fiz ali amigas. Estava disposta a participar em todas as colónias de férias que houvesse. Mas depois vieram dizer-me que a JOC, o Movimento "Juventude Operária Católica" tinha falta de dirigentes e precisava de constituir equipa para o novo ano e, assim, um pouco ingenuamente "Se tu quisesses ir para a JOC e tal, podias pegar no grupo, é preciso uma pessoa que seja capaz de estudar, de trabalhar." Eu disse "Não sei nada disso, mas posso fazer." E de facto fui. Disposta a que, quando houvesse uma 'presidente do meio', como eu dizia, eu saía, porque eu não me considerava daquele meio.

Na minha casa, o meu pai era um trabalhador, a minha mãe era uma mulher doméstica, as minhas irmãs, umas tinham estudado, outras eram domésticas e eu considerava que não tinha muito a ver com aquela gente, porque devia ser era Universitária. Não era operária.

Ora um dia, chego a um Conselho Nacional e a Presidente Nacional da JOC, que era muito decidida, uma mulher muito inteligente, uma mulher de cultura, operária, virou-se para mim e disse-me "Então, tu estás a dar-te bem na JOC e tal?"

"Eu estou na JOC de passagem, estou na JOC enquanto não houver uma dirigente à altura para pegar nisto, porque não pertenço a este meio. Eu não tenho nada que fazer aqui." E ela disse "Ah sim? Se tu não tens nada que fazer cá, também não fazes falta nenhuma." [risos] E eu vim para cá, mordi naquela conversa. "Não fazes falta

nenhuma?" Porque é que eu não hei-de ser da JOC? Mas afinal o que é que o meu pai faz? Qual é o nosso meio? Eu tenho é que conhecer o nosso meio, porque afinal sou originária dele. Tenho que conhecê-lo melhor com as suas realidades, as suas coisas, os seus sofrimentos, as suas alegrias. E foi então uma caminhada por aí fora, dentro do Método. Passei a ir a todos os Conselhos Nacionais e fiquei ali, de pedra e cal.

Compreendi uma coisa muito simples: não era melhor do que ninguém, e portanto estava naquele trabalho podia servir naquele trabalho e servi o melhor que pude, o melhor que soube.

A JOC tinha orientações claras para levar os jovens trabalhadores a descobrir as realidades quer ao nível do seu meio familiar quer de bairro quer de fosse lá o que fosse em que o jovem estivesse inserido. Ele devia fazer um esforço para descobrir a realidade e estar ao serviço dos outros trabalhadores, era isso. Nunca estive no meio fabril mas um dia fui pedir trabalho a uma fábrica e o patrão começou a rir-se "Mas a senhora não é professora?"

Eu disse "Sou, mas eu gostava de trabalhar numa fábrica, um tempo."

E ele "Não me venha com tretas." [risos] "Isso não! Não me venha com tretas."

Eu era ousada e ingénua e também queria ver a reacção. Tinha amigas que trabalhavam lá e queria ver a reação dele perante uma professora que faz isso. Queria dar-lhe uma lição que ninguém é melhor do que ninguém.

A gente fazia uma coisa que se chama a Revisão de Vida, que é aquilo que a Igreja, antigamente, chamava Igreja em Mundo Operário. Igreja que parte da realidade para dar uma visão de fé sobre a realidade, que aprofunda mais do que aquilo que se vê, que vê para além daquilo que se vê e que é capaz de descobrir, num jovem trabalhador, deformado pela miséria e pela ignorância, pelo álcool, um verdadeiro homem e um verdadeiro filho de Deus. E então, por isso, a gente passava por um processo que nos treinava, que era a Revisão de Vida. Era levar situações da realidade, era escolher uma para aprofundar, era descobrir como agir naquela realidade. Era aprofundar aquilo que havia de leis de trabalho. Era vê-lo com olhos de fé.

### *Tinha menos cultura operária do que outras, mas tinha boa vontade*

Durante muito tempo, achava que ser professora era um impedimento para ser uma verdadeira rapariga da JOC, aquilo que se chamava uma JOC'ista. Não gosto desse nome, mas era assim que se chamava. Portanto eu encarava assim, ao ser professora, não era como as outras. Porém deu-se o movimento contrário, no lugar de

me querer distanciar, quis aproximar-me. E por ser professora elas diziam "Esta é professora, esta é intelectual, esta é não sei quê..." e eu ficava danada com aquilo. Mas eu tinha facetas assim, de facto lia muito, documentava muito, mas gostava de ler e da filosofia das coisas, do estudo do ser humano, porque as pessoas têm a vida assim ou assado, da história do movimento operário, como é que isso se foi desenvolvendo.

Tinha menos cultura operária do que muitas outras, mas tinha boa vontade. Foi a minha universidade, paralelamente com outras coisas. Tinha um assistente que dizia "Vocês não pensem que são o Movimento Operário. O Movimento Operário é muito vasto e abrange muitas profissões. Vocês são um grupo cristão que tem necessidade de se inserir com mais vontade e empenho junto de outras pessoas (sejam cristãs ou não), tem necessidade de dar esse mergulho."

Isso foi muito importante porque fez com que, no 25 de Abril, nós não fizéssemos escolha com quem estávamos ou deixávamos de estar, daí que havia muita confusão na cabeça das pessoas. "Elas vão para o PC, para aqui, para acolá, elas andam com estes, pessoas com má fama, sem educação..."

Mas de facto foi uma coisa que nós descobrimos...

### *A fama de que eram comunistas*

Vinha muito de pessoas de dentro da igreja. Víamos que a nossa linguagem era uma coisa que os cansava, que lhes entrava por um ouvido e saía por outro. Por isso, foi difícil dentro da própria igreja, e houve gente que se reuniu, gente da LEC [Liga Eleitoral Católica] e não só, para avaliar o trabalho dos movimentos operários para verem o que tínhamos de mal e se tínhamos algo que fosse contra a doutrina do Evangelho.

A LEC, sim. Houve um movimento de professoras, uma delas que foi desse movimento e depois presidente do Sindicato dos Professores e até foi Directora Regional da Cultura, portanto passou o escalão todo do poder e nós ficámos sempre cá em baixo, que era um lugarinho muito bom... Era onde se queria estar.

### *O 25 de Abril*

Nessa altura já tínhamos feito muitas coisas, de maneira que aquilo foi uma grande esperança. Já tínhamos feito a alfabetização com pescadores pelo método Paulo Freire, já tínhamos constituído a Universidade Popular em São Mateus, fomos buscar gente que tinha saído do ensino, sem escolaridade obrigatória completa e que

precisava de a completar para ter acesso a outros empregos e até para tirar cursos. E dessa Universidade Popular saíram Professores Primários. Pelo menos dois saíram. Já tínhamos essa experiência toda, olhe, plantaram-se em minha casa no 25 de Abril com champanhe a cantar e a fazer barrulho, e pronto foi um dia de alegria. Juntámo-nos todos uns aos outros e começámos a ver o que íamos fazer e a ver de onde soprava o vento e fomos com os outros, caminhando para a frente com coisas certas e erradas.

### *Primeiras acções depois do 25 de Abril*

Começaram-se a formar grupos por todo o lado, primeiro o Movimento Democrático que metia gregos e troianos, montes de gente que queria começar a agir. Depois evoluiu e começaram a nascer os partidos e entretanto fizeram-se grupos profissionais que entraram na descoberta das necessidades sindicais, fazer cadernos reivindicativos, escolher direcções. Começaram a lutar por um estatuto, foi assim. Aquela pasta [*dossier*] está cheia de movimentação da ilha Terceira: estivadores, empregadas domésticas, empregados em garagens, a Empresa de Viação Terceirense...

### *Foi tudo desmantelado, mandaram tudo para a rua, pelas janelas*

Depois começámos a formar outros grupos, apareceram mesas redondas. Surgiu o jornal 'O Trabalhador'. O jornal veio das comunidades de base cristã que se juntaram para fazer um boletim paroquial, que fazíamos sair mensalmente, e começaram a dar mais voz às pessoas. Aí começaram a aparecer as necessidades: creches e jardins-de-infância para todas as crianças, política de solos, etc. e por isso, este jornal levantou uma raiva nesta terra, que foi tudo desmantelado, mandaram tudo para a rua, pelas janelas.

Foi queimada a sede do PC, foi desmantelada a sede do MDP-CDE [Movimento Democrático Português – Comissão Democrática Eleitoral]. Isto foi um factor de raiva da reacção, porque nessa altura já tinha aparecido o separatismo, já se fazia vigilância popular, porque já andavam a fazer vandalismo aqui e acolá. Claro que os de esquerda também fizeram tolices. Considero que se fizeram algumas tolices que não se deviam ter feito, mas aquilo era uma época de paixão, uma paixão, às vezes, violenta.

Fizeram-se mesas redondas em lugares insuspeitos, por exemplo, no Seminário de Angra do Heroísmo para debater a independência de Moçambique; fez-se uma mesa redonda para debater o trabalho e o custo de vida, em que estiveram presentes

vários sectores que depois avançaram com Cooperativas, no que diz respeito ao leite e à carne. Fizeram-se assim coisas boas e bonitas. Lembro-me que tínhamos um talho popular.

[Lê num jornal] O fascismo não passará porque o povo não deixará.

### *A Universidade Popular*

Mas ainda antes do 25 de Abril, aconteceram coisas muito importantes, como a Universidade Popular e a Alfabetização.

A Alfabetização foi uma experiência muito bonita, que a mim, me encheu as medidas. Começou-se por questionar quem na freguesia teria pena de não ter aprendido, e teria vontade de aprender a ler e abriu-se essa possibilidade. Apareceram e começámos a trabalhar com eles com o método Paulo Freire. Era um pequeno grupo de homens e, pelo menos, duas mulheres, uns mais novos, outros mais velhos, mas todos com vontade de aprender.

O primeiro debate foi 'Natureza e Cultura', o que era natureza e o que era cultura, porque queríamos que eles percebessem, que tudo, ou quase tudo neste mundo é tocado pela mão do Homem, para o transformar, é portanto obra da cultura. Por exemplo, esta mesa é obra da cultura, porque foi buscar-se a árvore, trabalhou-se a madeira, quase tudo é obra da cultura. A natureza é aquilo que, sozinho, se desenvolve e se propaga, mesmo que possa haver a intervenção do Homem na origem. Por exemplo, plantar, o acto de plantar. Os nossos alunos eram pescadores e havia um homem que sem saber ler e escrever nos ensinou a traçar as coordenadas no mar.

### *Quando rebentou o 25 de Abril, essa gente de São Mateus estava preparada para intervir*

Foram 3 pessoas, a que depois se juntou, pelo menos, mais uma, de Angra. Eram todos professores, menos um que era padre, da freguesia de São Mateus. Começaram a pensar em rapazes que tinham capacidades para poderem ter ido mais longe nos estudos, que poderiam ter a escolaridade oficial obrigatória feita e não tinham passado da 4ª classe. Então abordámo-los e conseguimos logo formar um grupo que começou a estudar as matérias para poder fazer o Ciclo Preparatório, ali no Forte de São Mateus. Estudavam juntos lá, trocavam materiais, trocavam livros, pediam emprestado. E estes professores fizeram um trabalho com os rapazes de modo que no fim do ano eles estavam prontos para fazer o ciclo preparatório com êxito. Claro que no ano

seguinte lançaram-se no secundário, a estudar as matérias do secundário. Só que esse grupo tinha possibilidade de raciocínio e capacidade de crítica, e começámos a pôr-lhes questões que puxavam pela cabeça. Começámos a pôr informações que davam para conversarmos, sobre a guerra colonial e informações das coisas que a gente recebia, algumas de fora, sobre as situações de trabalho. Sobre milhentas coisas.

Então eles evoluíram bastante, porque tinham capacidade para isso e no ano seguinte já foram para o programa do 5º ano. Então pedimos ajuda de alguns professores do Seminário para ensinar. No fim do ano fizeram o seu exame, passaram e tiveram boas notas e ficaram com o 5º ano completo.

Entretanto o ano deu para muita conversa e discussão, porque a gente não sabia estar com eles só a dar coisas para eles empinarem. Isso tinham feito connosco os nossos professores, e nós, com eles, isso não fizemos. Ensinámos matéria de reflexão e de crítica.

Quando rebentou o 25 de Abril, essa gente de São Mateus estava preparada para intervir e passou a intervir em assembleias populares em que se jogavam, por exemplo, eleições do Rádio Clube de Angra, eleições aqui ou acolá, logo não eram os Sindicatos, eram outras organizações e sociedades. Alguns até se fizeram sócios de algumas coisas, para poderem participar e foi assim que avançámos na consciência colectiva do grupo.

### *A primeira vez que se celebrou o 8 de Março*

O 8 de Março foi uma mesa redonda orientada por mulheres, para uma assembleia mista de homens e mulheres. Pedimos, outra vez, o seminário emprestado e toca a preparar a assembleia. Era falar e aceitar debate sobre sindicalismo e ensino, sobre que expressões de autoridade e fascismo apareciam nas Escolas, nos Sindicatos e noutras estruturas. Foi a primeira vez que, à volta do Dia Internacional da Mulher, se debateram esses temas orientados e provocados por mulheres. Uma dona de casa falou para provocar a iniciativa das mulheres domésticas, uma professora falou para provocar a acção de toda a gente e não apenas dos professores, dos pais e da população em geral, do que estão a fazer aos seus filhos, e então foi explicado que as nossas escolas informavam de coisas graves e uma delas era aquilo que se ensinavam aos miúdos e os textos que liam.

### *Ida para Lisboa*

Fui em Setembro 1975, porque entretanto os ataques começaram a crescer por todo o lado. Nós éramos poucos e tínhamos de nos repartir. Às vezes estávamos todos em tudo. Eu estava nas Assembleias dos Empregados de Escritório, com Empregadas Domésticas, fui à Praia [da Vitória] de propósito trabalhar com as empregadas dos Americanos. Fui a São Mateus falar com senhoras bordadeiras em casa. E portanto aquilo começou a aquecer de tal maneira, que já se ouvia dizer que 'O Trabalhador' trazia reflexo dessa caminhada, porque as pessoas, cada vez, escreviam mais para lá. 'O Trabalhador' era valentemente odiado e não só. E as pessoas, concretamente, eram odiadas. Até que no Verão começámos a ver que as pessoas eram perseguidas, em carros, quando saíam das reuniões, das Assembleias, em tudo. Havia pessoas que se infiltravam para fazer discussão de propósito, para destabilizar, para pôr todos nervosos. O Manuel Gabriel foi um deles, que teve de sair por uma das portas do Seminário. Esteve quase a ser levado à Base [das Lajes] e metido num avião.

Fiscais que vieram fiscalizar o que se passava na Empresa Terceirense. Um deles, militar, foram buscá-lo a casa e foi posto no avião com a roupa que tinha no corpo. E fizeram ameaças a outras pessoas. Eu também fui ameaçada e tinha família de uma certa idade e não queria pregar sustos e pôr as pessoas, já idosas, nervosas por causa da minha actividade militante. Quando melhorou um pouco voltei. Ainda tinha a minha escola, voltei para a minha escola. E nas paredes da freguesia de São Mateus apareceu em letras muito grandes "A GENTE QUER A VIRGÍNIA, A VIRGÍNIA SEMPRE FOI PELOS POBRES. POR ISSO OS RICOS NÃO A QUEREM CÁ"

Pode ter sido gente que trabalhou connosco.

Fiquei em Lisboa, um ano, a trabalhar em coisas que me interessavam.

### *A actividade literária*

Escrevia todas as semanas quando tinha a nota da rádio. Aí tinha de escrever todas as semanas, sobre coisas do momento. Veio o Natal, foi sobre o Natal. Veio o Carnaval, foi sobre o Carnaval. Abriu o Hipermercado e as eleições que estavam à porta e portanto fiz um paralelo. Eram textos com uma reflexão pedagógica. Deve ter sido um bocado vício profissional, talvez pedagógica demais. Deixava sempre a interrogação no ar e tinha muito respeito pelas pessoas que liam. Tentava não impingir coisas demasiado violentas, mas, antes, fazer uma reflexão calma e serena e depois no fim lá ia, lá punha a dúvida "Quem sabe se…?"

### *A filosofia de Paulo Freire nas nossas acções*

Há uma coisa que me ficou muito na cabeça e muito bem. Que me entrou na cabeça e não voltou a sair "Nenhum Homem pode viver só para trabalhar com os braços." O certo é que vivem, milhões de pessoas, que o seu trabalho é só esforço físico, só braços, e outros são os pensantes, os que mandam, os que mandam fazer e não têm experiência naquilo que mandam, e mandam porque aprenderam nas universidades, nos meios onde estudaram, nos livros. Não é para pôr de lado os livros, mas aprenderem só assim é muito pouco. Qualquer Homem tem de ter braços e cabeça. Braços para executar e cabeça para pensar.

### *A vivência das mulheres, antes e depois do 25 de Abril*

Isso não é muito simples, claro que as mulheres e as famílias evoluíram imenso porque já não toleram certas coisas que as suas avós toleraram. A mulher procura uma independência financeira e isso é fundamental para a sua sobrevivência como ser humano. Claro que se é um casal, também faz falta o salário da mulher. Não é um suplemento, é um salário. Com dois a trabalhar também surge a igualdade noutras situações: na partilha das tarefas, na educação dos filhos.

Há casais que funcionam muito bem com essa nova visão de responsabilidades. Mas também há famílias tradicionais, em que o homem ainda bate na mulher, violência doméstica. Vemos na TV assassinatos de mulheres, crianças e velhos, que não se pode suportar e que tomou um carácter terrivelmente violento, quanto a mim, por dois factores. Primeiro porque a televisão é muito violenta e os filmes que as pessoas vêem para se entreter são muito violentos. Está espalhado por toda a parte. Segundo, porque há muito desemprego e com o desemprego os homens ficam desesperados e fazem coisas incríveis.

Mas não se chegava assim ao assassinato como se chega hoje, e por coisas sem importância.

Estou a lembrar-me de uma velhinha que era nossa amiga, do meio piscatório. Ela dizia "O meu marido batia-me sempre, vinha com muito álcool e dizia «Não vale a pena dizeres ou não dizeres, tu levas sempre.»" Ela desejava sair de junto dele, mas não podia porque depois ia morrer de fome.

### *Grupos de trabalho só de mulheres*

Durante uns anos a gente só tinha mulheres, as mulheres da LOC [Liga Operária Católica]. Havia uma que agia em jardins infantis. Era muito procurada até pelas pessoas diplomadas que trabalhavam com ela. Era cozinheira e vinham aconselhar-se com ela, sobre atitudes a ter com as crianças, sobre comidas, que ela percebia bastante, e sobre as crianças que ela via, o comportamento delas, que ela também era avó. Havia uma intimidade grande com essa cozinheira que era uma mulher ilustrada, no sentido de ser uma mulher de discussão, de debate, de atenção à vida, de conversar na rua com as pessoas. Era uma militante preciosa.

Havia outra que agia no Hospital, conseguindo sindicalizações, foi a tal que convidaram a ir para o refeitório dos médicos e ela não quis ir.

Havia outra que trabalhava connosco, que era muito da palavra boca a boca e distribuía e discutia o jornal do movimento 'Voz do Trabalhador' com homens e tudo no comércio.

E havia eu nos professores e por ali passava tudo: os problemas e as raízes do ensino, as raízes da dominação que estavam na família e no ensino. Era lá que as crianças bebiam os primeiros golos desse *passivismo*.

Esse trabalho era bom, desmontava o sistema.

### *Fiz o que pude e elas fizeram o que puderam para me ajudar*

Fui [professora primária] 35 anos e 8 meses e tive sempre crianças do meio piscatório em São Mateus durante 26 anos. Uma experiência muito boa. O povo de São Mateus sabe disso, ficou um carinho, uma amizade entre mim e as pessoas de lá. Fiz o que pude e elas fizeram o que puderam para me ajudar.

### *Ir para o Magistério não era bem o que eu queria*

Não queria, mas agora tenho orgulho, pois tenho! Mas também já não aguentava muito mais e apanhei algumas crianças difíceis.

No princípio chegava a ter 30 e tal. Depois foram diminuindo, depois tivemos menos crianças e só duas classes. Foi bom, foi mais humano e podia trabalhar-se melhor. É muito difícil trabalhar com uma 4ª e 1ª classe. A 4ª está de saída e é uma exigência de treiná-los para os exames de admissão que faziam ao liceu e à escola. A 1ª classe é quando a escola tem de ser criativa e viva para aqueles meninos.

[Este desenho] foi um trabalho muito simples. Eu trabalhava no *atelier* de pintura

com grupos de crianças de toda a escola. Até que um dia estávamos para fazer uma exposição e disse "Vocês vão fazer os retratos das vossas professoras, vão para as aulas e vão dizer-lhes "A Senhora Professora quer fazer-me o favor de ficar aí sentada quietinha e eu vou de roda de si a observá-la bem, tudo o que tem, na sua maneira de vestir, na sua maneira de ser e depois vou fazer o seu retrato para uma exposição." Eles foram.

Depois, chegou a minha vez e eu disse "Agora tu, Marco, vais fazer o meu retrato, está bem?", e ele responde "Sim senhora, eu faço.", e eu disse "E então, como é que vais fazer?", e ele disse "Vou olhar para a senhora e ver como é que a senhora é. Para já a senhora é muito pequenina.", e eu disse "Pois claro que sou muito pequenina, e agora?" Ele respondeu "Agora vai ficar diferente das outras professoras.", e eu disse "Isso não faz mal nenhum, não é pecado ser diferente. Mas tens de pôr qualquer coisa, para eu ficar mais airosa ao pé dos outros retratos.", "Ah, põe-se um banquinho" e fizeram isto. Esteve na Casa da Cultura uma temporada grande.

### *Foi uma alegria viver naquele bairro*

Depois do terramoto de 80, a gente esperou como os outros sinistrados esperaram, nas casas das famílias, ou nos lugares mais variados, em garagens, em casebres, num quarto, em casa de alguém. Esperámos em casa de familiares meus e ficámos lá.

Esperámos quase dois anos e ao fim desse tempo conseguimos ter a nossa casa lá no bairro, porque a nossa casa era de aluguer e ficou muito esventrada e a gente sabia lá quando é que a dona ia tomar uma solução quanto àquela casa. Então tratámos de aproveitar a casa que apareceu. Também naquela altura havia muitas casas danificadas e não havia grande coisa para alugar e a gente veio ali para o bairro, e foi uma alegria viver naquele bairro. Embora com problemas, eu vivi lá 20 anos e gostei de lá viver. Primeiro porque tínhamos a nossa casa muita arranjadinha, aquilo era de lata, mas tratávamos dela muito bem. Forrámos o chão, as paredes, muitos tinham também a casa muito jeitosa e bonita. Outros tinham menos possibilidades. Às vezes eram famílias muito numerosas e tinham de se acomodar como podiam, várias pessoas a dormir no mesmo quarto. Foi bom, porque o facto de vivermos ali, juntos, gerou iniciativas, primeiro porque estávamos perto da capela onde tínhamos um padre que era um santo, bondoso, com um coração muito grande. Estava sempre disposto a estar ao nosso lado para fazer isto ou aquilo. Formámos comissão de

moradores e fomos resolvendo vários problemas, um por um: abrigos de autocarro, largo do bairro, uma casa para reuniões, e outras mais.

### *Depois do 25 de Abril, tive que sair dos Açores*

Isso é uma coisa um bocado dolorosa de pegar. Mas o tempo, tudo ajuda a apagar e a relativizar e a perceber, até. Nós, digo nós, porque o meu trabalho foi mais um trabalho de equipa do que um trabalho pessoal. Houve facetas em que tinha que me apresentar sozinha, para moderar um debate ou para estar com um grupo novo de gente que ia começar a trabalhar a nível cultural ou sindical. Portanto, havia ocasiões em que estava sozinha com um público maior ou mais pequeno, com pessoas que eu mal conhecia, mas com quem me meti.

Até me estou a lembrar de mulheres de família, de São Mateus [freguesia piscatória da ilha Terceira], que vieram a um encontro de bordadeiras, daquelas que bordam em casa e levam a bordar muito tempo, com muito trabalho, muito trabalho, e depois recebiam uma pequena parcela daquilo, o que aquele bordado proporcionava. Era muito mal pago o bordado artesanal. Fazia-me muita impressão que as pessoas levassem horas porque as mulheres do campo sentavam-se no estrado a bordar à janela. Juntavam-se umas poucas e até se distraíam, um pouco, umas com as outras. Vizinhas, família ou irmãs, bordavam, às vezes, uma tarde e por vezes um serão. Quando se tratava de recortar bordados, sei de gente que ficava pela noite adiante. Até de gente que trabalhava na fábrica e trazia bordados para casa, para recortar. E estava a dizer que fizemos esta reunião com as mulheres, para contar como é que era feito o pagamento dos bordados, o que é que sentiam perante isso, etc. Algumas estavam *semi-conformadas* porque "A vida é assim. Isto tem que ser. O dinheiro que os homens trazem para casa não é suficiente.", e assim ajudavam. Às vezes, até bordavam para ajudar a fazer o enxoval das filhas.

### *Trabalho individual e colectivo*

O trabalho era de certo recato. Não fazíamos bandeira disso. O menos recatado era com professores porque era aberto, e os professores não tinham preparação sindical nem abordagem a determinados temas e, falar na frente deles, como quem percebe um bocadinho, chateia as pessoas.

Ouvia-se "Não sabia aquilo" ou "Nunca me lembrei de pensar nos livros de texto ou pô-los em causa. Os livros de texto que a gente lê aos miúdos, nunca me

interroguei." Não eram só as mães a interrogar-se, também eram os professores a interrogar-se perante aquilo que a gente usava como matéria de aprendizagem e de formação também. E pronto, se alguma formação a gente fez toda a vida, não foi a formação revolucionária de que fomos acusados. Foi a formação tradicional, as mulheres são para isto, os homens são para aquilo, as vossas mães fazem isto, e as mulheres sempre fizeram isso. E vocês um dia farão isso e os homens têm outras tarefas. Isto é próprio de mulheres e isto é próprio de homens.

Durante anos demos a formação tradicional.

Depois começámos a abrir um bocado, começa a perceber-se, começa a formar-se um juízo crítico. Começam a ler-se coisas, começam a contactar-se pessoas. Não estou a falar em contactar estruturas, mas em contactar pessoas, e o espírito abre-se. A gente percebe em que mundo estamos metidos, em que país estamos metidos, em que ilha estamos metidos, em que grupo estamos metidos.

A JOC também me abriu muito os olhos para situações em que nunca tinha pensado.

Levava-nos longe nesse analisar das coisas, das correntes de opinião. Levava-nos longe e começámos a ter opinião própria sobre as coisas, e depois as pessoas diziam que a gente mudou.

### *Quando aconteceu o 25 de Abril, eu já estava muito mudada, já era mesmo muito lançada para a frente*

[Nos Açores, era vista] um bocado como uma rebelde, um bocado como 'quem tem a mania'. Não sei, não quero julgar as pessoas, sobretudo algumas pessoas.

"Olha aquela tem a mania." Outras respeitavam-me muito, havia quem me respeitasse muito, até mesmo essas que pensavam que eu tinha a mania. Ficavam muito perplexas porque não estavam habituadas a ver professores assim.

### *O Pós 25 de Abril*

No essencial, estaria de acordo com a criação de uma sociedade democrática, tanto quanto possível, autogestionária. Tanto quanto possível. Claro que a gente depois faz muitos apuramentos, contactamos com muita gente, vemos acontecer coisas, tiramos lições daquilo que acontece e portanto vamos percebendo que as coisas não podem ir aos trambolhões. Que as coisas não podem ser assim tão precipitadas. Criticamos os nossos próprios erros, porque há coisas que, reconheço, foram um erro.

Mas também foi um erro fazer as patifarias que se fizeram nesta terra, queimar casas, pôr vidas de pessoas em perigo, estragar materiais, que prestaram serviço e que são precisos para a continuação de serviço, como foi a história do jornal 'O Trabalhador', e sei que posso acender a fúria de muita gente porque ninguém pode esquecer o papel que aquele jornal teve nesta terra. É verdade que 'O Trabalhador' tinha uma linguagem um bocado forte e também era como as pessoas que escreviam para lá. Os trabalhadores que mandavam as suas opiniões, as suas situações, e às vezes seria um pouco, não sei se um pouco, violento. Falar em ditadura não é fazer violência. A ditadura existiu e nós fomos vítimas dela. Portanto, enfim, vai-se caminhando até que se chega.

Agora já tanta gente morreu daí para cá, mas acredito que, no meu caso pessoal, não foi o povo da ilha Terceira, como a FLA, o movimento separatista, [Frente de Libertação dos Açores) dizia. "O povo saberá o que fazer. Se não sair daqui até tantos de tal..." Enfim, dava a perceber que iam entrar numa outra linha mais violenta.

E pronto, o povo sabia lá o que fazer? O povo, às vezes, era arrastado. Pode ter sido arrastado, por nós, algumas vezes para coisas que a gente considerava boas, para uma assembleia, para uma discussão, para uma manifestação.

O povo era arrebanhado com facilidade, para o bem e para o mal. E ainda é. E depois chegou-se a um estado tal que houve pessoas que tiveram que sair daqui. Foram condicionadas e ameaçadas que "Se tivessem amor à vida, tinham que pôr-se a andar daqui para fora." E fomos. Eu fui arrastando a minha irmã. Ainda assim teve muita coragem. Mas também por causa dela, que era a minha mãe, que me tinha criado. Não podia deixá-la atrás, de maneira nenhuma. E até fui mais por causa dela. Eu, se calhar, ainda persistia e ficava para aí, que a gente havia de acabar por se entender uns aos outros. Ao fim e ao cabo é tudo gente e havia gente muito mal informada ao pé de gente muito mal-intencionada, que defendia o que era seu. O que era seu como quem diz. E depois?

Tinha que ir para ao pé de outros fazer uma temporada e, quando pudesse, voltava à minha terra. E voltei. Entretanto também tinha amigos. Não eram os amigos que as pessoas podem pensar. Eram outros, de outra cepa, que algumas pessoas poderiam

pensar que eu me juntaria a gente dos partidos, dos partidos radicais. Nunca estive em partidos nem quis estar. Estive sempre em movimentos que, embora tivessem um projecto político autogestionário, sabíamos que a autogestão é uma utopia, mas pode lutar-se por ela, dando cada vez mais elementos para as pessoas se autogovernarem, crescerem. E eu estava num projecto desses, no ano em que vivi lá, embora doente. Mas mesmo doente, também houve algum trabalho.

### *A educação dada pelo pai e pela irmã*

Ao fim e ao cabo foi mais a irmã do que o pai. O pai tinha a sua mulher que vivia connosco, já se sabe, mas a minha mãe abrangia tudo. Era pai, era mãe, era tudo. Pronto, a Maria tinha uma menina que lhe ficou da mãe, que morreu cedo, e conduziu-a o melhor que pôde, e eu depois fui mãe dela quando ela ficou velhinha. E andei estes últimos 20 anos à volta dela. E deixei um bocado muitas das coisas ou quase todas as coisas em que tinha andado, porque também já não encontrei condições nem de família (porque estava muito presa) e também encontrei todo um ambiente desmantelado e desiludido e foi difícil pegar em alguma coisa para poder fazer algum trabalho. Fiz porque me pediram e o que me deu alegria foi uma crónica semanal no Rádio Clube de Angra. Eu ia gravar a minha crónica e a minha irmãzinha lá ia comigo, de braço dado. Sentava-se lá numa cadeirinha, a ver-me gravar e eu gravava a crónica para a semana.

### *Olho para trás e sinto-me feliz*

Às vezes, muito interrogada e assim, mas sinto-me feliz e sinto que, embora ninguém seja perfeito, estive várias vezes, ou muitas vezes, nos lugares onde devia estar e a fazer o que devia fazer, sem mérito nenhum especial da minha parte. Estava simplesmente e fazia. Aquilo puxava por mim. As pessoas puxavam por mim e eu ia e não era capaz de voltar as costas. Portanto, fiz o que devia fazer. Claro que, à mistura com isso, há muita dor, muito sofrimento, muita solidão. Sim, coisas duras de viver. Às vezes, muita solidão, porque, enquanto toda a gente estava com os seus maridos e filhos, eu estava a fazer outras coisas e a trabalhar. Quando estava a trabalhar, ainda era bom, o pior é quando ficava sozinha. Mas tive sempre boas amizades ao longo da vida. Muito boas. Tenho amizades de cinquenta e tal anos de duração, 50, quase 60 anos de duração. Amizades que eu fiz aos vinte, dos vinte anos para lá e que duram hoje, estão aí 'vivinhas da silva', no continente e algumas delas nos Açores.

Tive muita gente boa que me ajudou a crescer. Estou a lembrar-me concretamente de duas pessoas, que foram assistentes dos Movimentos Operários Cristãos: o padre Manuel António Pimentel e o padre Horácio de Noronha. Foram duas pessoas extraordinárias, dentro do Movimento. Um deles ainda está vivo, que é o padre Horácio. Já anda para aí com oitenta e tal anos.

Trabalhamos anos seguidos, juntos. Também com o padre António Pimentel trabalhei muito. Foram duas pessoas extraordinárias que contribuíram, não apenas para o meu crescimento, mas para o de todos aqueles que nos rodeavam e que tinham ligação com eles para encarar a realidade. O padre Manuel António Pimentel é o homem mais do Mundo e mais de Deus que conheci. Mais do mundo, de perceber a cultura, de ter uma bagagem política e cultural muito grande, de ser um sacerdote santo, um padre santo, do mundo, amigo de rir e de brincar, de falar, de comer e de beber. Pronto, era um grande amigo. De muita gente. Era meu amigo pessoal, mas era amigo de muita, muita gente.

Acho que nós todos nunca lhe agradecemos o suficiente. Não houve tempo para isso. E o Horácio, enquanto for vivo, a gente ainda pode continuar a agradecer-lhe porque ele, com oitenta anos, lá vai fazendo o seu trabalhinho na sua paróquia e assim.

E muitos militantes operários. Conheci muita gente boa que ainda hoje está comigo.

***Os Movimentos Sociais. Já precisavam de inventar novas maneiras de fazer política***

Cada vez mais importantes. Nesta época, está descendo o pano sobre o trabalho dos partidos. Se continuarem a trabalhar como têm trabalhado: a dividir o povo, distantes das pessoas, sem entenderem a linguagem delas, são os doutores que se deslocam, aqueles que fazem discursos, aqueles que pregam, mas que na prática, pronto, já precisavam de inventar novas maneiras de fazer política. Precisavam de ouvir mais as pessoas para aprender com elas a fazer coisas simples e pequenas, embora haja muitas coisas grandes e importantes para fazer neste país, mas que tem que partir de uma base...

Pronto, já estou filosofando...

Há muita gente nos partidos com um valor extraordinário, em todos os partidos. Hoje em dia já não ponho assim, a esquerda para aqui, a direita para acolá. Claro que tenho as minhas opções políticas, mas em todos os partidos há gente extraordinária e gente bem-intencionada e de coração puro. Às vezes, apetecia-me juntar aqueles que não são os perfeitos, mas que são os sérios da política, não os deixar fugir e dizer assim "Vocês aqui têm que trabalhar juntos! E fazem favor de se entender."

Eu sei cá! Daqui a dias morro, eu sei cá, os movimentos sociais o que vão fazer? Mas tenho esperança que, dos movimentos sociais, saia alguma coisa de importante e de sério que, aos poucos, vai fazer caminho. E não interessa a pessoa o que é, a pessoa o que é que faz...

Vocês são as enfermeiras de um parto. Eu nunca tive ocasião de dizer estas coisas, e eu tinha que as dizer.